

Ilustração Brasileira

ANO XLII

MAIO, 1951

NÚMERO 193

Ilustração Brasileira

FUNDADA EM 1909

Edição da S. A. "O Malho"

Grande prêmio na exposição do Centenário, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940.

Órgão oficial da Exposição do Centenário, em 1922, do Centenário da Pacificação dos Movimentos Políticos de 1842, do Centenário do Dois de Julho, da Bahia, do Instituto Histórico nas comemorações do Centenário do Nascimento de D. Pedro II, do Centenário do plantio de café no Brasil, do Centenário da República do Equador, do Cinquentenário do Cerco da Lapa, e do Cinquentenário da Fundação da Academia Brasileira.

DIRETORES:

Oswaldo de Souza e Silva

Antonio A. de Souza e Silva

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Senador Dantas, 15 — 5.º Andar
Telefones: 22-9675 — 22-0466 — 22-0745
Caixa Postal 880 - End. Teleg. "O MALHO"
Rio

PREÇOS DAS ASSINATURAS

(REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da América e Espanha:

12 meses Cr\$ 120,00

6 meses Cr\$ 60,00

Demais países:

12 meses Cr\$ 140,00

6 meses Cr\$ 70,00

Número avulso Cr\$ 10,00

ANO XLII — N.º 193 — MAIO — 1951

NOSSA CAPA

PLENILUNIO

Tela de J. Batista da Costa

A ALFAIATARIA PENA
ESPECIALISOU-SE NA
CONFEÇÃO DE FAR-
DÕES PARA OS MEM-
BROS DA ACADEMIA
BRASILEIRA



PRAÇA GETULIO
VARGAS, 2
ED. ODEON - S. 618
TEL.: 22-8760

ALFAIATARIA

PENA

O ALFAIATE DOS IMORTAIS

ÓCULOS • FILMES

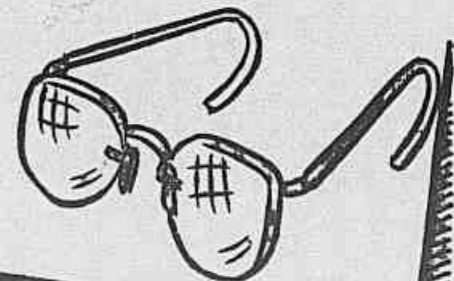
ÓTICA

Continental

SOARES
& GUIDO

RUA SENADOR DANTAS, 118-C
próximo ao Taboleiro da Baiana

TELEFONE
42-4238



Novidade revolucionária em capitalização...

Conheça o **novo** e
exclusivo título de
INTERCAP



Vantagens do novo título INTERCAP:

- 1- CAPITAL DUPLO
na 1.ª combinação sorteada
- 2- SORTEIO PROGRESSIVO
a partir da compra do título
- 3- SORTEIO MENSAL DE OITO
combinações diferentes
- 4- CONVERSÃO EM TÍTULO SALDADO
a partir do 2.º ano
- 5- DISTRIBUIÇÃO DE 60%
dos lucros da sociedade
- 6- PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS
a partir do 8.º ano
- 7- MAIOR PRAZO DE PARTICIPAÇÃO
NOS LUCROS E SORTEIOS



Após 15 anos de trabalho construtivo e fecundo, Intercap lança um novo plano, exclusivo e de inéditas características, aclamado por todos como o mais perfeito e vantajoso. Procure conhecer as suas vantagens. São reais. São matemáticas. São suas... Estude-as com cuidado. E adquira um ou mais títulos. Com os mesmos prêmios mensais, no mesmo número de anos, você ganhará muito mais, você estará construindo um patrimônio valioso, seguro e perdurável!

À CIA. INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO

Av. Presidente Vargas, 509 - 6.º e 7.º andar - Caixa Postal 1533
Rio de Janeiro

Quer me enviar me detalhes sobre o NOVO TÍTULO INTERCAP.

Nome

Endereço

COMPANHIA INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO

FANFULLA

Quotidiano independente
del mattino

Um giornale continentale
per le collettività
italo-americanane



Sede: SÃO PAULO
Rua 24 de Maio, 207
Tels. 32-1216 32-3138 32-3139

GALERIA SANTO ANTONIO

RESTAURAÇÕES DE QUADROS A ÓLEO
MOLDURAS SIMPLES E DE ESTILO.
EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE QUADROS A ÓLEO
DE ARTISTAS NACIONAIS.
ESPECIALISTAS EM RESTAURAÇÕES
DE QUADROS A ÓLEO.

VIUVA COUTO VALLE
RUA ASSEMBLEIA, 51 — 2.º ANDAR
Tel. 22-2605 Rio de Janeiro

EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS

CURIOSIDADES DO BRASIL

UM SÁBIO DIGNO DE SER IMITADO

Avultam em nossa História os varões cuja existência devotada ao labor e ao estudo pode servir de modelo. Hoje, apresentamos a nossos leitores o Conselheiro Dr. Francisco Freire Alemão, gloria de nossa Botânica.

Nasceu a 24 de junho de 1797 na Freguesia de Nossa Senhora do Destêro de Campo Grande, numa fazenda pertencente a seu padrinho, o Rev. Pe. Antonio do Couto da Fonseca, e faleceu a 11 de novembro de 1874, no torrão natal. Foi sepultado, a pedido seu, "à sombra de suas árvores queridas".

Tirando o curso de medicina na Escola Médica-Cirúrgica desta cidade, em que se matriculara em 1822, e cujo diretor era o Prof. João Caldeira, partiu para a França, afim de completar seus estudos. Em Paris, teve por mestres, entre outros, Jean Baptiste Say e o eminente sábio Cuvier.

SEU AMOR AO TRABALHO

"Em muitas das minhas herborizações, — conta êle em suas *Memórias* — passei dias inteiros a percorrer uma floresta em todas as direções, de um lado para outro, enchendo-me de fadiga, até o ponto de exgotar as minhas forças físicas. Mas, si no momento de interromper a marcha, por não poder mais caminhar, os meus olhos descobriam uma árvore com flores, de novo alento se me enchia a alma, e como si naquêle instante desse começo ao trabalho, assim corria eu a colher as folhas e as flores do silencioso habitante do bosque, esquecendo o repouso de que meu corpo carecia."

O SEU LEMA DE CIDADÃO E NATURALISTA

"O homem deve ser honesto na vida privada e pública, e igualmente honesto e escrupuloso no cultivo de qualquer ciência."

TINHA CONSCIÊNCIA DO SEU VALOR

Certa feita, o botânico alemão Von Martins, então em Munich, escreveu a Freire Alemão pedindo-lhe plantas para classificar.

Eis qual foi a resposta do nosso naturalista:

"Nessa não caio eu; hei de remetê-las sómente depois de publicadas as descrições; a diagnose há de ser minha, boa ou má. Não é pouco vê-los lá na Europa desfazendo o que eu faço, e corrigindo e dando a outrem o que a mim pertence."

O ELEFANTE DA AMÉRICA

Assim como o *Puma*, isto é a sussuarana, a onça parda, é o leão da América, a *Anta* é o elefante de nosso Continente. Pertence à família dos Paquidermes, e existem duas espécies: a *A. sapa-teira*, a maior e mais vulgar em nosso país, classificada pelos cientistas *Tapirus americanus*, e a *A. xuré*, ou *Pororoca*, as-designada em Goiás, Mato Grosso e Oeste de Minas e denominada *A. batuvira* em certas regiões de S. Paulo. A *Anta* andina é o *Tapirus Roulini*, que os entendidos identificaram com a *A. xuré*.

Os índios chamam à *Anta Uborim* e os zoólogos *Tapir*.

Vive ora nagua ora na terra. Alimenta-se de vegetais, dando preferência

AGUA DE TOILETTE RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS PÓROS
À VENDA EM TODA A PARTE

CORPO ESBELTO E FACEIRO...

VINHO CHICO MINEIRO

Não! não faça regime para emagrecer. Tomo de hoje em diante Vinho Chico Mineiro, usado há mais de meio século! A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E
PERSONALIDADE

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(EXIGIR A EMBALAGEM VERDE)

E lembre-se que o segredo de uma linda
cabeleira sem caspas é

CABELOS BRANCOS
está em

EUTRICHOL ESPECIAL

Experimente-o e verá

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 26 — 2.º — S. PAULO
Remessa pelo Reembolso Postal

à cana de açúcar, ao milho, às batatas e a certos frutos silvestres. Os caçadores do interior acham que a carne da Anta é superior e higiênica. Para eles o que ela possui de melhor é a fressura ou *paquera*, mosqueada logo após ser o animal abatido.

Do *cacho* ou pescoço da tapiride extrai-se gordura, tida como excelente remédio contra dores reumáticas.

Os caçadores à caça de Antas dirigem-se de preferência para os rios, nas horas quentes, e onde distinguem um enxame de *muri-cocas* sabem que ali existe uma anta escondida.

CRENÇAS DE NOSSOS SERTANEJOS

Quem é picado por cobra não deve ver mulher", afirmam os catoclos de nossos sertões. E parece, infelizmente, que eles têm razão, pensamos nós ante este fato descrito por Couto de Magalhães, um dos homens mais ilustrados de seu tempo.

"Os costumes e superstições do povo dos lugares por onde passamos são uma das mais interessantes marrações das viagens e, portanto, aí vai uma.

"No dia 15, saímos de Salinas, de volta ao pôrto da Piedade, aonde chegamos às duas horas depois do meio-dia. Nossa comotiva aí havia ficado e eu achei a triste notícia de estar picado de cobra um dos nossos soldados, noticia para mim tanto mais desagradável quanto, no meio daqueles desertos, era impossível encontrar um médico.

"O mordido de cobra estava debaixo de uma bela sombra que as árvores faziam junto de um rio. Um de nossos companheiros perguntou-me si eu não tinha receio de que as mulheres vissem o doente, porque era crença geral que as pessoas mordidas por cobra, em vendo mulheres, pioram e morrem. Respondi-lhe que tinha ouvido isso e que, conquanto não desse muito peso a essa crença todavia, pelo sim, pelo não, convinha tê-las afastadas do doente. Nesse sentido determinei que o mudassem. O enfêrmo, em quem eu já fizera algumas aplicações, estava quase bom; daí a pouco, vieram comunicar-me que êle piorara; não liguei maior importância ao fato por julgá-lo filho da superstição contra o olhar das mulheres. Daí a pouco, fui de novo chamado, e achei-o em um estado deplorável. Tinha perdido os sentidos, estava lançando sangue pela boca e ouvidos e em convulsões. Rasguei-lhe amplamente a ferida e fiz uma porção de aplicações, conforme me sugeria o apêrto em que estávamos e, ou fôsse em virtude delas ou pelo acaso, o homem escapou. Um fato dessa natureza é próprio para pôr em dúvida o entendimento.

Aquêle acidente seria natural? A presença das mulheres concorreu alguma coisa para ele? Não sei, o certo é que já me não rio dessa crença, que julgava prejuizo grosseiro."

RESULTADO DO 192.º SORTEIO DE APÓLICES DA

"A EQUITATIVA"

Relação das apólices sorteadas em 16 de Abril de 1951

SORTEADAS COM CR\$ 10.000,00

SEGURO FAMILIAR

F-09.715 — Aurea Fonseca e Silva — Natal R. G. Norte.
F-12.505 — Alfredo Chagas Camarão — Macció — Alagoas.
F-06.102 — João Bonifácio de Miranda — Alfenas — Minas.
F-18.979 — José Henrique G. da Matta Machado — B. Horizonte — Minas.
F-00.324 — Atila Fonseca — Distrito Federal.
F-01.048 — Olavo Le Masson — Distrito Federal.
F-15.536 — Luiz Alfredo Spindler — Canela — R. G. do Sul.

SEGUROS BASICOS

520.503 — Domingos Rodrigues Pinto — Manaus — Amazonas.
405.570 — João Nunes de Almeida — Floriano — Piauí.
312.946 — Luiz Napoleão Moreira — Fortaleza — Ceará.
439.568 — Aureo Augusto Pires Azevedo — Olinda — Pernambuco.
520.493 — Miguel Rodrigues Miranda — Recife — Pernambuco.
322.247 — Geso Gomes Carneiro — Patos de Minas — Minas.
519.282 — Antonio Boaventura Sobrinho — Araguari — Minas.
321.295 — Joaquim Rodrigues da Costa — Mutum — Minas.
317.041 — Luiz Ribeiro Pimentel — Muniz Freire — E. Santo.
518.829 — Pedro Ramiro Felipe Piacentini — Niterói — E. do Rio.
317.025 — Zenichi Kamakura — conjunto — Adamantina — S. Paulo.
322.219 — Tulio Parizi — conjunto — P. Prudente — S. Paulo.
521.708 — José Francisco a Silva — conjunto — Lucelia — S. Paulo.
415.132 — José Pedro Vieira Xavier — Andirá — Paraná.
456 — 927 — Antonio Bernardo Lopes — Joinville — S. Catarina.
423.124 — João Henriques B. Cavalcante — Campo Grande — M. Grosso.

SORTEADAS COM CR\$ 5.000,00

406.990 — Milton Carvalheira Peixoto — Cataguazes — Minas.
411.785 — João Paulino de Araujo Vieira — Cataguazes — Minas.

"A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL", já distribuiu em sorteios a importância de Cr\$ 42.208.000,00. O PRÓXIMO SORTEIO DEVERÁ SER REALIZADO EM 15 DE MAIO DE 1951.

A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL — Sociedade Mútua de Seguros Sobre a Vida. — Sede: Av. Rio Branco, 125 — Rio de Janeiro. — DEPARTAMENTO DE SEGURO FAMILIAR COM SORTEIOS MENSALIS. — Rua

São José, 50 — 2.º - 4.º e 5.º pavimentos.

Mande-nos informações sobre o SEGURO FAMILIAR COM SORTEIOS MENSALIS.

NOME
ENDEREÇO
LOCALIDADE ESTADO

Fábrica de Perfumes "Orion"

DE A. GOMES

Travessa Frutuoso Guimarães n. 134 Tel. 1600 — telegs. Themis. BELÉM

Água de Colonia, Extratos, Brilhantinas,

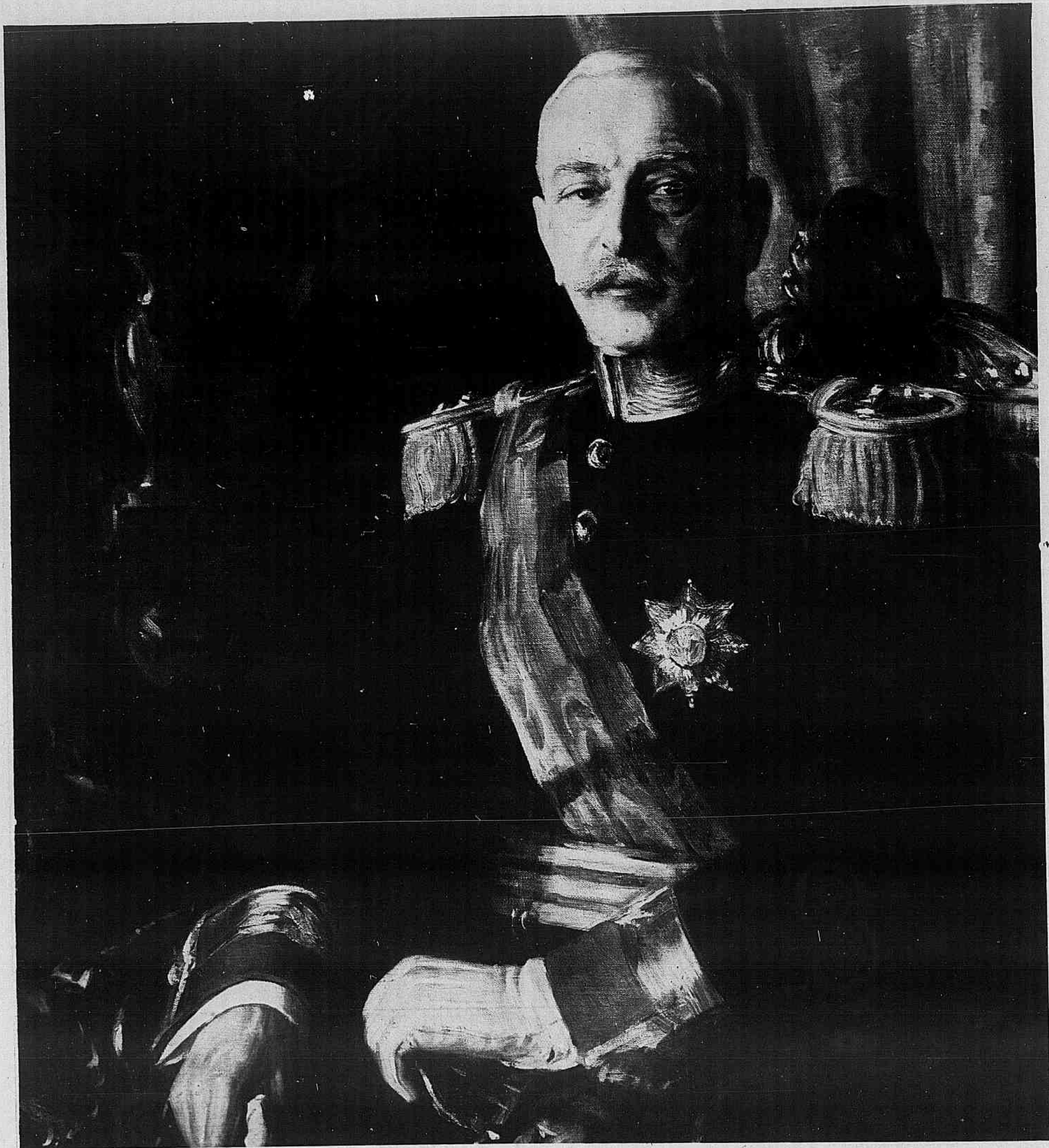
Sabonetes, Loções, Pastas para dentes,

Óleo de Mutamba, Pó de Arroz, Talco e

mais artigos do ramo de perfumaria, como

também produtos típicos do Pará.

BELÉM DO PARÁ



Com o falecimento do Marechal Antonio Oscar de Fragoso Carmona perde a nação portuguesa uma de suas grandes figuras do momento. O velho soldado, que exercia o mandato de Presidente da Republica — posto a que os sufragios do seu povo o reconduziram sucessivamente cinco vezes — encarnava a tradição de civismo do Exercicio da sua Patria, e no governo se constituiu num padrão de nobreza que centralizava a confiança de seus governados. O militar que atingira todos os postos da carreira pelo seu merecimento através de uma longa vida de serviços no campo das armas, foi, como politico, um elemento de equilibrio e de moderação numa das fases mais serias da existencia nacional, e conseguiu o milagre de manter Portugal na altura a que o conduziu a sabia administração do seu primeiro ministro sr. Oliveira Salazar.

Personalidade central e culminante do novo regime instituido em sua terra, o Marechal Carmona encarnava bem as virtudes do português de velha cêpa, severo, energico, sóbrio, trabalhador infatigavel, tudo sacrificando pela grandeza do berço tão cheio de glorias num passado que é dos mais illustres da história do mundo, e tão fecundo de obras construtivas nesta hora tormentosa da humanidade.

O trespasse desse grande chefe de Estado representa para o país irmão e amigo de além do Atlantico uma perda sensivel. No Brasil que via nêle uma das mais altas expressões de estadista da Europa contemporanea o sentimento de pezar não é menor, porque Carmona desfrutava entre nos da mais viva simpatia como representante legitimo das nobres qualidades da sua raça.

Ilustração Brasileira

VAIDADES

Financistas da America do Norte censuram a prodigalidade com que os povos da America do Sul, vertiginosamente, dissiparam as reservas de ouro, acumuladas em Wall Street durante a guerra, quando não havia rádios, automoveis, geladeiras, artigos de conforto ou de luxo pelos quais foram trocadas as divisas do nosso comércio, exportador de materia prima.

Bilhões ficaram assim reduzidos a milhões, até mesmo a escassos depósitos, e em vez de tractores, vehiculos para o campo, dinamos, instrumentos de multiplicação do trabalho e da riqueza, linhas ferroviarias, só adquirimos belas cousas, que tornam os lares mais agradaveis ou as ruas mais perigosas. Reproduzia-se desta maneira o quadro de 1918, ao sobrevir o degelo dos creditos latino-americanos, a fusão do ouro congelado na Europa e nos Estados Unidos.

Ao brasileiro coube o 2.^o lugar, imediato à primazia argentina, entre os radiófilos, os compradores de novidades automaticas e despendiosas. É natural. Como resistiremos à sedução do confortavel, do santuario e do superfluo, ao gosto de vaidades e ostentações, que foi sempre a característica da nossa terra e da nossa gente, mesmo nos tempos coloniais da Bahia e de Olinda, na idade brasílica do pau vermelho, das fôrmas de assucar, das bateias de ouro e das lavras diamantinas? Como poderia ser de outro modo no paiz do café e do manganez, onde os filhos renovam apenas o feitiço, as mãos largas e rotas dos seus progenitores? Eram diamantes as peças com que outr'ora jogavam na serrania, ao ar livre, os garimpeiros ambiciosos. Hoje, fazemos ostensivamente o nosso jogo de perdularios sobre as divisas com que va-

mos importando mais electrolas para aturdir, mais automoveis para esmagar o proximo.

Desde o primeiro século, vivemos nessa frivolidade ruínosa, sob apparencias brilhantes ou senhoriais, amando as cavalgatas, os banquetes, as pompas do cenario e do guarda-roupa. Fernão Cardim achava em Pernambuco "mais vaidades que em Lisboa", a propria Lisboa do Terreiro do Paço e da rua Nova dos Mercadores, enriquecida pelos negócios, ornamentada pelos requintes da Asia.

Fascinadas, as populações indigenas absorviam no litoral os fumos de mirra e de ambar, os ares de grandeza do Levante, impregnando-se de orientalismo, concebendo a felicidade nessa vaga imitação do Oriente, donde nos vinham as naus carregadas de especiarias e lavoires, seda e marfim, plumas e gemas.

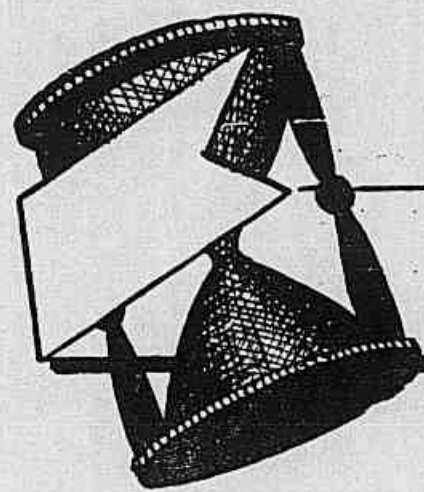
Sem as mesmas pompas da era manuelina, herdamos assim a vocação metropolitana para o luxo da Asia, suntuosa, e deslumbradora nas suas miragens, nos seus cortejos, na secreta magnificencia dos seus harens, dos seus paços, e em dias atribulados revemos o contraste multiseccular da casa grande e do mocambo: neste a penuria dos servos, naquela a dissipação dos senhores.

Tudo seria explicavel, porque até os selvicolas gostavam dos penachos e das missangas, dos enfeites e das cores, se atendessemos um pouco mais ao sofrimento das populações vitimadas pelo sol no interior do Brasil — auriverde terra de um povo tão adornado e tão desnutrido. Certo, não foi em vão que os descobridores no século XV e os holandezes no século XVII, geograficamente, deram a este hemistério, a estes paizes, o nome de Indias Ocidentais — outro nome das eternas Indias do luxo e da fome.

CELSO VIEIRA

A Sociedade dos Artistas Nacionais, como é de seu programa de todos os anos, realizou no Assirio o seu Salão de Belas Artes. Durante um mez o povo poude admirar numerosos trabalhos expostos, pintura, escultura, gravura, artes applicadas. Mas a nota mais interessante do certame foi a série de conferências em que diversas figuras de destaque nas nossas letras falaram de assuntos ligados àquella iniciativa. De uma deias queremos salientar aqui o mérito excepcional: a do ministro Paulo Hasslocher sôbre a influencia do governo Rodrigues Alves no desenvolvimento da nossa cultura. Orador fulgurante, improvisador comunicativo que sabe fazer da sua palavra colorida um instrumento de cordas de ouro, Paulo Hasslocher poz em relevo a ação das figuras solars que compuzeram a administração brasileira do começo do século e operaram o milagre da transformação da metrópole colonial num centro onde os empreendimentos do conforto material conduziram à abertura de caminhos amplos e iluminados para a solução dos problemas do espírito. Aquêl ambiente artístico em que se encontravam os seus ouvintes era uma prova do que dizia, porque fazia parte das realizações de Rodrigues Alves através a formidável energia de Pereira Passos. Em resumo, o quadriênio Rodrigues Alves era a síntese de um mundo que nascia para a civilização, num desafio às forças retrogradadas que chegavam ao extremo pitoresco de reagir contra a demolição de pardieiros infectos abrindo guarda-chuvas à porta dos mesmos... E Paulo Hasslocher deixou no ar um convite: a ereção do monumento a Rodrigues Alves na cidade que êle engrandeceu.

O feitos figuras afirmativas com a fisionomia má-Distrito Federal acostumou-se a vêr nos seus Pre-cula dos construtores. Na história local avultam, com efeito, alguns individuos que deixaram traços profundos da sua passagem pela Prefeitura. Desde os dias da colônia e do vice-reino que os cariocas aprenderam admirar esses varões eminentes aos quais a posição attribuia o privilégio de obras gigantescas. Por isso nunca esquecemos um Paulo Fernandes Viana, nas vésperas da Independência, e especialmente os que na República nos collocaram à altura dos maiores progressos humanos. De Barata Ribeiro, que golpeou a famosa "cabeça de porco", a Pereira Passos que assinalou a transição entre duas épocas, e a Paulo de Frontin e Prado Junior, mais recentemente, a metrópole aprendeu a vêr nos que a governam modelos de espírito de iniciativa com a disposição de dotar a cidade dos meios necessários à uma existência feliz. Depois de Mendes de Moraes a cujos empreendimentos deve ser feita a merecida justiça, temos em João Carlos Vital a convicção de que a capital da República continúa a receber os favores dos bons fados. Engenheiro sem vinculações partidárias, mentalidade arejada e moderna, êle assume o comando da cidade em situação de prosseguir galhardamente no roteiro de melhoramentos que encontram aberto pelo seu antecessor e com as qualidades para traçar outros planos. Muito falta ainda ao coração do país para atingir à culminância do seu itinerário. O que é preciso erguer desafia a intrepidez e a sabedoria dos governantes. E a êste que entra cercado de uma poderosa atmosfera de simpatias unânimes está reservado, pelas suas virtudes, um lugar na linha dos realizadores preclaros.



ACONTECEU EM 30 DIAS

A nota de sensação na política do país foi, sem dúvida, o discurso do sr. Getulio Vargas no dia sete de Abril, data de índole revolucionária propicia às grandes atitudes. Peça vasada em termos enérgicos e francos, ella significa, principalmente, que o presidente da da República não quer ser apenas o centro de um sistema tolhido na sua liberdade de movimentos. A democracia, longe de constituir um regime em que o primeiro magistrado deva ficar adstrito aos simples encargos da sua investidura como parcela de um mecanismo complexo, permite que êle exerça o seu mandato na sua plenitude e se comunique com a nação sem o adjutório peço dos intermediários. Foi o que o sr. Getulio Vargas demonstrou na sua vibrante peça oratória em que anunciou o propósito de repetir com frequência a prestação de contas diretamente e de viva voz aos seus governados. Não há como deixar de aplaudir semelhante gesto do illustre homem público. Ninguém melhor do que o próprio presidente para esclarecer a opinião nacional sôbre as ocorrências administrativas, informar a respeito do que se empreendeu de positivo e do que ainda depende de atos novos. As algidas e incaracterísticas mensagens, que são um convite à descrença, devem ser substituidas por essa forma viva e palpitante de entrar em entendimento com as massas que ouvem e sentem, no calor da sinceridade do chefe de Estado, a resposta a muitos de seus anseios e confiam nas promessas de seu mandatário. Que venham mais discursos desse tipo e nesse estilo veemente e sem disfarces, inspirar aos brasileiros a certeza de que à frente de seus destinos se encontra uma personalidade que não se prende na escravatura dos preconceitos...

O problema da recuperação da Baixada Fluminense está na ordem do dia. Fala-se mesmo na possibilidade da organização de uma entidade civil nos moldes da Fundação Brasil Central, com um programa de vastas perspectivas econômicas e que deverá ter como base a exploração intensiva das terras desse imenso trecho do Estado do Rio e das fronteiras cariocas a êle vinculadas. Não se pode negar a tal plano a expressão de uma obra de fecundos resultados para o abastecimento da capital da República. As zonas ainda inundadas terão de sofrer a conveniente presença da engenharia sanitária, antes do seu aproveitamento. Outras já saneadas e em pleno florescimento entrarão com o seu contingente logo que se estabeleçam as normas necessárias à uma empresa de tamanha envergadura.

O que importa, no entanto, é verificar, desde já, o que isso representa para o desafogo da população, não só daqui, como do próprio estado do Rio; não que concerne ao aprovisionamento de gêneros alimentícios. Somos hoje um mercado consumidor de mais de dois milhões de criaturas que não podem permanecer na dependência de fornecedores longinquos e sujeitas às vicissitudes decorrentes da falta de transportes. Com o correr do tempo esses embaraços crescerão, e nessa altura a Baixada desempenhará novamente o papel de celeiro que teve no império, fornecendo ao Distrito Federal o máximo dos seus produtos agrícolas e pastoris. A Fundação da Baixada, se vier a concretizar-se com tudo leva a crer, proporcionará o ensejo do aproveitamento de grandes e ricas áreas que dormem há mais de meio século. E dos sitios onde a malária armou a sua tocaia sinistra sairão as searas e os pomares distribuidores de saúde e de fortuna.



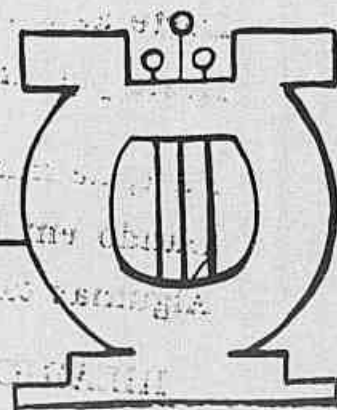
O CONCURSO DE SONETOS DA *Ilustração Brasileira*

Leopoldo Braga, classificado em 1.º lugar no concurso de sonetos da "Ilustração Brasileira".

O concurso de sonetos promovido pela "Ilustração Brasileira", com o patrocínio da Federação das Academias de Letras do Brasil, encerrou-se com o brilhante êxito que esperávamos. Em todo o Brasil, os poetas acorreram às Academias estaduais que os convocaram, levando os seus belos trabalhos que mereceram a atenção de julgadores severos e competentes. Algumas centenas de concorrentes se apresentaram, o que demonstra o interesse despertado pela nossa iniciativa, e desses, duzentos e dez constituíram o quadro do qual saíram os classificados como os dez melhores sonetistas do Brasil, neste momento. Póde-se afirmar, pelo resultado final do julgamento e dada a autoridade da grande comissão indicada por esta revista, que os contemplados exprimem realmente o que há de melhor nos que cultivam, nesta hora, a arte difícil do soneto, em nossa terra. Muitos dos que não lograram um lugar entre os premiados não deixam, por seu turno, de ser dignos de apreço, e a pouco e pouco iremos publicando alguns de seus trabalhos, como homenagem ao seu esforço e talento. Mas o que importa é salientar o entusiasmo despertado em todos os quadrantes da pátria, atraindo tantos e tão fulgurantes espíritos, devotados ao culto da beleza, a um certame desse gênero. Isso representa um motivo de júbilo para nós e também para os que acreditam na eternidade do soneto, na sua resistência heróica às tentativas de riscá-lo das formas poéticas que fizeram o encanto da literatura universal, durante vários séculos.

Os premiados, nomes consagrados alguns por uma vasta obra conhecida, e outros quase desconhecidos, pertencentes a várias regiões do país, falam por si da importância do nosso concurso e da isenção com que procederam os eminentes julgadores desse verdadeiro jogo floral. E, oportunamente, na solenidade da entrega dos prêmios, o representante desta revista dirá com mais larguêsa do valôr dessa prova que há de marcar época na história da nossa literatura.

Dentre os dez poetas classificados no concurso, três foram contemplados com os prêmios instituídos por esta revista. Os autores que conquistaram o 2.º e o 3.º prêmios, um do Espírito Santo — Hilário Sigismundo Soneghet —, e outro do Ceará — Otacilio de Azevedo —, são nomes quase desconhecidos nos meios literários desta capital. O mesmo, porém, não sucede com Leopoldo Braga, contemplado com o 1.º prêmio. Este é um nome bastante conhecido, autor de vários livros de poesia, já tendo sido mesmo laureado em dois outros concursos desse gênero em seu Estado natal que é a Bahia: o primeiro em 1928, em que conquistou o primeiro prêmio com o soneto "Destino", e o segundo em 1933, em que foi sagrado "o maior poeta da geração nova da Bahia". Leopoldo Braga é membro da Academia de Letras da Bahia e reside nesta capital, onde exerce as funções de advogado da Prefeitura.



PRIMEIRO, SEGUNDO E TERCEIROS LUGARES

PANTEISMO

Colhe o fruto melhor das tuas fantasias
no áureo pomar do amor, e as horas aproveita,
para a glória imortal dessa feliz colheita,
enquanto há luz de sol na estrada dos teus dias !

Goza do teu verão ! Se, incauto, renuncias,
verás tua existencia inútil, imperfeita,
e, afinal, clamarás contra a ilusão desfeita,
volvendo para trás as magras mãos vazias ! . . .

Realiza, pois, teu sonho, em toda plenitude !
Adora as expressões da Graça e da Beleza,
Como formas fiéis da máxima Virtude !

E, tranquilo, descansa, ao fim do teu labor,
feliz, porque cumpriste a lei da Natureza,
multiplicando a Vida e enaltecendo o Amor !

LEOPOLDO BRAGA

ARVORE MORTA

Arvore morta ! Foste, em outras eras,
Graciosa, esbelta, portentosa e bôa;
Saudaste, alegre, infindas primaveras,
Indiferente aos ventos e à garoa.

Para a vaidade cheia de quimeras
Eram-te espelho as águas da lagôa;
Feliz, viveste, ao lado das tapéras,
Orgulhosa dos bens que deste à tóa.

Deste frutos e flôres, deste sombra,
Deste agasalho ao ninho e à verde alfombra
Deste perfume e deste proteção !

Faze, de mim, agora, o teu herdeiro,
Dando em troca de um verso derradeiro,
Algumas tábuas para o meu caixão.

HILARIO SIGISMUNDO SONEGHET

CARRO DE BOIS

Rodam, tardas, gemendo, as rodas, arrastando
os pesados pranchões de pau-darco. Angustiado,
ora altivo e roufenho, ora moroso e brando,
todo o carro de bois, é um soluço abafado . . .

A hora, viuva e glacial do crepúsculo, quando
o sol desce, o seu canto é tão doce e maguado
que ora nos prende à terra, ora nos vai levando
na asa de oiro de um sonho a um longinquo passado

Choram, tristes, à frente, os bois mortos de sono . . .
Há uma vaga tristeza, uma ansiedade em tudo
e a paisagem dir-se-ia um pôr de sol, no outono . . .

Ó Natureza-Mãe ! Sei quanto sofres, pois
vejo, ansioso, rolar todo o teu pranto mudo
pelos olhos brumais e tristonhos dos bois . . .

OTACILIO DE AZEVEDO

DANÇA ÁRABE

Trazes no corpo a graça das palmeiras
e o esplendor do luar de Ramadã!
Vem! Minha tenda, a esta hora da manhã,
possui, na sombra, o odor das tamareiras.

Esquece, na maciez de meu divã,
o cansaço das tribus caminheiras.
Não procures miragens traçoceiras:
— Tôda a procura, neste mundo, é vã...

Não faz mal que, no Livro do Destino,
Nosso amor seja um conto pequenino
que a mão do Tempo, trêmula, marcou;

pois a história de amor mais comovida
é a que deita raízes pela vida
quando tudo, afinal, já se acabou...

VINICIUS DE CARVALHO

SONETO DE RUTH

Ruth era glória. Não é glória o dia
depois da tempestade amortecer?
Ruth era canto... pássaro-poesia
que em rios de esperança ia beber.

Ruth era sonho. Em seu encanto havia
o úmido albor da luz que vai nascer.
Ruth era prece e em sua voz se ouvia
um sino orando pelo amanhecer.

Ruth era graça límpida e saúde.
Quem luminosa e esplêndida sorria
como aquêle milagre a resplender?

Ruth era animação e juventude,
Ruth era vida em mágica harmonia...
E Deus deixou-a desaparecer!

MURILO DE ARAUJO

ASCENÇÃO

Ingrene e Sinuosa, asperrima e escarpada,
sob o sol flamejante ou entre tormentas duras,
cheia de abismos maus, que abrem fauces escuras,
vai a estrada coleando, em busca da esplanada.

Sóbes. E na ascensão, entre angustia e torturas,
trons de ira e de despeito, apodos e assurada,
vês diminuir mais as coisas na baixada
e se abrirem os céus em mais amplas alturas...

Hás de sempre encontrar urzes pelos caminhos,
serpes por sob a relva e, nas rosas, espinhos,
Mas nunca te pareça o teu esforço vão.

Lá bem alto cintila a estrêla da bonança,
e além, teu coração, mais do que a vista, alcança,
límpido e claro, o azul da eterna Perfeição.

JOSÉ DE MESQUITA

ENTARDECER

É a hora do crepúsculo. Entardece...
Plange ao longe na torre de uma ermida
A voz de um sino que a alma nos convida
Ao místico transporte de uma prece.

É na meditação que a gente esquece
O sonho mal ou a ilusão perdida,
Fois no enlévo da Fé a nossa vida
Miraculosamente refloresce.

Nesta hora de silêncio e de tristeza,
Parece ungir-se toda a Natureza
Do encanto vespéral da Ave-Maria...

Feliz quem possa, quando chega a tarde,
Sentir-se em paz e para tudo guarde
Um sorriso de amor e de alegria!

MARIO LINHARES

MENSÕES HONROSAS

IGARITÉS

Densos bojos de breu como noites escuras,
Partem, rubras de sol, ladeadas de mangue,
Rompendo os escarcéus, que são negras molduras,
Tisnando o azul do mar como nódoas de sangue.

Zarpam, velozes, tendo os céus pelas alturas,
Aves tontas de luz, a asa cançada e exangue,
E lá vão, muita vez, nas procelas mais duras,
Em bordejões triunfais, na estranha tarde langue.

Velhas igarités, primitivos veleiros,
Que, altivas, e a zombar do tufão que ressôa,
Tornais ao pôrto, as mãos dos heróis timoneiros.

Sou como vós — fitando a miragem dos astros,
Minha nau sempre trouxe a esperança na prôa,
Tornais ao pôrto, às mãos dos heróis timoneiros.

DA COSTA SANTOS

AMOR AO PRÓXIMO

Sobe! A escada do amor ao próximo é infinita!
Vence o egoísmo feroz e abre o teu cofre cheio
Aos famintos e aos nus, que terás nisso um meio
De mostrar que em teu peito algo de Deus habita.

Podes fazer calar, com um simples gesto, a grita
Que irrompe dolorosa e trágica do seio
Dessa gente que tu, ao seu destino alheio,
Não vês que pede pão, desesperada e aflita.

Socorrê-la é galgar a ebúrnea escadaria
Dêsse fraterno amor, que has de buscar um dia,
Se um dia te alcançar algum revés da sorte...

Enobrece, portanto, êsse ouro vil que guardas,
Fazendo-o penetrar nos antros, nas mansardas,
Onde a miséria espalha o desalento e a morte!

MANOEL SOBRINHO

SEMEADOR

Busca semear, na vida, o próspero e fecundo
Grão do teu sentimento. E verás, algum dia,
A árvore produzir, para glória do mundo,
Flôres e frutos bons, de humildade e alegria.

Vela o sono fugaz do infeliz moribundo
E esquece a própria dôr que tanto te angustia.
Porque o alheio mal é maior, mais profundo,
E o teu destino é encher a mão que está vazia.

Pede a Deus, que te vê da pupila dos astros,
Pelos que vivem sós, pelo destino incerto
Dêsses que vão e vê onde há velas e mastros.

E nunca, em tôda a vida, o desamor te vença.
Teu dever é florir o mais bruto deserto,
Sem, ao menos, pensar na menor recompensa.

BRAULIO DE ABREU

M. Paulo Filho

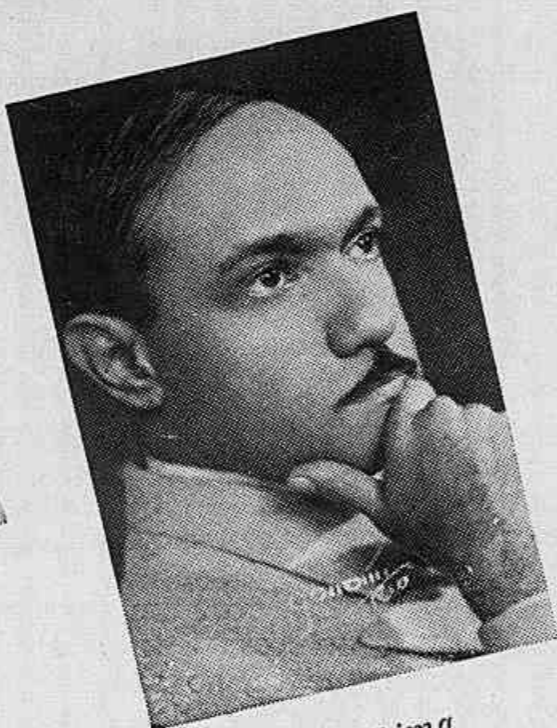


Ademar Tavares

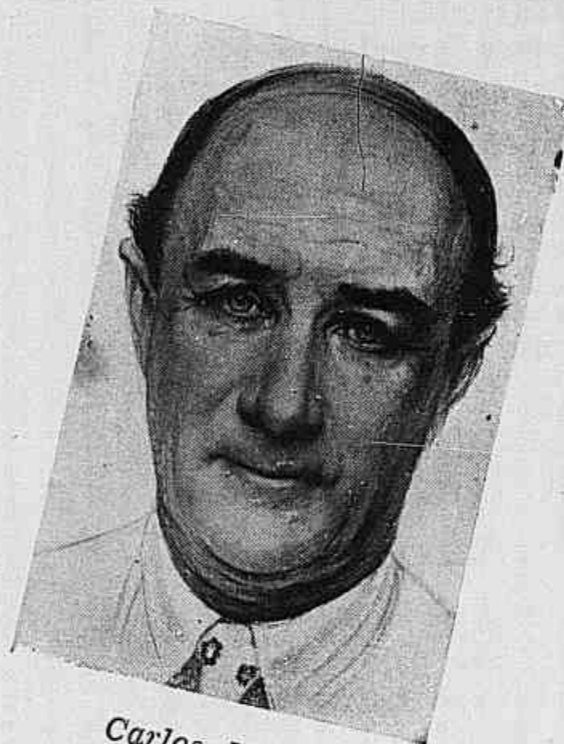
Othon Costa



J. Paulo de Medeyros



Jorge de Lima



Carlos Maul



Raul Machado

As vinte e dois dias do mês de Março de mil novecentos e cinquenta e um, às quinze horas, na sede da Federação das Academias de Letras do Brasil (à Avenida Rio Branco, 117, 4.º andar), reuniu-se, sob a presidência do desembargador Ademar Tavares, a Comissão designada pela direção da "Ilustração Brasileira" para proceder ao julgamento final do concurso de sonetos promovido pela referida revista, com o patrocínio da Federação das Academias de Letras do Brasil. Lidas e examinadas todas as composições remetidas pelas Academias Estaduais, encarregadas de realizar o concurso nos Estados, terminou a Comissão os seus trabalhos pela escolha dos sonetos assinados com os pseudônimos de "Orion", "Adonis", "Helio-Maia", "Miritibano", "Wyk" "Mario Vital", "Carlos" "Viterbo", "Breno D'Alba", "Olimpio Teles" e "Diogenes". Identificados os nomes dos respectivos autores e procedida a classificação final das composições selecionadas, proclamou o presidente da Comissão o seguinte resultado, de acordo com a ordem de classificação: 1.º "Panteísmo", de

Leopoldo Braga (Orion); 2.º "Arvore Morta", de Hilário Sigismundo Soneghet (Diogenes); 3.º "Carro de bois", de Octacilio de Azevedo (Adonis); 4.º "Dança Árabe", de Vinicius de Carvalho (Wyk); 5.º "Soneto de Ruth", de Murilo Araújo (Mario Vital); 6.º "Ascensão", de José de Mesquita (Helio Maia); 7.º "Entardecer", de Mario Linhares (Carlos Viterbo); 8.º "Igaritês", de Da Costa Santos (Miritibano); 9.º "Amor ao próximo", de Manoel Sobrinho (Olimpio Teles); e 10.º "Semeador", de Braulio de Abreu (Breno D'Alba). Declarando encerrados os trabalhos do julgamento final do Concurso de Sonetos promovido pela "Ilustração Brasileira", o senhor Presidente, desembargador Ademar Tavares, determinou que fosse lavrada a presente ata, que vai assinada por todos os membros da Comissão Julgadora. Rio de Janeiro, vinte e dois de Março de mil novecentos e cinquenta e um.

Ademar Tavares, Presidente; Raul Machado, Othon Costa, J. Paulo de Medeyros, M. Paulo Filho, Jorge de Lima e Carlos Maul.

Carlos Magalhães de Azevedo no jardim de sua casa em Roma (1929).

A VELHA CASA

(DE VERÃO E OUTONO)



1
A deus, o casa, que habitei ditoso;
adeus, ó casa, que sofrer me viste;
risos e cantos do mais doce gôzo;
queixas e prantos da aflição mais triste.

De ti me arranco, numa dôr pungente.
Sangrando rompem-se em meu peito os laços,
que a ti me prendem; quantos! Longamente,
sombras súplices seguem os meus passos.

Fiquei por último, a mirar-te ainda.
Os outros já partiram, leve bando,
para a outra casa, que é mais nova e linda...
Gárrulos foram-se; eu fiquei cismando.

Paredes nuas, soalhos nus... Vasio
tudo. Em cada aposento já começa
a tecer largos veus de bruma e frio
a solidão, que de reinar tem pressa.

Ah! que injusto e cruel, êste abandono!
Velha casa, tu sentes... Orgãos e alma
possúis; tu velas, no aparente sono;
padeces, lutas, na aparente calma.

Já me inquietam remorsos, qual se houvera
traído um velho amigo enfêrmo e pobre.
Mal esconde uma dôr pudica e austera
o manto de silêncio, que te cobre...

2
As horas, que vivi entre os teus muros,
as belas horas, juntas dia a dia,
de inspiração, de amor, de sonhos puros,
de ardor genial, e de melancolia,

as horas, que no Tempo se esgotaram,
porém na Eternidade são eternas,
de nova luz, mais íntima, se aclaram,
cercar-me vêm, meigas visões fraternas.

Oh! meigas mãos das horas taciturnas,
oh! meigas mãos vibrantes e impalpáveis,
e vós, olhos em êxtase, e vós, urnas
sacras, divinas bôcas, onde estaveis?

3
Ai! pela última vez quizera ouvi-lo,
o rouxinol, que em cada primavera
voltava e êste jardim, ao verde asilo,
que ninho, e templo de harmonias, lhe era.

Ele nutria pela minha amada
uma paixão secreta; e quando a ouvia
cantar, do lindo canto inebriada,
com voz de ouro e cristal lhe respondia.

Afugentou-o o inverno mau, que tudo
destrói — o trigo, os pomos, os racimos.
Como, ao voltar, ficará triste e mudo,
vendo que ela partiu, que nós partimos!

4
O ar é gélido e fosco; é negra a terra,
que a chuva, lenta, há uma semana encharca.
O ceu, lívido e baixo, à luz se cerra;
não o alegra de um vôo a móbil marca.

Tomba dos altos galhos os desertos
ninhos; podres, aí jazem, de mistura
com o lodo, nos canteiros, já cobertos
de folhas mortas — massa informe, escura...

Caros donos, horas, me trazeis; são flôres,
que eu julguei murchas no invernal olvido;
lágrimas e jucundos esplendores;
palavras santas, que ouço comovido.

Pois alguma, entre vós, fala, em fim; cantam
outras, suavemente; outras suspiram;
em quanto as mais, que lentas se adiantam,
com pupilas magnéticas me miram.

Que sedução, do vosso gesto, emana,
imagens do passado! Oh! vós não tinheis
esta magia de hoje, sobrehumana,
quando nos braços do presente vinheis!

Palavras, que dizeis, já foram ditas:
palavras minhas, de outrem; mas ressábios
de musicalidades infinitas
tomam, roçando pelos vossos lábios...

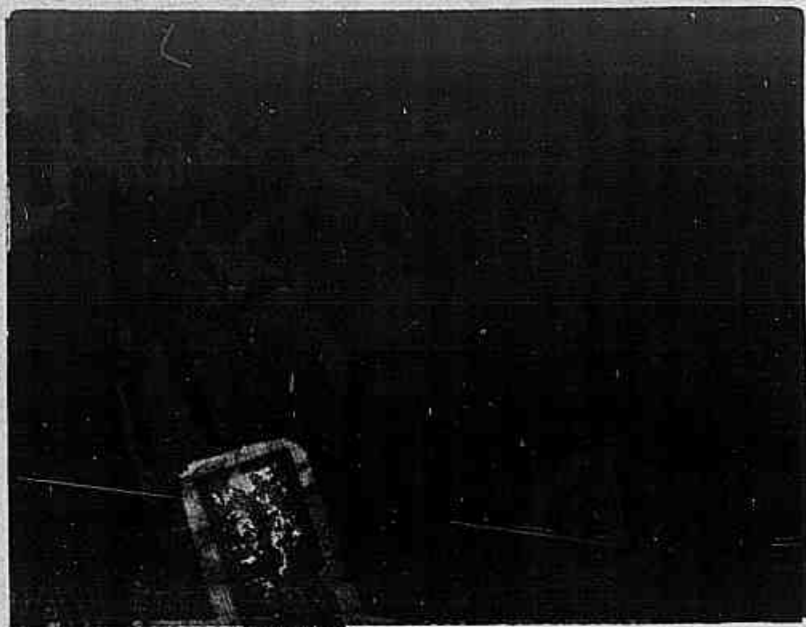
E, ao escutá-las, sinto que as escuto,
sim! pela última vez; sinto a violência
do **never more** — o golpe resoluto,
que em dois trechos divide uma existência.

Nenhuma flôr sorri, fúlgida... Ah! vejo
uma rosa a chorar, naquêlo canto,
como se de ser bela extranho pejo
tivera, e de viver profundo espanto;

rosa cuja esperança o inverno trunca,
rosa modesta como uma violeta,
pois bem conhece que não terá nunca
amor de abelha, nem de borboleta...

Ah! quase murcha, última rosa do ano!
Dá-me, em teu pranto, um último sorriso!
E adeus! que vale prolongar o engano?
Já não sois meus — jardim, lar, paraíso!

CARLOS MAGALHÃES DE AZEVEDO



No "Moulin Rouge". A Dança

O MEIO SÉCULO DE LAUTREC

FLEXA RIBEIRO

PROF. CATEDRÁTICO NA ESCOLA NACIONAL
DE BELAS ARTES

Com a natural perspectiva do tempo, certas figuras de artistas, que pareciam secundárias, como que se apresentam em sua total grandeza.

É esse o fenômeno comum. Os nossos contemporâneos estão muito próximo de nós. Não temos o necessário recuo para examiná-los em sua totalidade, e julgá-los no próprio panorama de conjunto.

Há, assim, na história, também uma perspectiva do tempo.

Para o juízo crítico não se negará que o próprio arrefecimento das paixões pessoais — é fator de excelso predomínio.

Acontece, porém, que em nosso tempo, certo fator parece tomar vulto, assinalar-se com inaudito préstimo.

Referimo-nos as falhas de artistas de mérito preeminente. Onde estão eles? Não os encontramos.

O século XX dá a impressão de inaugurar uma galeria de ausentes. Em todas as variadas tendências de arte, em seitas diversas, nos mais ousados agrupamentos — procuramos descobrir a figura central, o mestre condutor, o tipo representativo — e só encontramos verbosos teóricos, algum apreciável mérito, animados decadentes.

Possivelmente, em breve, uma nova aurora de renovação se anunciará. E esses doutrinários de hoje, foram apenas as vítimas necessárias para que, na época nova surgisse o gênio criador, o Iniciado.

Talvez por semelhante fato, bem se explique os processos críticos com que se procura no aparelho de análise, biográfico, anedótico, reavivar as figuras do passado recente, elevando-as, com seu natural cortejo de predicados que pareciam esquecidos, à pauta mesma da glória.

Não se negará o esforço ingente da França para marcar com luzes novas, suas mais eloquentes figuras do passado.

Retrospectivas e exposições parciais atestam aquêlê desideratum, que se completa pela pesquisa diligente na busca de todos os episódios, fatos e acontecimentos biográfais que tragam clareza ao destaque de artistas de uma época mais rica, e que não foi substituído por valores equivalentes.

Neste ano, vai a França, com emoção, festejar o meio século da morte de Henri de Toulouse Lautrec (1864 - 1901).

Aparecendo o artista, no grupo dos Impressionistas, sob a chefia de Monet, não poderia seguir seus exemplos. Admirava seus processos técnicos na conquista do ar livre, na divisão dos tons, no flagrante das paisagens, onde se aprendia as mobilidades da luz e das sombras. Havendo fraturado as duas pernas, em acidentes sucessivos, Toulouse Lautrec só poderia pintar sentado, e em lugar tranquilo. Dedicou-se, assim, aos

interiores. E sentado nos *cabarets* e *café-concertos* — Lautrec tranquilamente fazia seus croquis, esboços de composições, esquemáticas furtivos que depois, desenvolvia, com verve, ironia, acidez vertiginosa, em quadros ou mesmo cartazes inapagáveis. Sem querer — era compassivo, com os conselhos dos Goncourts: "Desfaça suas malas: o Sena e o Marne lá estão".

Mas Lautrec ia mais longe, em outros propósitos. Nem disso precisava. O Sena ainda reclamava caminhada. Ele só necessitava de uma mesa no *Moulin Rouge*; e de sua cadeira croquisava Ivette Guilbert, alta, franzina, de grandes luvas pretas, ou a impetuosa *Goule* ia da composição para um quadro, ou do alarme para um cartaz. De tudo tomava notas vivas, de um flagrante imprevisto.

Várias de suas efêmeras e profundas paixões ficaram célebres, por isso, como Miss *Ida Heat*, a dançarina fenomenal, meio lírica, meio acrobática, a *Inglesa do Havre*, de boca ávida, de olhos que veem para dentro, *Melle Lender*, no *bolero*, com seu ar de germinante ímpeto coreográfico, sem falar na tranquilidade irônica e meio enigmática de *Femme au boa*, que pertenceu ao Museu do Luxemburgo.

Além desses casos, de intimidade sentimental, a sinceridade de Lautrec parecia que explodia, como sátira ácida, quase venenosa, nos instantâneos que ele fixou, em a *Grande frisa*, *Leloir e Moreno*, nas *Sabichonas*, *Melle Rose Caron*, no *Fausto*, o *pudor de M. Prudhomme* das *Folies Bérgère*, a *Goulue*, no *Moulin Rouge*, e outras.

A arte de Lautrec, seja na pintura, seja na gravura litográfica ou feita no papel especial, ou principalmente na que gravava diretamente na pedra — em todas essas modalidades — o espírito é alerta, mordaz, ligeiramente lírico ao mesmo tempo. Acumulava como já se disse, em croquis e desenhos das impressões é noite no *Moulin Rouge*, no *Bar d'Achille*, no *Maxim's* para estudos definitivos. Além disso, como uma poesia amarga, uma espécie de vingança da deformidade que o afligia, se derramava por essas páginas de fulgôr inimitável. Até mesmo nos cartazes do *Chat Noir*, essa verve explodia.

Por todo esse fim de século passado, Toulouse Lautrec foi talvez o artista mais diferenciado.

Nem o ensino de Levis Brawn, nem a disciplina severa de Bonnat, nem a influência quotidiana de Degas, conseguiram alterar a essência mesma desse temperamento doloroso e jovial, místico e endiabrado, que sacudia a própria emoção, como quem agita um guizo, sorrindo, entre lágrimas.

Sua obra é reduzida, mas eloquente: é de um isolado, de fremente contágio.

Olga Navarro numa das cenas mais empolgantes da grande peça.

Há muito não se assistia, no teatro nacional, a um espetáculo tão forte como o da "Endemoniada", de Schonherr, tragédia representada, ultimamente, no Teatro Serrador, pela Companhia de Olga Navarro.

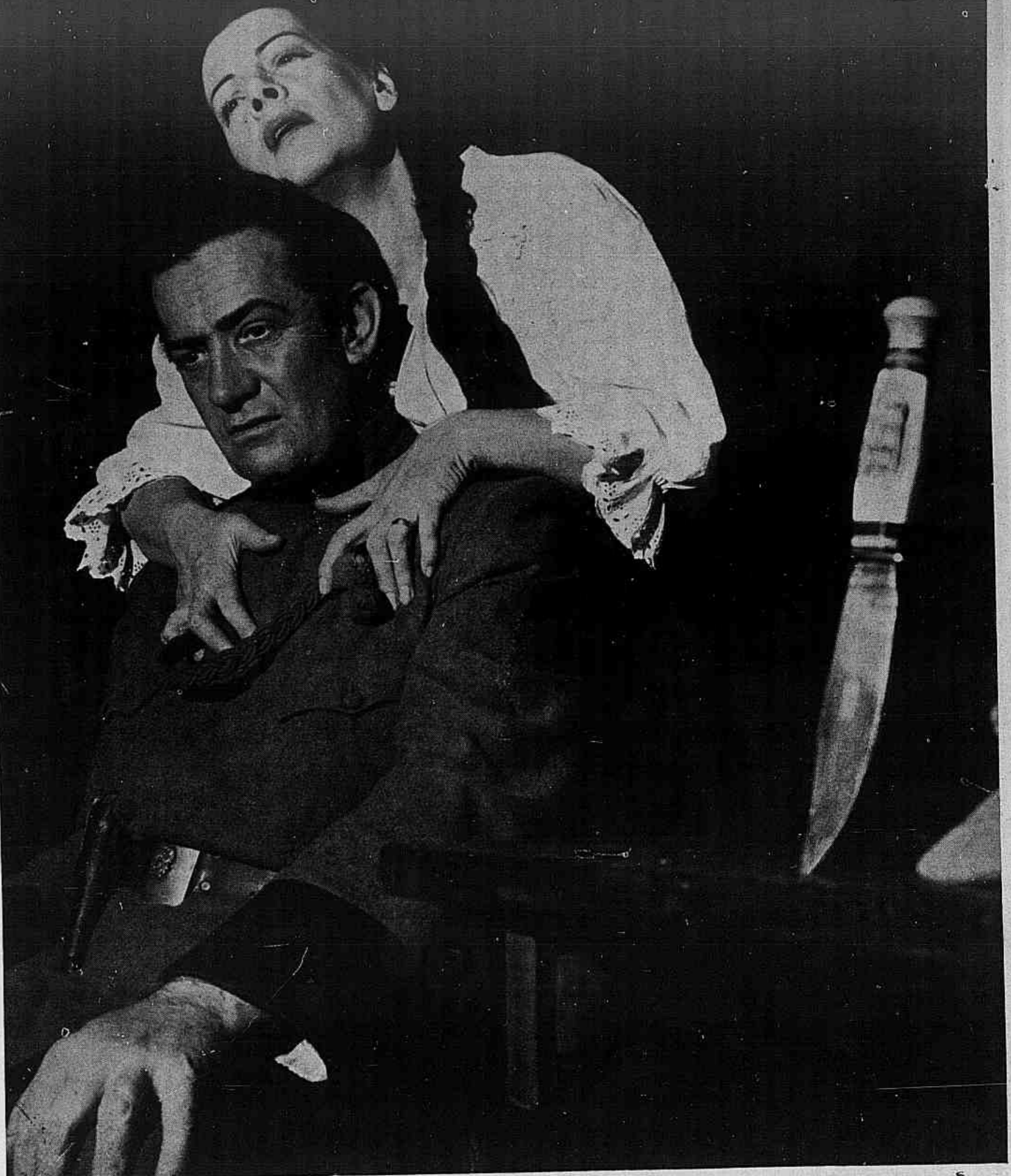
Schonherr é um técnico de emoções. Ele sabe erguer até o paroxismo o sentimento de uma personagem, para, logo depois, atirá-la ao abismo dos grandes lances glaciais.

Conhecendo a psicologia humana em todos os sentidos, ele abusa, gentilmente, dessa sabedoria, chicoteando o sistema nervoso dos espectadores com frase e desfêchos passionais verdadeiramente angustiantes.

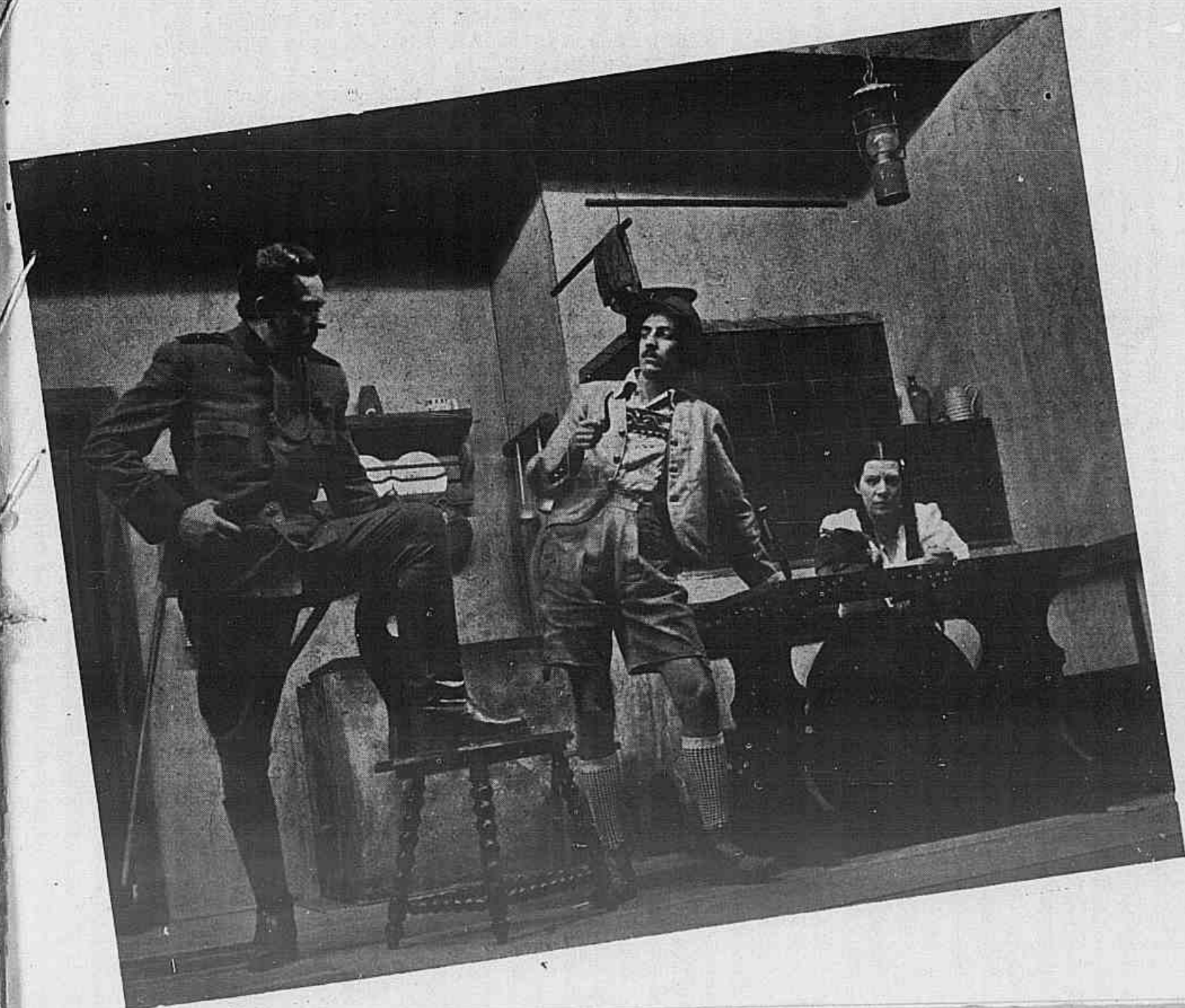
Com um único cenário e três intérpretes, Schonherr desenvolve as cenas de "Endemoniada" como se ali estivesse toda a humanidade. Com efeito, cada um dos artistas que tomaram responsabilidade no triângulo emocional daquele espetáculo encarnou um símbolo. Olga Navarro deu toda a força do seu temperamento ao tipo da mulher estranha que domina o enredo teatral com a atmosfera da sua sensualidade e da sua fantasia ingênua e trágica. Não há um minuto em toda a representação, desde a primeira cena, em que não se sinta, fortemente, o "aura" de fôgo da sua personalidade a envolver o destino dos dois homens, numa espécie de turbilhão entre quatro paredes.

O marido, ardiloso, mas débil, gravita, inconscientemente, na órbita que ela lhe traça, até o instante fatal. O amante, também, não pode fugir à sua tirania carnal, e, como um "fantoche" nas trevas, se debate, impotentemente, contra o jugo aflitivo que o arrasta à desgraça.

Olga Navarro foi excelente naquêlê papel. Artista, por uma imposição invencível da sua natureza, ela transmite à platéia muito da sua vida nos tipos que realiza. A naturalidade de seus gestos e das suas palavras coloca, imediatamente, o auditório den-



ENDEMONIADA



tro do necessário clima psicológico, e a sua personalidade ardente passa logo a dirigir a alma do espectador, mal entra em cena.

As duas figuras masculinas, apesar de um tanto rígidos em certos instantes de maior simplicidade, fizeram, com entusiasmo, seus papéis, sem decepcionar a assistência.

Mas o ponto mais admirável de "Endemoniada", além da interpretação de Olga Navarro, foram o cenário e a caracterização dêsse grande e sutil artista que é Hans Sachs. Nascendo naquele paiz onde se desenrolam as cenas da peça de Schonherr e, portanto, sentindo, melhor que ninguém, o pitoresco do meio, preparou Sacho o ambiente como um poeta faz um poema. Com toda a alma.

A saudade da sua terra lhe sugeriu aspectos saborosos nos recantos daquêlê interior em que as três personagens vivem toda a tragédia. Aquela arca, os outros móveis, rústicos, mas harmoniosos, as painelas de cobre, o velho lampeão pendente do teto, tudo aquilo é tão real que se tem a impressão de que, lá fora, a neve está caindo ou de que as primeiras "Alpenrosen" já começaram a desabrochar sob a luz rosada do amanhecer, pelos vales, entre as montanhas longinhas...

Os três artistas em cena

Técnica e sensibilidade
— o seu forte.



Personificação de
classicism
no ballet brasileiro

A primeira vez que vi Maria Angelica foi num ensaio de Yuco Lindberg em 1945, em que o dedicado e entusiasmado professor repetia um número de Strauss, preparando o seu festival de fim de ano. Aquela figurinha que tanto se parecia com Tatiana Leskova, chamou logo a minha atenção. Ela possuía essa qualidade difícil de definir, a fluidez de movimentos que destaca uma aluna entre muitas, como um talento verdadeiro para a dança. Vi muitas vezes mais Maria Angélica — em aulas, ensaios, performances — todas marcando o desenvolvimento de linha, técnica e beleza que fariam dessa menina sensível e delicada, apaixonada por sua arte — a jovem “bailarina” de 1951. Vi-a nos primeiros ensaios do Ballet da Juventude, já não mais sob os ensinamentos do professor, mas assustada e atenta às ordens do “maitre de Ballet” no palco, polindo sua técnica, desenvolvendo sua per-

sonalidade, despertando sua consciência artística.

Foi como a revelação dessa temporada que a vi em 1947, tanto no “corpo de baile” como em solos importantes, merecendo a atenção e a confiança de Igor Schwezoff para a Verdade em “Luta Eterna” e a debutante em “Primeiro Baile”.

Vi-a depois em 1948, fazendo prova para solista de Grand Ballet de Monte Carlo, com William Dollar e Rosella Hightower, aprovada e com um contrato à sua disposição — que aliás não aceitou, a fim de atender a outro convite, o de Schwezoff, para um curso de aperfeiçoamento nos Estados Unidos.

Depois de seu embarque, onde a vi entusiasmada e comovida, despedindo-se de parentes e amigos, ficamos todos um ano sem vêr Maria Angelica. Mas as notícias descreviam-na em aulas com Yazvinsky, com Obukhoff e na Escola do American Ballet, que ela deixou, em seguida, preferindo continuar exclusivamente com Igor Schwezoff,

MARIA ANGELICA

JAQUES CORSEUIL

por julgá-lo mestre superior. Soubemos que fez concurso para o Ballet Theatre, com Lucia Chase, Anthony Tudor e Boris Romanoff, sendo uma das 6 candidatas classificadas entre 200, não podendo aceitar o contrato para essa companhia porque seu passaporte, com “visa” de estudante, não lhe permitia trabalhar como profissional. Dava gosto vê-la quando voltou! Foi Leskova quem a apresentou no seu Ballet Society, em 1949. Maria Angelica dançou “Estudou Revolucionário”, de Chopin — e “O Lago dos Cisnes”, com uma “performance” fina e sensível, deixando impressão encantadora, que um pequeno acidente com o sapatinho de ponta não chegou a desmanchar. Vi uma técnica apurada, de um acabamento bonito, macio e, além disso, o lirismo de expressão e movimento indispensável para tornar a Princesa-Cisne inesquecível. Não foi possível deixar de vê-la em 1950, novamente no palco do Municipal, na temporada realizada por Leskova. Ela dançou muito mais: “Variações Sinfônicas”, “Noite de Valpurgis”, “As Bodas de Aurora”, “O Lago dos Cisnes” — e verifiquei o quanto a promessa se tornara realidade. Bastou que ela pisasse no palco, antes mesmo de começar a dançar, para que eu sentisse a presença de uma “bailarina” — ainda em botão, mas com todas as qualidades que a escola tradicional requer em físico, técnica e estilo. Apesar de sua execução excelente, não creio que sua Aurora tenha sido o “standard” das Auras — e isso apenas prova que o seu gênero não é só academia e técnica, mas papéis que pedem mais emoção e expressão. “O Lago”, com sua Princesa-Cisne, sim, parece-me o ideal para Maria Angelica, onde ela pode combinar a linha impecável do verdadeiro tipo clássico à sensibilidade verdadeira da dançarina.



"O Lago dos Cisnes" — o papel ideal para ela.

entado na direção certa e no estilo adequado. É um ponto já muito batido no ballet: a dançarina pôde sair da escola tecnicamente formada, pôde dançar grandes papéis numa companhia, mas nunca deixará de ser aluna, de aprender pois no dia em que se julgar perfeita e não mais precisar de mestre está destinada a cair. Pavlova, Danilova, Markova, Toumanova foram ou são assim. O florescimento de uma "ballerina" resulta de muitos fatores independentes de seu talento natural, sua técnica ou sua inspiração. Mas é preciso, antes que tudo, que ela nunca perca a inspiração.

Fácil é isso de dizer da poltrona — difícil de fazer no palco ou nos bastidores. Mas posso garantir que Maria Angelica tem tudo para vencer os perigos do ballet, tudo nela é maravilhosamente dotado para ser de fato a completa "ballerina". Espero vê-la muitas vezes ainda — em aulas, ensaios, espetáculos — e sempre completando a evolução natural, do instintivo talento juvenil à dança consciente e autoritária da grande "ballerina" — que é o seu destino.

E vendo-a hoje em preparo com Leskova, para a temporada 1951, vejo finalmente como Maria Angelica, venceu as provas preliminares e decisivas de sua carreira, para se afirmar como esse expoente de classicismo, esse conjunto harmonioso de proporções, controle técnico, equilíbrio, estilo e beleza — que é a "ballerina".

Uma "ballerina" ainda juvenil, ainda não amadurecida, é verdade, mas já enriquecendo o nosso ballet com esse tipo raro como um diamante. O quanto personifica Maria Angelica desse ideal clássico? O mais possível pelo físico e a técnica, menos um pouco pelo temperamento que quebra o modelo frio do padrão clássico, pelo lirismo, a sensibilidade, a inclinação especial para os papéis românticos.

Ela possui a "linha" clássica, em repouso ou movimento, com elegância, beleza e extensão. Tecnicamente, é de formação muito forte em pontas e execução em geral; nobreza e elevação nos braços, sinal da escola de Schwezoff. O "ataque" firme e seguro, ainda não usa toda a força esperada de uma "ballerina", pois é suavizado por um abandono terno ao papel e à música. Sua especialidade é o "adágio" — eis aí o seu ponto mais forte. Perde um pouco na técnica de giro, as piruetas são ou podem ser o seu ponto vulnerável. Maria Angelica não as leva a sério — se o seu papel querido não pede piruetas, por que se preocupar? Mas a Paixão em "Preságios" e tantos outros pedem, exigem — e uma "ballerina" deve ser senhora de toda sua técnica.

Como já disse, o que mais encanta é o acabamento. E o mais admirável é que, tendo sido até agora mais instintiva, ela poderia ser inclinada ao exagero. Entretanto, sua dança nunca perde o senso da medida, não se prevalece da grande beleza natural para ser "coquette" em cena nem de proezas técnicas para boquiabrir — está sempre de acordo com os ideais e os limites dos ballets que dançam e do ballet em geral.

Todas essas qualidades somadas podem fazer frente aos perigos que o futuro sempre apresenta aos artistas jovens, não só para progredir, como também para reter o que já foi conquistado. Porque o defeito de Maria Angelica é ser ainda muito jovem. Com 18 anos apenas já dançou Lago, Aurora e dançará breve a Rainha das Willis em "Giselle" — o mais frio e calculadamente clássico dos papéis do ballet... Mas continua ainda muito jovem — e um grande talento instintivo como o seu, precisa ser sempre ori-



...Maria Angélica
Baga Faccini.

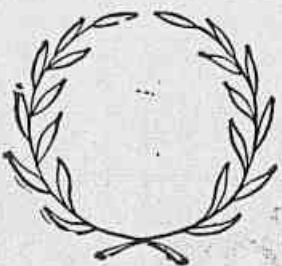
PARABRAVA

Educação do Homem á Sua Época Para Viver e Triunfar

Os povos previdentes procuram obter da educação a formação de uma mentalidade e de uma vida em harmonia absoluta com as aspirações da época. Quer na aquisição das noções gerais elementares, pelo ensino primário; quer na formação do espírito, pelo secundário; quer na especialização e na alta cultura, pelo superior, a educação tem uma finalidade determinada, que hoje deve ser a mais identificada possível com as exigências e os fins da vida contemporânea. Não será, pois, agora, quando a civilização toma uma feição prática de realização e as classes proletárias preparam uma revolução social inevitável, e benéfica nos povos que se souberem preparar para recebê-la, que nós devemos permanecer nos nossos programas e métodos de ensino de cinquenta anos passados. Nenhuma missão mais bela e nenhuma educação mais meritória do que aumentar, individualmente, o coeficiente de energia, de capacidade e de disposição para fazer redundar a força, a inteligência, a riqueza, assim adquiridas, em veículos de regeneração humana. E, como a educação deve ser a adaptação do homem e da coletividade a sua época e a seu meio, o problema é estudar esse meio e essa época. Educar não é precisamente instruir. Instrução é apenas uma parcela do problema da educação. Si elas se confundem muitas vezes e, quasi sempre, são tomadas como sinônimo, na designação dos professores, e, sobretudo, dos propagandistas, é para que a idéa mais ampla de educação prevaleça. Todos os povos cultos, aliás, confundem num só os dois problemas, justamente porque a questão maior para eles é a educação e, mesmo instruindo, têm a preocupação de educar. A cultura geral, a formação da mentalidade é indispensável ao povo por todas as razões. Mesmo os descendentes de classes humildes, fadados à cultura da gleba, ou à exploração de um ofício, modesto, precisam de uma boa instrução geral. A educação é a força máxima, porque, por ela, não somente se faculta aos povos possibilidades para vencerem na concorrência universal, mas se lhes formam, orientam

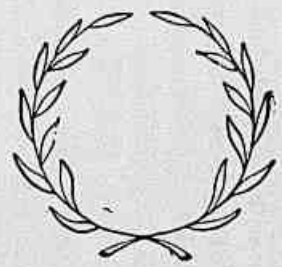
e conduzem o espírito e os passos na melhor diretriz. Um país, que não tivesse senão instrução primária e não possuísse grandes autoridades seria, indubitavelmente, uma nação inferior, ou um acampamento de pequenos operários. Entretanto aquela que, a par de um número insignificante de belas culturas, só tivesse analfabetos, dar-nos-ia a impressão de um edificio de soberba fachada, sem alicerces, sem consistência. A questão é, porém, sabermos compreender e acompanhar a evolução do espírito humano. É urgente adaptarmos a instrução secundária e superior às necessidades da civilização presente. A civilização força a humanidade a uma cultura de características utilitárias. Não estará aí, certamente, a condenação de uma cultura clássica e artística, mas a necessidade do desenvolvimento dia a dia maior de uma instrução em bases positivas. Em toda a parte procura-se elevar, na educação integral, a cultura e a consciência do proletariado, para que a revolução social, em marcha franca, não degenerem em selvageria. Ninguém neste momento em que a civilização é a resultante da cultura e da capacidade científica, pensou em limitar a educação popular a um estágio insuficiente à formação de uma capacidade realizadora. qualquer. Cada vez mais a civilização é o produto do trabalho das massas, da cultura do povo e das classes laboriosas, até agora as mais incultas e abandonadas. É o operário da cidade, ou dos campos, o trabalhador da gleba, ou das oficinas, quem assegura, na eficiência do seu esforço, a força e o prestígio das nações. Ninguém colhe senão o que semeiou. Como um povo analfabeto, ignorante e incapaz produzirá uma civilização e construirá uma riqueza, que somente a cultura e a capacidade de esforço e de ação poderão realizar? A força não é uma resultante de decretos, nem uma questão apenas de desejos. — Um país não pode existir forte, civilizado e culto si o seu povo não é culto, civilizado e forte. Educar é adaptar. A educação do homem é a sua adaptação à sua época e ao seu meio, para viver e triunfar.

A. CARNEIRO
LEÃO



de ideias

Para a Boa Ordenação da Vida



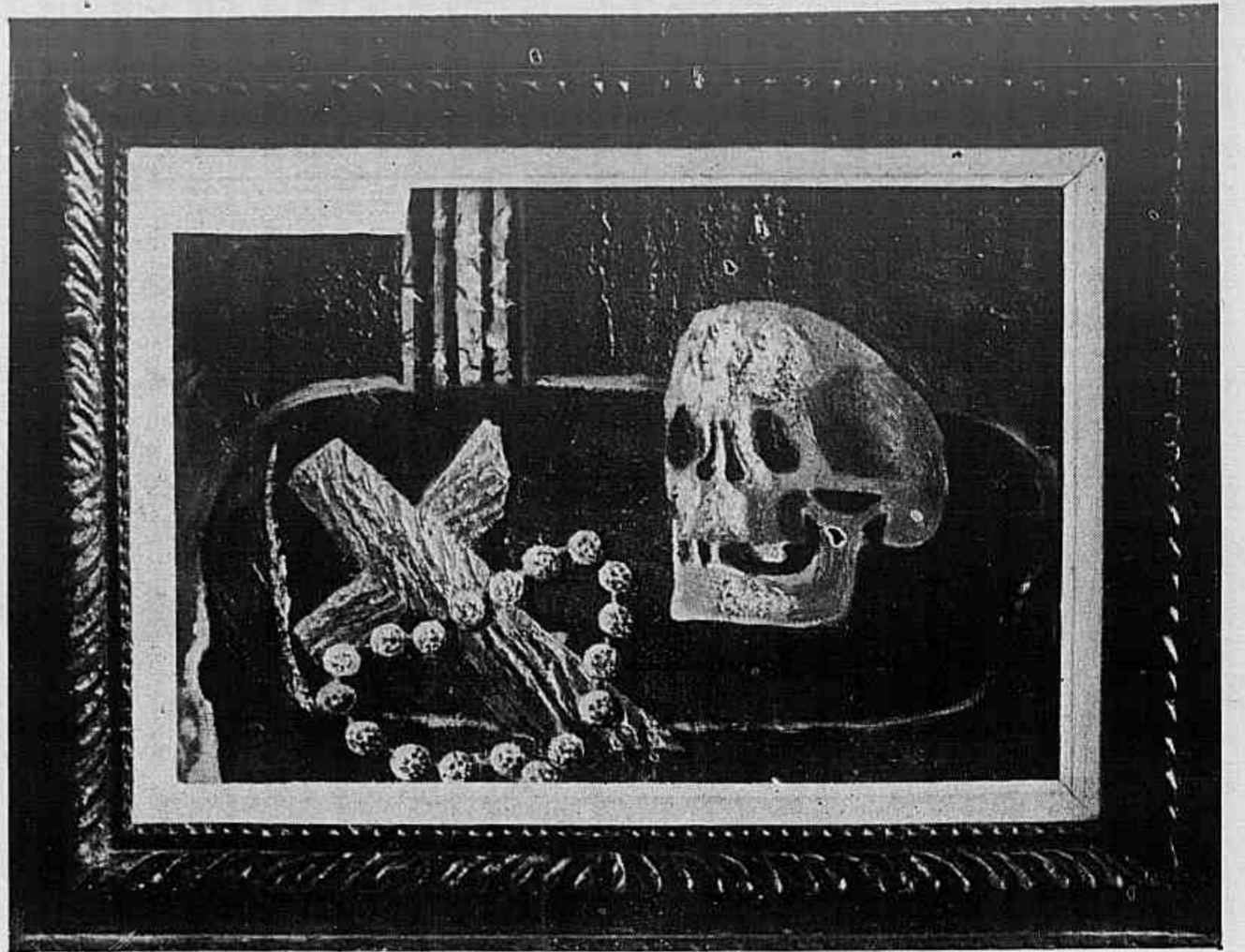
O homem não é máquina. É um ser pensante, individual, independente e simultaneamente interdependente, porque só pode viver em sociedade, isto é, "só pode tirar proveito da sua experiência individual aprendendo livremente na experiência dos outros, tanto no passado, como no presente". Isolado, desarticulado, de nada absolutamente valeria. Já se disse — e é uma verdade — que o fator por excelência no condicionamento sociológico da vida humana está na interaprendizagem, que universalmente torna acessível a todos o conjunto total das contribuições individuais no tempo e no espaço. É esse fator eminente que eleva o homem civilizado acima do nível dos seres primitivos, próximo dos brutos. Na sociedade, entretanto, dentro dessa geral interdependência, o homem precisa manter-se livre para poder realizar, espontaneamente e harmoniosamente o indispensável trabalho inconsciente da cooperação. Partindo, pois, desse princípio básico, que não admite controversia, cabe-nos examinar as condições em que o homem pode agir no meio físico. Imediatamente salta aos olhos que o seu esforço assenta na terra e nela tem sempre a sua origem. Terra — Trabalho é, portanto, o binômio inicial de que resulta a Riqueza. Satisfeitas as necessidades fundamentais do homem, o que sobra da Riqueza é aplicada em auxiliar novos períodos de trabalho. Temos, então, o Capital propriamente dito, isto é, Trabalho acumulado em Riqueza. Terra, Trabalho e Capital são, portanto, os três fatores essenciais da Produção. E si eles o são, como não resta dúvida, é preciso que, para haver justiça, equidade e conveniência geral, a totalidade da Riqueza produzida seja rigorosamente dividida em três partes correspondentes. — Basta uma rigorosa e justa compreensão do que seja a propriedade para completamente esclarecer

essa estranha anomalia. Propriedade do homem só pode ser o que o homem obtém pela sua iniciativa e pelo seu esforço, seja a lavoura, a casa, o gado, a indústria, o navio, os vários instrumentos ou os diferentes estoques de quaisquer utilidades ou subsistências, e não a Terra, sobre a qual tudo isto nasce e se contém, pois que êle, o homem, não a criou pela sua iniciativa ou por seu esforço, já a tendo encontrado quando nasceu. A Terra, portanto, admitida como propriedade, só pode ser a propriedade comum de todos os homens que a habitam, e não a de certos indivíduos mais felizes ou mais espertos. É evidente e indiscutível que, para boa ordenação da vida, seja indispensável estabelecer sobre ela certas divisões, certos limites ou certos condicionamentos que, regulando-lhe a posse, evitem a mútua invasão das várias atividades em presença. Mas também é de igual evidência e igualmente indiscutível que os proventos econômicos resultantes daquelas divisões, daqueles limites ou daqueles condicionamentos, não podem ser atribuídos a nenhum dos indivíduos que exercem atividades, mas sim à comunidade no seu todo ou ao governo que a representa, para o fim de prover às necessidades coletivas. — A libertação da terra significa a libertação de toda a economia. Removido o entrave que o seu monopólio constitui à expansão das forças produtivas, poderão estas desenvolver-se livre e naturalmente, sem que nada detenha a sua marcha ascensional. Todos os artificialismos protecionistas, que não fazem senão encarecer o custo das utilidades e, em consequência, o custo da vida, aumentando a miséria das massas laboriosas, perderiam a sua razão de ser. A liberdade de produção e de comércio, fator essencial de progresso, seria, finalmente, uma realidade.

Otaviano Alves
de Lima

A Arte Sacra no Museu de Arte Moderna de Paris

Por Mme. KAHAN RABECQ



"Vanitas", pintura de Georges Braque.



Tapeçaria de F. Robert, medindo 4 ms. x 5 ms.

O papel de Maurice Denis na renovação da arte sacra, no fim do XIX Século, não precisa mais ser evidenciado. Essa Renascença da arte sacra nos é revelada pela "Santa Martha" e pelos "Peregrinos de Emaú", que aliam uma luminosidade cheia de ternura a uma ciência bem segura da composição.

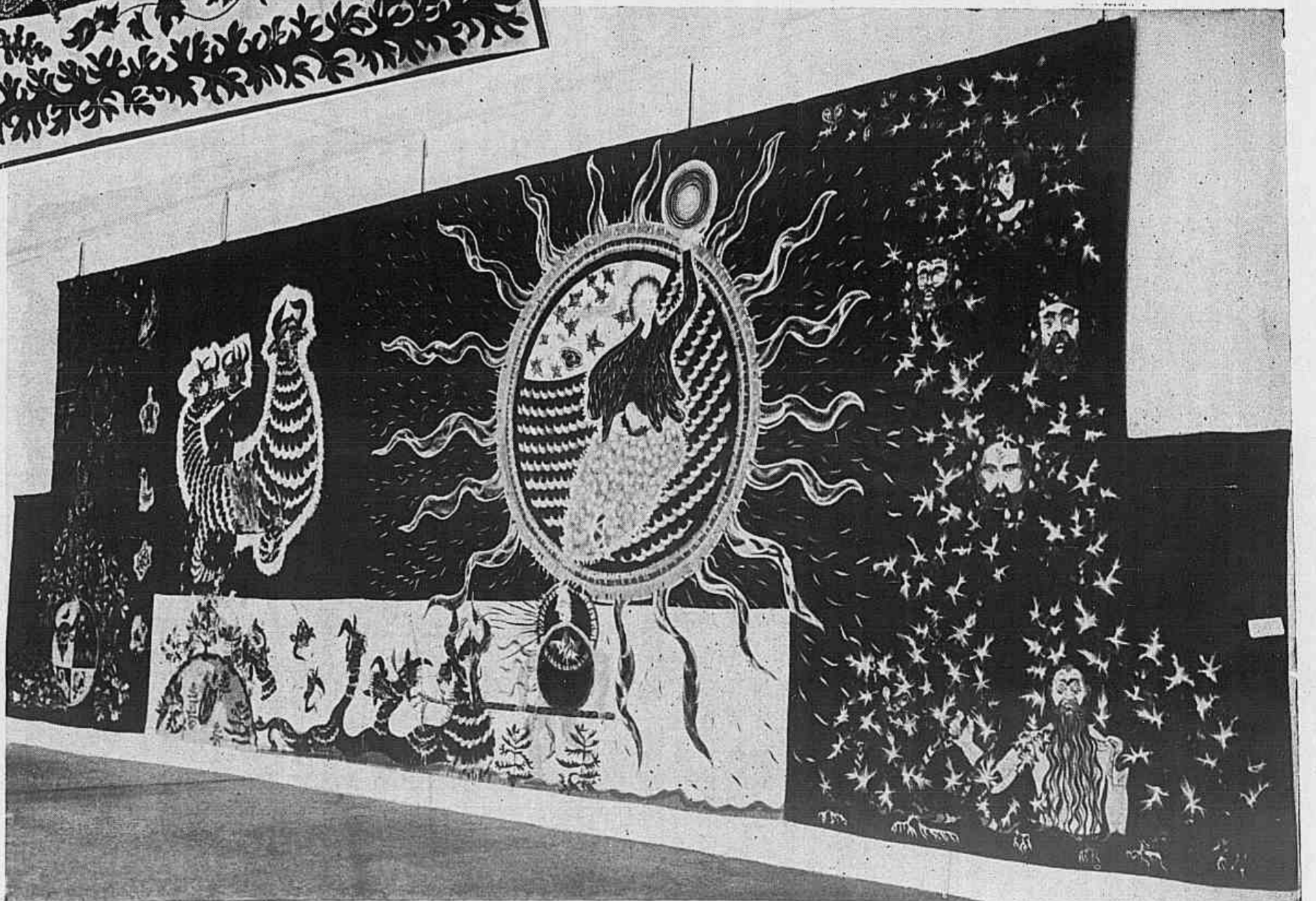
Rouault expõe 22 telas e diversos vitrais. Ele banha de luz de milagre cenas de uma singeleza bíblica (o "Repouso durante a fuga no Egito", o "Cristo no lado de Tiberiades") e, pinta semblantes místicos e absortos, como o de "Santa Martha", ou plenos de dor resignada, tal o do "Cristo", que se revê nos dois vitrais: "Cristo no Pretório" e "Cristo na Cruz".

Entre os vitrais, há também, além do encanto, um tanto surpreso, de suas viagens azuis.

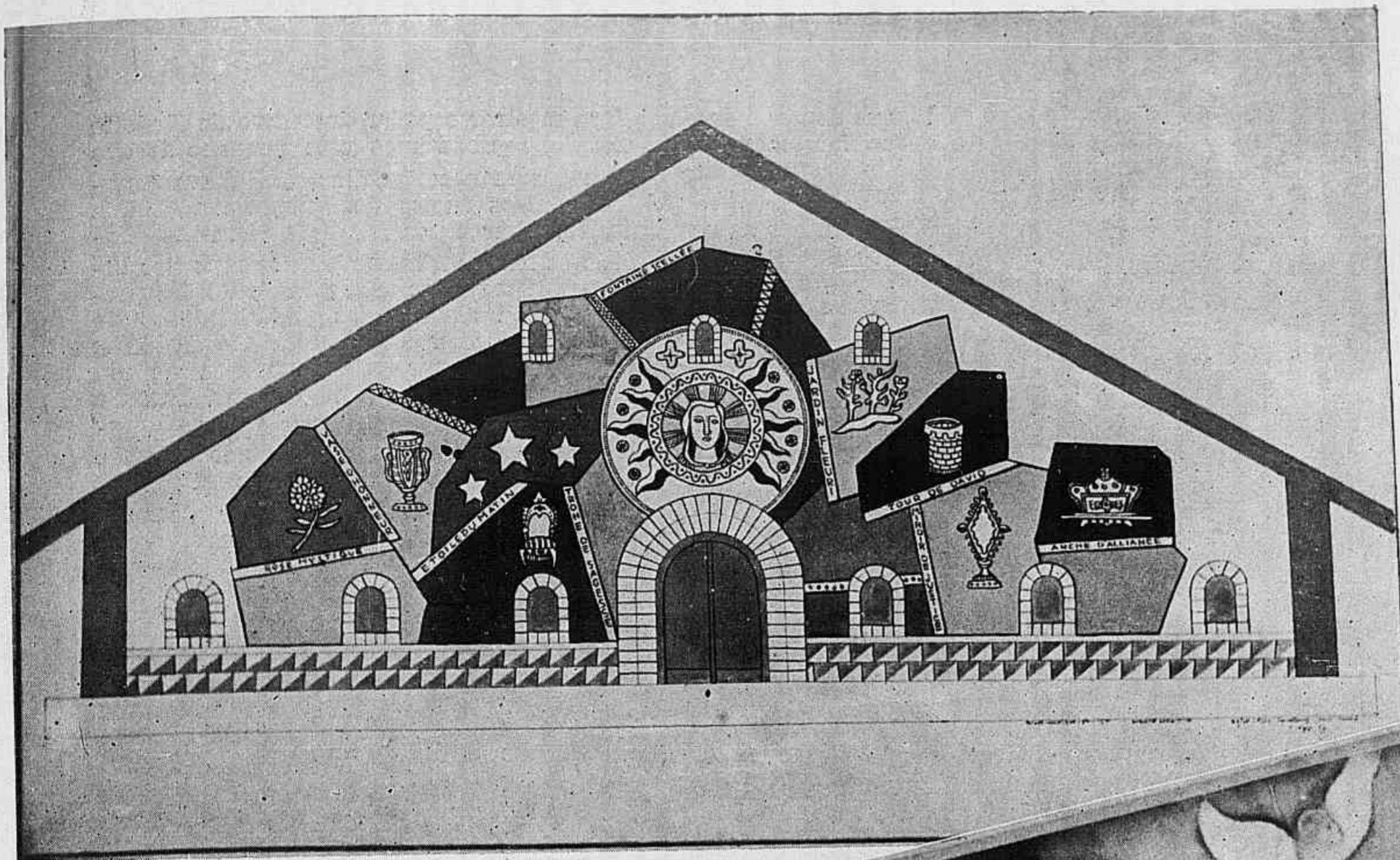
Braque permanece na grande linhagem dos pintores da realidade; como uma admirável sobriedade de meios, ele retoma o tema conhecido da vaidade das coisas deste mundo, porém soube dar-lhe como que uma desesperança nova e uma ressonância infinita.

Mannessier ilumina toda uma sala com seus quadros onde cintila a luz que outrora se evolava das auréolas. O semblante doloroso de Cristo transparece nas dobras do véu de Verônica, uma harmonia rubra e ouro canta o "Salve Regina", enquanto que os tons azues e negros evidenciam no quadro seguinte a tristeza pesada do "Ofício das Trevas".

No sub-solo do Museu pode-se também apreciar um grande número de vitrais, cerâmicas, tapeçarias. Lurçat é, nesse domínio, o mestre incontestado. Embora lhe condenemos uma certa incoerência na composição, uma falta de coesão entre as diversas partes da enorme tapeçaria que representa a vitória da Mulher sobre a Bêsta do Apocalipse, temos que nos inclinar perante a suntuosidade dos coloridos, a sobriedade dos detalhes, aliados a um sentido decorativo cujo segredo parecia perdido há muito tempo.



"O Apocalipse", tapeçaria de Lurçat, destinada à igreja de Assis. Mede 4 m 20 por 13 m 70.



Maquete do fresco da fachada da igreja de Assy, por Fernand Léger.



"Solitud", de Marc Chagall

Vitrais de Rouault para a igreja de Assy.



A Exposição de Arte Sacra, no Museu de Arte Moderna, de Paris, não só patenteia o individualismo de artistas que não cuidam mais, como outrora, de respeitar as normas ditadas pela Igreja em matéria de arte sacra, mas também mostra que os grandes temas religiosos continuam a inspirar os contemporâneos, quer sejam pintores, escultores, ceramistas, quer sejam mestres do vitral. Ela agrupa, com efeito, em torno a um tema semelhante todos os chefes da produção artística do XX Século e alguns dos mais célebres mestres do XIX. Por esta razão já, e porque é, de certo modo, uma amostra da arte moderna, merece uma demorada e atenta visita. Como acontece em tôdas as exposições atualmente organizadas, o lugar destinado à escultura é infinitamente menos importante que o reservado à pintura. O "Profeta" de Gargalle, a "Virgem" de Lipchitz, uma "Pieta" de Zedkine, malgrado sua técnica toda moderna, mostrou contudo que os escultores do XX Século permanecem fiéis à grande tradição religiosa. Não se dá o mesmo com os pintores. Desde a entrada da Exposição, uma "Virgem" de Ingres, fria e distinta, prova que o sentimento religioso desaparece ante o *métier* peculiar a cada artista.

O "S. Jerônimo" de Corot, na sala vizinha, é, sobretudo, um pretexto a pintar, na maneira italiana, uma paisagem admirável.

Encontram-se o ardor e o temperamento dramático de Delacroix no esboço da "Subida ao Calvário". A composição, em espiral, do quadro, a imensa cruz semi-deitada, ao centro, revelam a grandeza de uma tragédia de desenlace atroz.

Daumier, quasi desconhecido como pintor sacro, conserva, abordando a pintura religiosa, tôdas as suas qualidades: espontaneidade da expressão, simplicidade dos meios picturais, sentimento do drama e até esse caráter popular dos personagens que fazem do "Bom Samaritano" uma obra toda impregnada de significação humana e espiritual.

Rodolfo Teófilo, um dos mais renomados escritores do norte do Brasil, deixou uma obra que lhe dá direito de figurar entre os nomes mais ilustres da literatura brasileira. Foi o "historiador dos flagelos climatéricos que periodicamente assolam o Ceará." Romancista, poeta, homem público de raríssima devoção pela causa do povo, Rodolfo Teófilo foi um verdadeiro santo, de que deu provas durante a famosa seca de 1877 e na memorável campanha abolicionista.

Virgílio Brigido, prefaciando o romance "A Fome", quando o autor não havia ainda entrado na velhice, assim traçou o seu perfil: "Com a sua estatura além da mediana e muito meditativa, um indefectível charuto ao canto da boca, a fronte cheia de firmeza e caráter, dispético, rico de imaginação e poesia, poeta e manipulador, historiador e químico, odiando as roupas escuras e as conversações prolongadas, deixando cair sobre o rosto pálido um tenue véu de tristeza, que sua barba castanha e longa mais acentua; tendo em muita conta uma boa fama; de poucas palavras e muitos atos, tudo, porém, de manso como quem tem preguiça, Rodolfo acima de tudo isso é um



muito leal coração, possuindo o preciosíssimo talento da coragem."

Nasceu Rodolfo na cidade de Salvador, província da Bahia, a 6 de maio de 1853. Vinde criança para a cidade de Maranguape, no Ceará, ali viveu até 1864, quando lhe morreu o pai, o dr. Marcos José Teófilo. Em Fortaleza, cursou o Ateneu Cearense, de onde saiu para trabalhar numa casa comercial. Em 1872, embarcou para Pernambuco, concluindo na capital da província os preparatórios para o curso de farmácia. Em 1875, formava-se pela Faculdade de Medicina da Bahia.

Pobre e sem recursos financeiros, Rodolfo Teófilo, cheio de esperanças, voltou ao Ceará. Apesar de diplomado pela terra onde nascera, o jovem farmacêutico amava a terra cearense, que adotara como uma espécie de segunda pátria. Estabeleceu-se, primeiramente, em Pacatuba e depois na capital da província.

Já por essa época, o poeta se revelara na formação intelectual de Rodolfo Teófilo. Alcançou a popularidade de Juvenal Galeno. Seus versos tocavam a alma do povo. Teve versos magníficos, inspiração superior e escolhia temas capazes de provocar entusiasmos e emoções.

☆

Ao reventar a seca de 77, que deu a Guerra Junqueiro tema para a sua famosa poesia "A Fome no Ceará", Rodolfo Teófilo desdobrou-se em sacrifícios a favor dos flagelados. É essa uma das grandes páginas da sua vida. Tudo colocou a serviço dos cearenses famintos e abandonados. "Tinha, porém, diante de si — escreveu um seu biógrafo — uma tarefa mais árdua a cumprir; não esmoreceu, todavia diante das dificuldades da época e dos meios; tomando a ombros a maior empreza social e humanitária que a um só poderia ser confiada — isto é confeccionar a vacina, animar a sua custa e injetá-la em milhares de seres, anualmente, para assim, com o sóro de Jenner, imunizar uma população de mais de cem mil indivíduos, o que foi deveras uma vitória de profilaxia, numa época em que o governo e o povo não cuidavam da coisa pública, tendo-se até promovido anos mais tarde um levante militar no Rio para depor o presidente da República, quando este decretou a vacina obrigatória."

Na campanha pela redenção da escravatura negra, o Ceará esteve na vanguarda do movimento redentor. Os jangadeiros da gloriosa terra nordestina escreveram uma verdadeira epopeia nos anais da história brasileira. Rodolfo Teófilo logo se inscreveu como um dos mais ardorosos paladinos da cruzada libertadora vitoriosa a 13 de maio de 1888. "Com a palavra, a pena e a bolsa levou até o sacrifício o seu concurso em todos os momentos da luta até a vitória final, tornando-se assim um herói, quando, sozinho, conseguiu a libertação do segundo município do Ceará — Pacatuba — logo após

Para mostrar o poder descritivo de Rodolfo Teófilo, reproduzimos este pequeno trecho do seu romance: "Freitas caminhava sonolento. Duas noites de completa vigília, a testemunhar cenas fortes, haviam-lhe abalado os nervos. Era-lhe preciso repousar algumas horas; mas uma parcela do dia perdida podia diminuir as probabilidades de triunfar da fome. Seguiu caminho da fonte, quando ao passar pela ribanceira de um riacho seco, ouviu alguns gemidos. Parou e pensou logo em alguma desgraça. Os gemidos se repetiam; tomando o rumo de onde lhe pareciam vir, caminhou. Não foi preciso andar muito para ser espetador de uma cena terrível. Um grande lagoado estirado ao rez do chão, guardado por um grupo de angicos desfolhados, servia de palco a um drama da fome. Deitada sobre a pedra, na postura de crucificada, uma mulher, tão magra como uma múmia, era devorada ainda viva pelos urubús. Banquete horrível! Como Prometeu, imóvel e sem ação, sente rasgarem-lhe as entranhas as garras e os bicos acerados das aves malditas! Vivia ainda quando estas, que das alturas devassavam a terra, procurando repasto à fome, vêm-na e descem sobre ela. O crocitar das aves disputando o melhor quinhão da presa, seu passo lento e grave, vestidura negra, como os convivas de um préstito fúnebre aterram a desgraça, sem forças para reagir, mais ainda com consciência para temer e sentir e como único e derradeiro esforço da vontade, que se aniquila, lança um olhar súplice para o céu, um olhar cuja luz vacilante refletem duas lágrimas que tremem en-

RODOLFO TEÓFILO

○ Historiador das Sêcas

A M E R I C O P A L H A

(Do Instituto Brasileiro de Cultura)

a libertação de Acarape, que foi o primeiro da gloriosa série."

☆

Vejamos agora o intelectual. Rodolfo Teófilo deixou as seguintes obras: "História do Ceará" (1877-1879); "A Fome", romance; "Sêcas do Ceará, na Segunda Metade do Século XIX"; "Sêca de 1915"; "Sêca de 1919"; "Maria Rita", romance; "Os Brilhantes", romance; "O Paroara" (romance); "O Reino de Kiato" (romance); "O Condurú", contos; "Cenas e Tipos", contos; "Violação", novela; "Botânica Elementar"; "Ciências Naturais em Contos"; "Monografia de Mucunã"; "Memórias de um Engrossador"; "Lira Rústica" (versos); "Telesias", versos; "O Caixaieiro"; "Variola e Vacinação"; "Coberta de tacos"; "Libertação do Ceará"; "Sedição do Joazeiro"; "História Natural"; "Ciências Naturais"; "Cenas Populares"; "As Manchas do Sol e as Sêcas" etc.

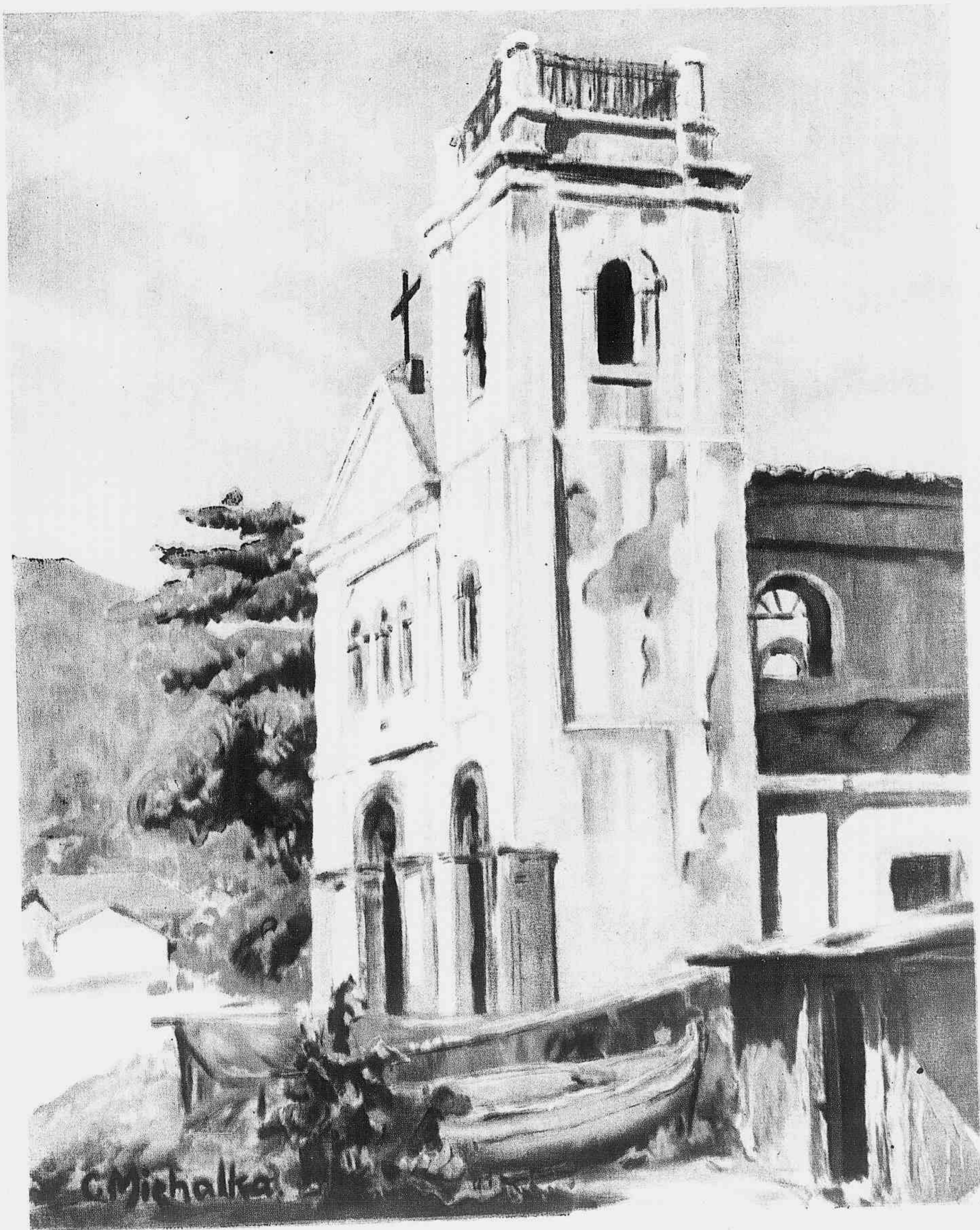
As suas obras mais notáveis e de maior vigor são "História da Sêca no Ceará (1877/1879)" e o romance "A Fome". Sobre a primeira diz Virgílio Brigido: "Este livro não é só uma obra científica revelando os grandes dotes do escritor; é também e principalmente um vivo e eloquentíssimo protesto contra as revoltantes calúnias e injustiças atiradas aos desgraçados filhos do Ceará. É mais do que um livro: é uma grande justiça, uma reparação." O romance "A Fome" foi inspirado no drama de 77. É uma obra forte e viva. O romancista pinta os quadros com tintas severas e impressionantes. Não é um estilista, um artífice, um burilador. É o escritor honesto e sério, profundamente sério e profundamente honesto.

tre as pálpebras mal cerradas. Os urubús, crocitando sempre, alternando o canto pavoroso com os pios agudos e longos, aproximam-se da vítima e o banquete começa. Os bicos compridos e aguçados rasgam o ventre e puxam o intestino que se desenrola a mercê da gula das aves. As víceras são arrancadas do tronco e devoradas com gula famélica.

Os mais fracos receiam disputar aos mais fortes um pedaço do intestino e, covardes, cercam a cabeça da vítima e lhe vasam os olhos a bicadas. Vivia ainda; suas pupilas se fitavam no azul do céu, quando a luz se pagou de repente e nas agônias da dôr cruciante, sente que a vida foge com as últimas ondas da claridade."

☆

Rodolfo Teófilo foi um dos fundadores da Padaria Espiritual, famosa associação literária de Fortaleza que reuniu em seu seio as figuras mais ilustres do seu tempo. Era sócio do Instituto do Ceará, onde substituiu o desembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca, titular da cadeira n. 1. Faleceu o ilustre escritor a 2 de julho de 1932. No seu gênero, acentua o seu biógrafo, foi o mais fecundo escritor nacional. Há nas páginas de Rodolfo Teófilo a sinceridade de um homem que sente as dores alheias não só com o cérebro, mas também com o coração. Tanto assim que a sua vida foi toda ela uma consagração do Bem, como força criadora. É esse o traço marcante do escritor e do homem. O Ceará sentiu toda a sua bondade e leu a sua obra. O nome desse homem de letras fica, pois, sem favor algum, inscrito como um dos mais belos valores da nossa pátria.



JURUJUBA
Téla de Camilo Michalka

Um falso sistema politico que dá ao governo excessivas responsabilidades não lhe permite a compensação de auxiliares idoneos.

* * *

Na estufa da centralização, não se desenvolvem as aptidões.

* * *

Os verdadeiros estadistas, os hábeis administradores, como generais em campos de batalha, formam-se na luta incessante de uma existência agitada.

* * *

Sem o mais completo sistema de garantias individuais, sem a supremacia do parlamento, sem governo responsável, sem a descentralização, sem este vivaz organismo anglo-saxonio, nada está construído solidamente, nada preserva os povos da ruína e da miséria.

* * *

Abstrahindo de instituições que eficazmente assegurem a liberdade, monarquia e república são puras questões de forma.

* * *

Os destinos da monarquia no mundo moderno dependem da habilidade com que saibam os seus mentores convertê-la em instrumento flexível a todas as exigências do progresso.

* * *

A sabedoria do legislador constituinte está em dar aos poderes que constroem todas as faculdades necessárias para viverem a vida plena das instituições de um povo livre.

* * *

Respeitar a diversidade de circunstâncias entre as pequenas sociedades locais que constituem uma mesma nacionalidade, tal deve ser a regra suprema das leis internas de cada Estado.

* * *

A uniformidade nos mata. Não! não é de lei uniforme, por mais liberal que seja e mais previdente, que depende ressuscitar o município; depende isto de leis promulgadas por cada província, conforme as condições peculiares de cada município.

* * *

Leito de Procusto, a legislação simétrica é um sonho enganoso: efeito da paixão niveladora, ela só gera decepções

* * *

processo criminal, e o corretivo da suspensão ou demissão legislativa: como, pois, havemos de agravá-la com est'ouro principio do direito de antiguidade?

* * *

Tudo cumpre prevenir para firmar praticamente a liberdade. Extinguem-se, pois, todos os meios de influencia governamental no animo do magistrado.

* * *

No Brasil, como em outros povos da raça latina, não é tanta a impunidade do crime que se deve recear, mas antes a prepotência da autoridade.

* * *

Seja severa, inflexível, a punição do crime; mas, na intenção de preveni-lo, é licito acaso coagir a liberdade do cidadão? Demais, não se previne o crime armando a autoridade de um poder imenso, diante do cidadão trêmulo de susto e humilhado; a prova está nesses abusos tão comuns em nosso interior, donde se originam reações e vinganças, crimes que produzem crimes.

* * *

Quaes serão os destinos do nosso sistema de governo, que deve assentar na capacidade eleitoral, si perpetuar-se o embrutecimento das populações, engrossando pela corrente de proletários de certa parte da Europa?

* * *

A mais alta manifestação da liberdade de pensamento é a do ensino em conferências públicas, onde a palavra inspirada atrae e subjugava o auditório, propagando-se com a rapidez da electricidade.

* * *

O crime previne-se, principalmente, elevando o nível moral do cidadão, fazendo-o amar a paz e a liberdade, facilitando-lhe o trabalho e a riqueza, ilustrando-o e educando-o por uma instrução primária completa, largamente difundida pelo paiz inteiro.

* * *

JOIAS DO PENSAMENTO BRASILEIRO

SELECIONADAS POR DE MATTOS PINTOS

Não repudia um povo a sua história; e um partido, quando reclama liberdades que já convertêra em leis, impõe-se com dobrada força ao respeito dos contemporâneos.

* * *

Temos por nós a tradição liberal; contra nós o fato do absolutismo: o paiz escolherá.

* * *

Mas instituições há que o tempo condena irrevogavelmente. Nascidas muita vez na mais bela quadra da vida das nações, a experiência vem depois assinalá-las como concepções falsas, ou denunciá-las como elemento de corrupção e tirania.

* * *

Transformemos a face da nossa sociedade politica, mudando-lhes as bases. Libertando o voto, pacificaremos a nação.

* * *

Não há paz sinão na liberdade.

* * *

O espirito de reforma é insaciável; a democracia exigirá em breve muito mais do que lhe concedeis agora.

* * *

Nada há de definitivo no desenvolvimento humano: na politica, como na ciência, as ideias propagam-se em circulos concentricos, mais e mais vastos. Quem pode descrever a periferia do circulo derradeno?

* * *

Caminham as sociedades, como os homens, para o desconhecido.

* * *

Notórios são os inconvenientes da promoção por antiguidade rigorosa, protetora da ignorância, conselheira da desidia, e frequentemente padroeira de vicio e da corrupção.

* * *

Si na magistratura, para reforçar-lhe a independência, admitimos a vitaliciedade, aí mesmo a temperatura com a ameaça do

Tão legitimo, como é legitimo o patrio poder, o qual não envolve certamente o direito deshumano de roubar ao filho o alimento do espirito, o ensino obrigatório é às vezes o único meio de mover pais e tutores remissos ao cumprimento de um dever sagrado. Vivemos em paiz onde, isolados pelas distancias e tolhidos pela ignorância, os habitantes sentem toda a extensão da sua fraqueza: aqui, poderoso é só o governo.

* * *

Como restaurar a liberdade conservando esse tecido de dependências e influências administrativas, elaborado através de tantos anos?

* * *

A lei deve modificar-se com o espirito e as necessidades do século.

* * *

Não substituamos a escravidão pelo dissimulado trabalho servil de chins embrutecidos ou de negros reduzidos à miseria.

* * *

Formação da pequena propriedade, independência industrial do povo, independente do sufrágio, tudo isso virá sómente do verdadeiro trabalho livre remunerado por seus justo valor.

* * *

Quanto aos capazes de progresso, tenham eles animo, e avante! Renovem o seu material, mudem os seus processos, abandonem a rotina.

* * *

Que, pois, espera da história um sistema de governo que, sem haver-nos assegurado a liberdade, nos tem privado do progresso?

* * *

Prenuncio de imminente ruína, o desarranjo das finanças é sempre sintoma de grave enfermidade nos Estados.

* * *

Dai-nos instituições livres, tereis boas finanças: conceito que o seculo XIX elevou a máxima de moral politica.

A. C. TAVARES BASTOS

Refeição interrompida — Tela de Columbano.

amôr invencível e poderoso. Observem o homem aquêlo tipo perfeito de Gaullez, sadio, na plenitude da sua robustez e fôrça. Com que segurança êle prende a mulher amada, com que vigor êle a enlaça, seguro da sua posse senhor da sua vontade!

Na tela de Columbano, famoso pintor português, há muita técnica e bem demonstra que é obra realizada por um dos maiores mestres de Portugal. A parte pictórica é rica e ao mesmo tempo sobria e segura na sua entonação tital.

Os volumes bem distribuídos, o claro e escuro muito justo e sólido, o desenho admirável em sua forma estrutural. Columbano assim como Silva Porto, são dois grandes renovadores da pintura luzitana. Columbano tem uma obra vasta e valiosa, principalmente como retratista, gênero em que conquistou justa fama. O "Museu" está de parabens e o Brasil também, porque possui um Guilherme Guinle, homem raro em nosso tempo, que tem espírito e sabe

○ "Museu Nacional de Belas Artes" possui verdadeiras obras primas da pintura universal, mas não perde nada, antes pelo contrário, em receber outras tantas e tão valiosas e foi o que ocorreu, agora, com as doações de Guilherme Guinle ao nosso maior Museu de Arte, porque o que o ilustre colecionador ofereceu é algo de muito importante e de alto preço, porque se trata de dois insignes Mestres na arte de pintar. As duas telas legadas são maravilhosas de técnica e expressão, pois são realizadas por artistas de valôr incon-

teste. "Idílio", quadro do famoso pintor Joseph Bail é um primor de colorido e graça. Todo o espírito francês aí está em sua plenitude. A composição é muito feliz, o desenho feito com segurança e o modelo é potente como plástica,

Idílio — quadro de Joseph Bail.

UM MECENAS DOS TRÓPICOS

OSWALDO TEIXEIRA

como matéria pictórica. É, realmente, um prazer para os olhos, um regalo, uma felicidade para os sentidos! Reparem na recusa amável e gracil da mulher amada que se deixa conquistar facilmente, porque assim o deseja o

dar, distribuir, sem alarde, sem vaidade e o que êle tem oferecido aos Museus é sempre bom e do melhor, porque o seu gosto é requintado e os seus gestos parecem com aquêles que provinham dos Medicis da radiosa Renascença.

QUEM FOI

João Baptista Jardineiro?

Por PADUA DE ALMEIDA



A torre maior da Catedral Metropolitana. Ali há um grande sino, de perfeita sonoridade, de João Baptista Jardineiro: o "D. João VI".

Dois sinos esculpidos pelo notável mestre colonial. Pertenceu ao Convento de Santo Antônio.



Subindo aos campanários de algumas velhas igrejas de nossa "urbs", tivemos a surpresa de encontrar, na base dos sinos maiores, estas palavras cinzeladas em grandes caracteres: João Baptista Jardineiro o fez nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em... "Lemos essa inscrição, com datas dos últimos tempos dos Vice-Reis, nas mais belas e sonoras peças de bronze do Mosteiro de São Bento, do Convento de Santo Antônio, da Catedral Metropolitana e das Igrejas da Candelária e da Cruz dos Militares.

Evidentemente, João Baptista Jardineiro foi um extraordinário fundidor e escultor de sinos desta Capital, há um século e meio, mais ou menos. Como Stradivarius sabia preparar as madeiras das caixas dos seus violinos prodigiosos, esse obscuro artista contemporâneo de Mestre Valentim e de Xavier das Conchas engenhava, inspiradamente, as ligas admiráveis das maravilhas que saíam da sua igreja forja e do seu buril.

De certo, ele era um crente, e, após alguma oração e algum êxtase, aos pés de um crucifixo, ante uma lâmpada votiva, Deus lhe revelou o segredo da mais alta e perfeita sonoridade. João Baptista Jardineiro recebeu a graça, passando para o metal a flama secreta que ali deveria perpetuar-se. Os sinos daquele mestre colonial — perdoem-me os que só acreditam nas coisas materiais — guardam, em sua tempera, uma divina equação, que nenhum outro artista, no gênero, conseguiu decifrar, em nosso país.

Fazendo-os vibrar com o toque do nó de um dedo em sua espessura, que atinge, muitas vezes, vinte centímetros, ouvimos a sua extrema ressonância desde a sua boca até o ápice, como se dentro deles houvesse um outro sino, de cristal, soando ao longe. Quem teria sido João Baptista Jardineiro? Seria português ou nasceu no Brasil? E em que ponto da metrópole ficaria situada a sua esplêndida oficina?

Examinando crônicas antigas, não nos foi possível descobrir a mais leve referência a esse grande mestre desconhecido cujo nome está gravado, imortalmente, nos sinos mais amplos e harmoniosos dos nossos templos.

Para conhecer quem foi João Baptista Jardineiro apelamos para os mais notáveis estudiosos de assuntos históricos desta cidade; nenhum, porém, soube nos responder eficientemente.

Julgamos que é a primeira vez que alguém vai buscar o nome desse artista da época dos Vice-Reis, através das cinzas de mais de um século, para revelá-lo à posteridade.

João Baptista Jardineiro... Nascido em Portugal ou no Brasil, foi aqui que ele trabalhou, pondo todo o coração em seus trabalhos. Sua oficina deveria ser larga, escura, enfumaçada. Grandes fornos, bigornas espalhadas, colheres enormes para o metal fundido,

malhos pesadíssimos, tenazes de vários tamanhos, foles gigantes. Na porta, uma lanterna de vidros empoeirados, com uma corrente suspensa a uma trave. Escravos indo e vindo, a carregar barras de cobre, níquel e estanho, com a pele negra, suada, faincando, rubramente, à luz da fornalha...

E João Baptista Jardineiro, austero, sinistro, se movia naquele ambiente, ao fulgor da claridade das chamas, como um sacerdote bárbaro. As vezes, ali surgiria o vulto de Frei Cosme de Santo Antônio para conversar com ele, de passagem.

João Baptista Jardineiro, ao avistá-lo, de longe, vinha logo a seu encontro.

— Que Deus o inspire, meu amigo — lhe diria o bom padre-mestre.

— Meu padre — responderia o fundidor de sinos — estou precisando de frases latinas para colocar em algumas peças novas. Quer se encarregar de arranjar-m'as?

— Pois, não, meu filho. Amanhã passarei aqui, e lhe trarei algumas.

Frei Cosme se despedira logo depois, e o artista voltaria a dar ordens a seus escravos.

João Baptista Jardineiro, como já dissemos, é autor dos maiores sinos dos templos cariocas. Nas Igrejas da Candelária, da Cruz dos Militares, no Convento de Santo Antônio e no Mosteiro de São Bento se vêem magníficos trabalhos seus.

Ele, sem dúvida alguma, foi um artista de grande mérito. E por mencionarem, apenas, Xavier das Conchas, Xavier dos Pássaros e outros de menos valor, e o esquecerem completamente? Por que os especialistas da matéria não pesquisam, em velhos documentos e crônicas remotas, alguma coisa sobre a vida desse respeitável mestre do Vice-Reinado?

Por que não se lembraram, ainda, de estudar a sua personalidade imersa nas sombras?

Todos sabem quem foi Mestre Valentim porque as suas duas obras-primas — o Passêio Público e o Chafariz do Paço — estão cá embaixo, diante dos nossos olhos, e podemos admirá-las, sem esforço, a qualquer momento.

Os sinos, contudo, estão lá encima, encarcerados nas torres, e para atingi-los é preciso subir.

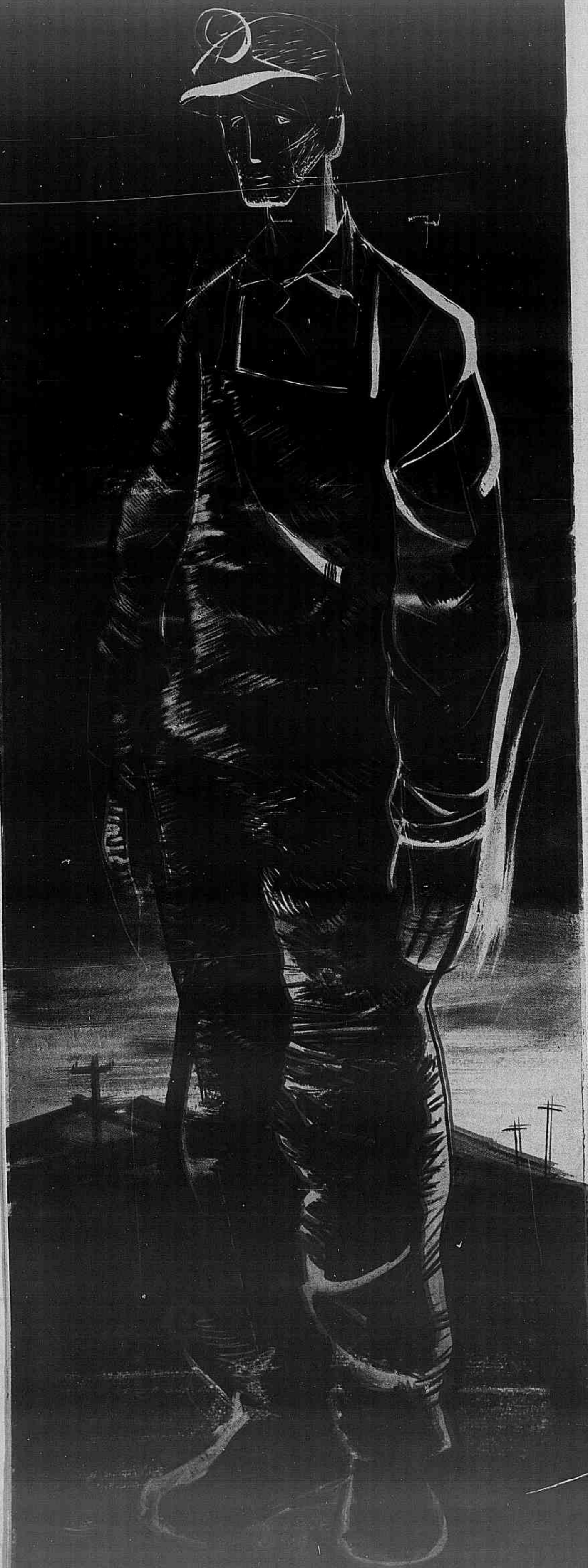
Subir, é claro. Os homens, porém, não sobem. Assim, a sua memória só alcança o que dorme na poeira do chão.

João Baptista Jardineiro foi esquecido pelas criaturas humanas, aqui, na terra. Mas, não importa. Seu nome vive, para sempre, no alto, preso ao azul, dominando as mais sonoras peças de bronze dos nossos templos.

Sua glória é como uma asa de águia sumida entre as núvens. Ninguém a vê porque ela não desce.

Visão magnífica da Avenida Getúlio Vargas, através de uma sineta da Igreja da Candelária, onde João Baptista Jardineiro deixou duas obras primas imortais em bronze.





Páginas Antigas

○ Velho Mineiro

FELICIO TERRA (x)

Franzindo as sobrancelhas e tentando enxergar naquela treva absoluta, Jean experimentava os pulmões, em respiração forçada, para recuperar a consciência da vida. Não sabia que tempo dormira, nem mesmo sabia se tinha dormido. Figurava um hiato na sua existência e nada mais.

Lembrava-se vagamente de certo fragor sinistro, alguns gemidos, o archote apagado, a súbita noite impenetrável, e — coisa exquisita! — nem pensara na possibilidade de estar soterrado... Agora, sentia ainda nas pálpebras um resto de peso, e só por isso presumiu ter despertado. Que fazer? Encostou-se à parede rugosa da mina, esperando... Sofrera tôdas as amarguras que podem ser sofridas e conquistou o direito de ser estóico. Quando menino, era Jean Guigne, por ser caipora; depois de homem chamaram-no Jean Misère, por ser desgraçado. A natureza, num requinte de parcialidade, catara todos os males que poderiam afligir a espécie humana e os arrojara num sumidouro. Deu, então, a êsse sumidouro o nome de Jean Misère e deu a Jean Misère a longevidade...

Jean constituiu uma família, muito sua, que ninguém invejava: sua companheira era a Tristeza. Uma vez percebeu no fundo d'alma um frêmito adorável de paraísos, que se repetia quando Félicité Bompard o olhava com seus lindos olhos de côrça espantada. Jean conseguiu sorrir para Félicité; mas devia ter sorrido de mado singular, porque Félicité, com pena, perguntou-lhe: choras, Misère?

Jean fugiu e Félicité passou. Foi essa a única temeridade de devaneio que aquêlê coração dolorido fantasiou.

Aos 24 anos partiu para a guerra. A pátria invadida pareceu-lhe o lar profanado, a imagem de sua mãe cuspidã. Queria bater-se e morrer, isto é, desquitar-se de sua companheira e de seu nome. Em meio do canhoneio, uma parede desabou e Jean ficou ferido, não por bala, mas por pedras. Levaram-no para o hospital, tôdo vermelho de sangue. Quando lhe deram alta, meses depois, soube que a guerra estava acabada e a França Vencida. Tomou a sua trouxinha de roupa e caminhou sem norte. Veiu depressa o cansaço. Sentou-se no chão da estrada, sob os raios de sol a pino, e começou a puxar, com o polegar e o indicador direitos, o lábio inferior plácido, fixas as pupilas nalguma coisa longínqua, perdida no horizonte, e que só êle via.

Desceu a noite, subiu a alvorada. Encontraram Jean na mesma atitude, puxando ainda o lábio inferior, já inchado, com o mesmo movimento rítmico incessante. Três anos mais tarde, saiu do hospício de loucos e foi para a aldeia, pedir trabalho. Duvidaram, porém, da sua cura mental, e nenhum trabalho lhe deram. Resolveu esmolar; mas si chegava a alguma porta, em busca de pão, soltavam-lhe em cima os cães, tratando-o por vagabundo.

Um dia, Jean avistou o Sr. Defargne, co-proprietário das minas de Courrières. Acercou-se dele, com o chapéu na mão.

O Sr. Defargne brandiu a bengala, disposto a esbordoá-lo. Jean, com um grito de desespero, rasgou o peitilho da sua

camisa desbotoada e suja, mostrou-lhe as costelas salientes e, abaixo, numa espécie de buraco, o lugar do estômago...

- Que quer? perguntou o Sr. Defargne, rudemente.
- Pão e morte... murmurou o desventurado.
- Por que não trabalha?
- Ninguém me quer dar trabalho...
- Siga-me... de longe...

No dia imediato, de manhã cedo, Jean entrava nas minas como operário da última categoria, ganhando um franco por dia de 12 horas. Viveu ali, nas galerias de carvão, durante 32 anos, com a bôca cheia de amargores e o peito cheio de resignações; e no momento em que julgava despertar do sono hipotético no seio de tanta escuridão, estava sexagenário, e não podia compreender que vivesse... O ruído do exterior continuava, em seguimento ao que servira de precursor ao hiato; mas não era igual ao que ouviu, quando o archote se apagara. Evidentemente, cuidava de remover o entulho que obstinara a galeria. Jean esperou; e porque, no mais denso dos infortúnios, Deus sempre põe um pedacinho de céu, Jean, o velho mineiro indigente, imaginou que a luz mostrar-lhe-ia ainda o rosto de Félicité Bompard, com os lindos olhos de côrça espantada, que tinha quando moça...

E Jean suspeitou adivinhar uma indecisa miragem de prazer no acervo de suas máguas solitárias...

*

— Porque chamavam-no **Jean Misère**? interrogou o juiz de instrução, incumbido de averiguar criminalidades no estupendo desastre das minas.

— Porque nunca fui feliz; e agora mesmo estou aqui, vivo, embora devesse estar lá embaixo, na sepultura de carvão que guarda os despojos de 700 companheiros. Mas não pense o Sr. juiz que o meu nome pesa. Habituei-me à miséria e hoje ela me faria falta.

Como todos os grandes infelizes, acabei por amar a desdita; e si o sol está brilhante, a natureza em festa, os homens em gozos, e Deus em risos, escondo-me — porque tudo isso se me afigura um monstruoso convite para a alegria... Convite desrespeitoso...

O juiz mergulhou a cabeça dentro dos autos.

- Quanto ganhava nas minas?
- Um franco por dia.

Há 32 anos, um franco por dia. Bastava para comer mal. Os patrões não podiam pagar mais. Seu capital precisava de renda, e os 1.000 por cento que as minas lhes ofereciam eram compostos dos gemidos dos operários. Eles estavam cá em cima, respirando os perfumes da vida e do luxo; nós estávamos lá embaixo suando lágrimas de ouro, que eles recolhiam ávidamente e transformavam em grandezas de prazer. E assim: ganhava um franco por dia de 12 horas cavando carvão nas entranhas da terra... Posso ir-me embora?

— Fique. Quais os meios de salvação que os proprietários das minas tinham disposto para socorro dos operários em caso de acidente?

— Meios de salvação? Não os conheci jamais. Há tempo, deu-se um princípio de incêndio numa galeria. Fagulhas do archote. Nas paredes do antro apareceram umas estrêlas de fogo... belíssimas. Não havia água. Gastamos a que servia para a bebida, e à fôrça de picareta arrancámos as brazas, que pisávamos desesperadamente. Extinto o incêndio, procurámos o engenheiro e pedimos providências: uma bomba em cada galeria, com mangueiras e agulhas. Nós seríamos os bombeiros. O engenheiro perguntou-nos si estávamos prontos a pagar as despesas com descontos de salário, e, enfurecido, mandou abater um dia de trabalho a todos; porque si o archote estivesse em ponto conveniente longe de correntes de ar, não soltaria fagulhas... dizia o engenheiro.

- Foi êsse o único acidente que testemunhou?
- Único? Quem nos dirá! Os cestos de descida não eram sólidos; e como os operários não deviam perder um minuto de trabalho, muitas vezes a carga dos cestos vencia a re-

sistência da cordoalha... Não sei quantos caíram lá, no fundo, mortos, nem quantos eram restituídos à superfície estropiados... Estes eram os menos venturosos... Ficavam para aí... assim... Os que morriam deixavam de penar. Eu, por exemplo, nunca morri... e sinto muito! Este mundo está torto: só devia nascer quem pudesse ter gôsto de viver... É a queixa que tenho de minha mãe, essa, de me ter feito nascer...

— Mas, os estropiados eram protegidos pela empresa, de certo?

— Creio que não. Nunca me falaram nisso. Os patrões não se ocupam de outras coisas a não ser o lucro do nosso trabalho. Quanto aos trabalhadores... nada. Pagavam o salário com descontos por qualquer descuido, cadeia por qualquer contravenção... e abandono por qualquer desastre. A renda da mina era pequena... 1.000 por cento, somente. Não chegava para liberalidades. Disseram-me que eles iam pedir ao governo que instituisse a assistência aos mineiros, contribuindo a empresa com certa dedução dos salários... Contavam com a influência de senadores e deputados, que elegem para seus caixeiros... e que já lhes arranjaram as cruces da Legião de Honra... Bem merecidas... ganham dinheiro e desamparam os que lh'o dão...

— É incrível que em França se vejam tais coisas.

— Não é incrível, porque é real. A nação — luz tem um cofre de astros; e como todos pedem astros, ela os cede generosamente aos outros, e fica, muitas vezes, às escuras. É a sorte de todo o povo que alardeia a função de farol; mostra o roteiro aos navegantes, mas permanece parado...

— É socialista?

— Não entendo bem o que seja o socialismo. Sou um revoltado, apenas. Acho que a nossa organização social é defeituosa e, não raro, é perversa. Cultiva a idéia e descarta o sentimento... Refiro-me ao sentimento da igualdade... Principalmente nas democracias se observa claramente essa estúpida dissociação psicológica...

— Sabe ler?

— Infelizmente... Leio muito e, por isso, desaprendo. Quero dizer, por isso me insubordino. Os que não lêem, nem meditam, são mais felizes. Aceitam o fato e se conformam. Como ia explicando, não entendo bem o que seja socialismo; mas sinto dentro da minha natureza humana umas ressacas de revolta, que me perturbam atrozmente. Não posso compreender os 1.000 por cento dos patrões cavalgando a tristeza dos Jean Misère... também sou filho de Deus, e julgo que não pode haver mais estrondoso protesto contra a iniquidade social do que a lamentação de ainda há pouco: — nunca morri!...

É preciso que o mundo esteja torto para se proferir essa frase com sinceridade, como a profiro... Veja o Sr. juiz: 1.000 francos por cem em cima, e os Jean Misère em baixo, sepultados vivos, por mingua de proteção, nos escombros de Courrières... Eu sou um emblema... Sou pobre, sou anônimo; isto é, tenho um nome sugestivo; tenho uma espécie de nome coletivo, que a organização social colou desapidadamente à minha alma, que eu supunha intangível e o mundo me fez acreditar ser de lama, que todos pisam...

Vivi 32 anos nas minas, extraíndo riquezas e a morrer de fome, de tédio, de desesperança...

- Não pensa o Sr. juiz que o mundo está torto?
- Perfeitamente... Pode retirar-se... A deus.

Ao chegar à porta da casa, Jean Misère tombou. Estava morto.

Meteram seus restos de amargura humana num esquife de empréstimo e os sacudiram pouco depois na vala comum dos desherdados. Assim findaram 32 anos de operariado... Sobre a cova rasa de Jean Misère, um transeunte compassivo sonhou plantada numa bandeira com esta inscrição enigmática:

“Amanhã!”

(x) Pseudônimo do Dr. Nuno de Andrade, médico e jornalista de renome nos primórdios de nosso século.



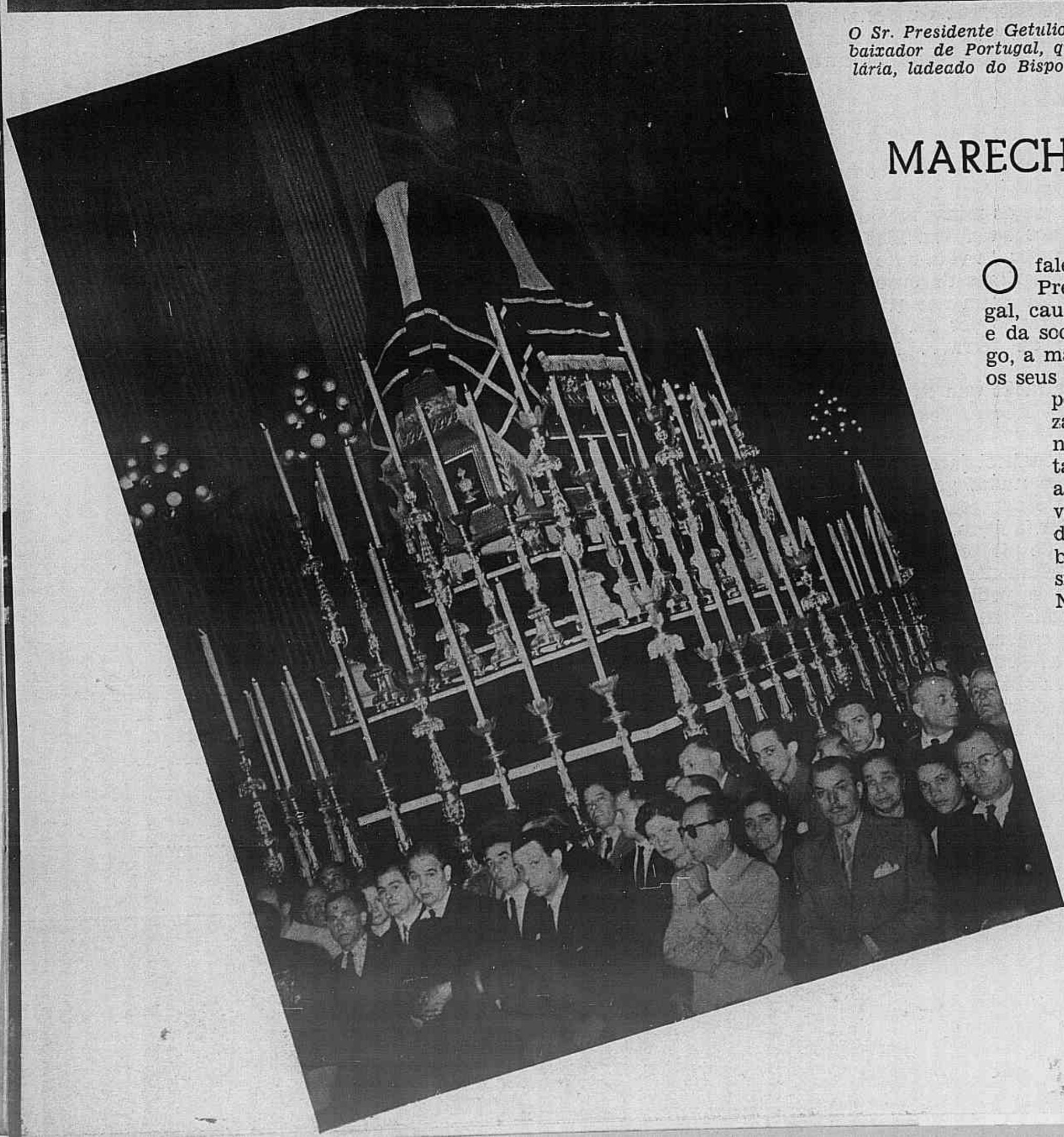
O Sr. Presidente Getulio Vargas, acompanhado do Sr. Embaixador de Portugal, quando deixava a Igreja da Candelária, ladeado do Bispo oficiante.

MARECHAL CARMONA

○ falecimento do Marechal Carmona, Presidente da República de Portugal, causou em todos os círculos oficiais e da sociedade do Brasil e do país amigo, a mais profunda emoção. Em Lisboa os seus funerais se revestiram da maior pompa, e as demonstrações do pesar público foram as mais emocionantes de quantas tem sido prestadas a um chefe de Estado. E aqui não foram menores as provas do govêrn e do povo em tôrno do infausto acontecimento que cobriu de luto a gloriosa terra lusitana.

Nas fotografias juntas vêm-se alguns dos aspectos das cerimônias fúnebres celebradas na metrópole portuguesa e nesta capital, destacando-se a em que aparecem as autoridades brasiliaras tendo à frente o sr. dr. Getulio Vargas, presidente da República.

Flagrante da Assistência junto à Eça.





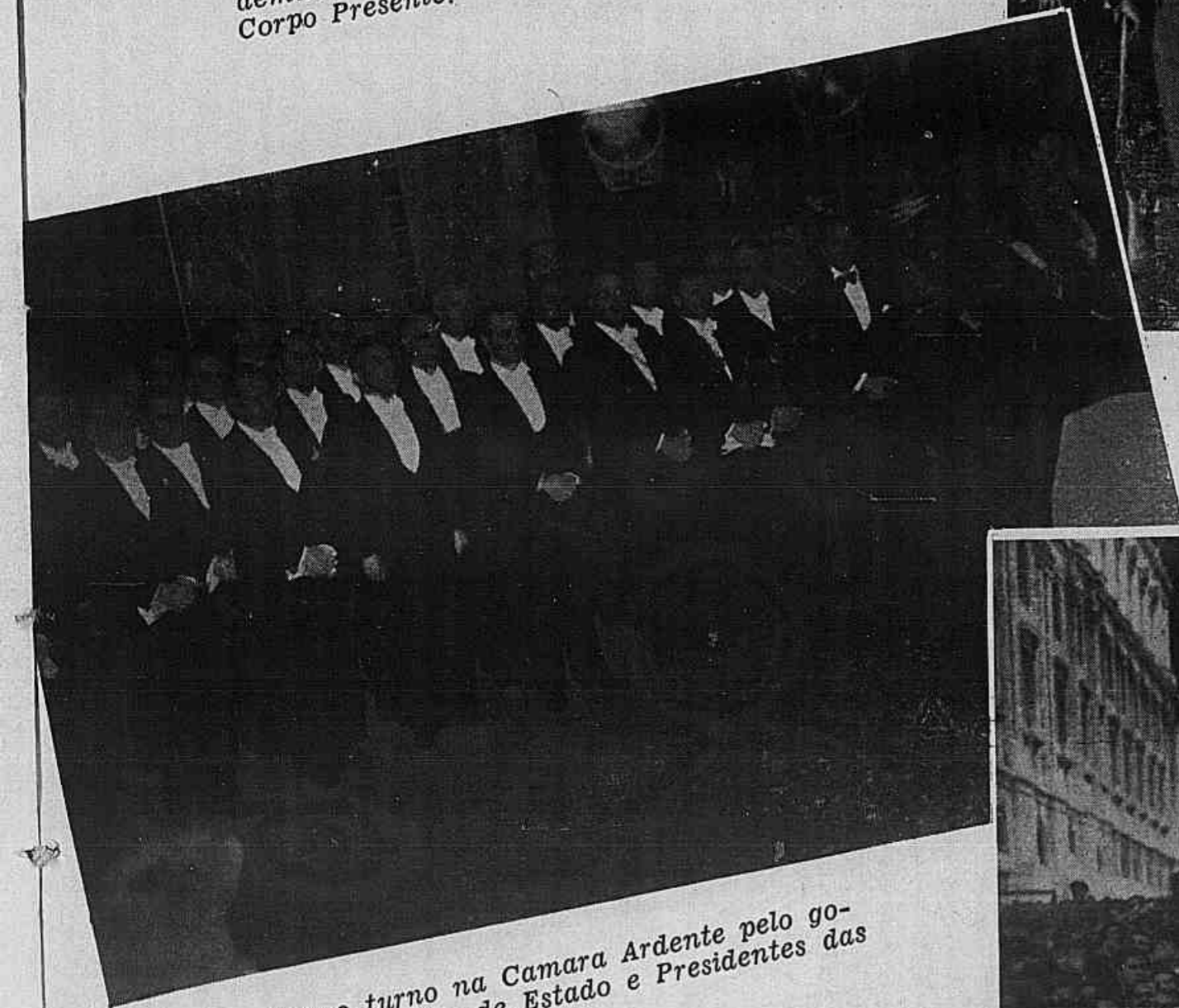
O último adeus da Sra. D. Maria do Carmo Fragoso Carmona ao saudoso Presidente da nação irmã e amiga.



O Sr. Oliveira Salazar, Presidente do Conselho e demais membros do governo assistem à missa de Corpo Presente.



A Sra. Marechal Carmona, acompanhada de pessoas de sua família assistindo à missa por alma de seu esposo.



O último turno na Camara Ardente pelo governo, Conselho de Estado e Presidentes das Camaras.

A multidão, no largo de S. Bento, aguarda a sua ordem de entrada no Palácio da Assembléia, para vêr o ataúde do Sr. Marechal Carmona.



Maria Lessa é uma poetisa que tem a noção natural dos verdadeiros artistas. Ora exaltada, ora meiga, escreve versos com a verdadeira naturalidade das aves que cantam porque nasceram para cantar. Do livro de Maria Lessa — "Da janela do Sonho"... — destacamos "Guanabara", que tão bem mostra o talento da jovem poetisa.

No horizonte distante se divisam
areias brancas pelo mar beijadas;
monolitos eretos sinalizam
a extensa linha branca das moradas,
e traduzem, na impávida estatura
sentinelas de guardas avançadas
orientado na simples compostura
os barcos para o rumo das enseadas.

Mal se abeira da terra a náu viajeira,
comprindo em seu bojo mil anseios,
as gaivotas na costa brasileira,
quais emissários tacitos alados,
singram o céu da terra hospitaleira,
dando às naus boas vindas! Aos doirados
festins do sol se estende branca esteira,
trilha final de sonhos almejados.

Defronta a náu a porta franca e aberta,
que dá ingresso ao pôrto de chegada.
Em guarda permanente, sempre alerta,
tal como a sentinela perfilada,
a massa de granito descoberta
com a sua imensa face descaldada,
pelas nuvens, às vèzes, encobertas,
e pelo verde mar sempre banhada.

Saúdam o visitante, logo à entrada,
"Villegagnon", a "Lage", "Boa viagem!"
No fundo da baía, em revoada,
velozes, rebrilhantes na plumagem,
gaivotas, em carreira porfiada,
Asas brancas batendo à doce aragem,
vêm dar a "boa vinda" à náu chegada,
sã e salva dos mares à voragem.

No pátio celestial azul, de anil,
esgarçam-se farrapos de algodão;
derrama o sol, em vibração febril,
catadupas de luz em profusão,
que dos montes esbatem o perfil
ao longe debuxado na amplidão!



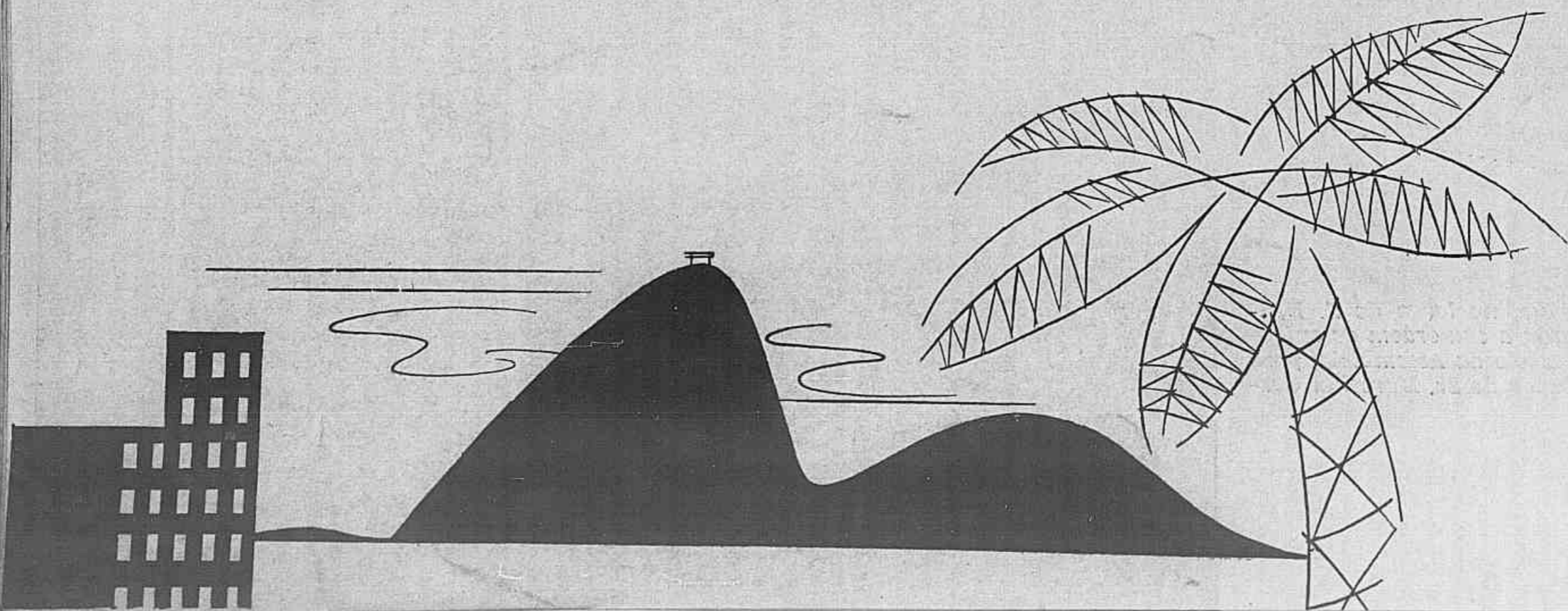
E da mata no seio a passarada,
trinando na mais lírica doçura,
sauda em cada dia uma alvorada
nos gorgeios de amor e de ternura!
E aqui, e ali, e além, a excelsa gama
de perfume das ervas e das flores,
que do ambiente os ares embalsama,
em honra aos recém-vindos viajores.

A "Fiscal", um encanto em molde antigo,
a linda "Paquetá", ninho de amores,
que foi do "Patriaca" doce abrigo,
em momentos de amargos dissabores.
E dominando, à altura, o panorama,
pela graça de Deus iluminado,
em sublime relêvo se proclama
a benção de Jesus no Corcovado!

.....
E, aqui, na encatadora Guanabara,
mágico espelho do meu céu de anil,
sinto e sussurro:

nada se equipara
ao que encerra em beleza o meu Brasil!

MARIA LESSA





Leilah Dutra Pereira da Cunha, filha do casal D. Pedro Pereira da Cunha, no dia do seu casamento com o Sr. Hugo Jorge Coutinho, realizado na Igreja Santa Cruz dos Militares.

Um dia de noivas
Noivas



Helena de Oliveira, filha do casal F. Olimpio de Oliveira, no dia do seu enlace com o Sr. Henrique Sergio Ribas, realizado na Igreja da Candelaria.

Ilustração Literária

Um ditador da moda no começo do Século

Figueiredo Pimentel dominou durante alguns anos a alta sociedade carioca através a seção que como título "Binóculo" mantinha na "Gazeta de Notícias". O cronista mundano, aparentemente frívolo, era ao mesmo tempo o ditador da moda e o transformador dos costumes. Conheci Figueiredo Pimentel alguns anos antes do seu aparecimento na literatura com os seus famosos contos para crianças, das edições populares do Quaresma. Viêra de Macaé onde nascera. Num dado momento resolveu forçar a popularidade com uma nota de escândalo, e publicou um volume de versos horrorosos: "Livro mau". Nessas páginas o poeta cantava coisas incríveis, maldizia o amor materno e a desgraça de haver nacido, ofendia os bons sentimentos. Antecipára-se um pouco ao português Albino Forjaz de Sampaio que com as suas "Palavras cínicas" ainda conseguira impressionar a mocidade. Mais tarde Figueiredo desafiou novamente a curiosidade pública com a novela "O suicida". O caso merece ser lembrado porque houve quem acreditasse nele e lamentasse a sorte do escritor. Residente, então, em Niterói, Figueiredo Pimentel deixou na barca um exemplar da obra recém-saida do prélo, e ao lado dele um paletó. Deu com isso a impressão de que alguém se suicidára atirando-se ao mar. E como por vários dias não aparecesse nos lugares habituais não falou quem suspeitasse de que o morto fora o próprio autor do romance. Com esse pequenos mais ruidosos êxitos o nome de Figueiredo Pimentel começou a ser objeto de comentários em todas as rodas e não tardou a sua reaparição na imprensa com a interessante coluna de elegâncias. A principio o "Binóculo" registrava os nomes de algumas damas que se davam ao luxo de passar, às quatro da tarde, pela porta da "Gazeta de Notícias" onde o cronista, de monoculo petulante e barba mefistofélica, tomava as suas notas para no dia seguinte divulgá-las, na folha. E Figueiredo aludido às pessoas que conhecia descrevia-lhes a indumentária numa prosa brilhante e salpicada de termos em francês. Muita gente saía de casa exclusivamente para ser vista por ele e para ser citada no "Binóculo". De uma feita Figueiredo Pimentel resolveu estabelecer um consultório destinado a dar conselhos sobre boas maneiras e a arte de bem vestir. A sua correspondência, daí por diante, tornou-se volumosa. Havia ingenuos que lhe perguntavam sobre o modo de se comportar à mesa num banquete, sobre como proceder nas festas diplomáticas, enfim sobre um número de miudezas que, em geral, fazem parte dos rudimentos da educação doméstica. Figueiredo mostrou-me algumas dessas cartas cheia de candura e de simplicidade que definiam uma sociedade de gatinhas, vinda das classes endinheiradas o comércio, e que procurava ares superiores de acordo com os novos padrões de vida da cidade que substituíra a velha aldeia colonial afrazada por Pereira Passos, Lauro Muller e Paulo de Frontin. A rua do Ouvidor, que era a feira das vaidades do Império, mantinha o seu primado e o dividia, depois do início do século, com a Avenida Central. Eram os dois pontos de encontro dessa nobreza de arribação com raízes nos tranques da Gambôa e do Saco do Alferes, e que aprendia às pressas um pouco de francês para frequentar as temporadas do Teatro Municipal e as noites do Lírico. Figueiredo Pimentel divertia-se bastante com certos rídiculos da sua clientela, mas não há dúvida que a sua literatura de banalidades aparentes desempenhou um papel de relevo na fase de transição entre a cidade de ranço lusitano e a metropole que rapidamente se coloriu de tonalidades cosmopolitas. E o mais curioso em tudo isso para que o ditador da moda, que escrevia para graúdos de Botafogo e se fizera o seu oráculo, residia no subúrbio, na modesta estação de Todos os Santos.

CARLOS MAUL

A VELHICE DAS NOVIDADES

E de Salomão, na Bíblia, que nada há de novo sob o sol. Os fatos, aliás, demonstram que quase tudo o que anda por aí em matéria de novidade é velhíssimo, e o que aparece realmente inédito não passa de ilusão de ótica, pois carrega apenas os trapos coloridos da indumentária contemporânea. Em literatura, então, vemos a cada passo cousas que os nossos antepassados vulgarizaram dadas como descobertas recentes umas delas é a expressão "tem no sentido de existir, de haver, apresentada nestes dias como um brasileiro sertanejo que invadiu a fala citadina. As canções populares e os escritos ditos modernistas difundiram essa forma de dizer, e a imprensa e os livros a consagram com mais um depoimento em favor do que chamamos de lingua brasileira. Os puristas abespinham-se e condenam os que a usam. A verdade, porém, é que vem de muito longe esse nosso costume, e **tem** já possui fóros de clássico. No "Diário do Rio de Janeiro", uma folha de palmo que se imprimia nesta cidade, encontramos, na primeira página de seu número de 27 de fe-

vereiro de 1828, alguns anuncios de objetos à venda, redigidos nestes termos: "Na rua de S. Pedro, loja n. 166, "tem" para vender por 8\$000 hum Missal com algum uso". Outros no mesmo estilo aparecem no periódico, o que demonstra não ser novidade esse modo de afirmar a posse de alguma cousa.

OS AMIGOS DE CASIMIRO DE ABREU

Uma critica leviana tem procurado diminuir o valor das amizades do insigne carter das "Primaveras", dando-o como individuo frequentador de rodas baixas. Apesar de muito moço, entretanto, ele privava de referencia com figuras destacadas nas letras e na politica, como Pedro Luiz — o autor do primeiro artigo sobre o seu livro, como Teixeira de Melo, Francisco Otaviano, Machado de Assis. O comerciante que dirigia casa em que se hospedava quando no Rio, citado como individuo de poucas letras, o comendador Costa Cabral, era um dos mais prestigiosos chefes politicos fluminenses, fazendeiro em Macaé, e que

mantinha com os vultos do Império a maior intimidade. Esse homem, pai da menina Yayá que aparece nas dedicatórias de poemas de Casimiro, recebia de Francisco Otaviano bilhete neste estilo: "Para Macaé lhe escrevi pedindo que me apoie as candidaturas de Alberto Brandão (que mais tarde seria sogro de Coelho Neto) Evaristo Marinho e outros. O dr. Joaquim Alves da Silva, atual deputado provincial, foi excluído por ser meu amigo! Já vê que por este tomo interesse de pai". O conselheiro Zacarias e de Góis e Vasconcelos mandava-lhe cartas assim: "Sabendo quanto V. S. influi na eleição de Diretores da Companhia Nova Permanente vou rogar-lhe com a maior instancia hum voto em favor do sr. Vicente Tourinho, que he apresentado a um lugar pelo sr. Inacio Eugenio Tavares, e que procure interessar nisso os amigos".

UM PLÁGIO

Na biografia de Casimiro de Abreu feita pelo sr. Nilo Bruzzi não há somente fraudes nos documentos relativos à vida do poeta, truncamento proposital na citação de autores, dados falsos, erros históricos e geográficos. Há também o plágio para melhor enfeitar esse jardim de mistificações, e plágio desnecessário porque nada adianta ao assunto e apenas entrou no livro para efeito de ostentação de conhecimentos. A prova aí está no confronto dos trechos que se seguem:

"A nave central da Igreja tem cento e oitenta e sete metros de comprimento, tendo a cúpola cento e desessete metros de altura, cobrindo esta estúpida abóboda colunas colossais de mármore multicores, painéis formidáveis de mosaico, inúmeras capelas que são verdadeiros templos autónomos, túmulos de mármore, obra dos maiores artistas de todos os tempos e o afamado tabernáculo de bronze que se estende sobre o altar-mór, onde só o Papa pode pontificar, além da sepultura de São Pedro, o Apóstolo, com os ricos mosaicos de cúpola executados sobre desenho de Miguel Angelo".

(Do livro "Casimiro de Abreu", de Nilo Bruzzi, Rio, 1949, pagina 31).

"Efetivamente esta nave central de 187 metros de comprimento com sua enorme cúpula de 117 metros de altura, com suas colunas colossais de mármore multicores, com seus admiráveis quadros de mosaico, com suas multiplas capelas, com seus túmulos de mármore, todas obras primas de grandes mestres, com o seu tabernáculo de bronze que cobre o altar-mór (em que só o Papa pode pontificar) e a sepultura de S. Pedro, com os admiráveis mosaicos da cupula executados sobre desenhos de Miguel Angelo..."

(Do livro "Impressões d'Itália, de Carlos von Koseritz, Porto Alegre, 1887, pagina 223).

Iº CONGRESSO NACIONAL DE FOLCLORE

Realiza-se este ano, nesta cidade, o Iº Congresso Nacional de Folclore. Será em Agosto, e em comemoração ao centenário de Silvio Romero. Os interessados no trabalho do Congresso podem enviar teses e memoriais sobre as seguintes matérias:

Músicas e Danças populares — Pesquisas (processos, métodos, técnicas de transcrição de fonó-

gramas, notação musical), estudo das características da música popular brasileira; instrumentos e conjuntos, caracterização do que é folclórico na música brasileira, gêneros vocais e instrumentais, coreografia popular.

Folguedos populares nas diversas regiões do país, forma e época de apresentação; entredo, música, coreografia, figuras, indumentária e implementos, etc.; descrição e documentação, estudos comparativos; cooperação dos poderes públicos; teatro folclórico; festividades populares.

Folclóre e Educação — Importância dos folclóres na educação; estado atual do problema; ensino do folclóre nos diversos graus (primário, secundário e superior); didática folclórica; motivos folclóricos locais com centro de interesse no ensino; utilização de material folclórico (literatura infantil, cantos, danças, músicas, etc.).

Folclóre e arte — Influência dos motivos folclóricos nas artes plásticas e na música; aproveitamento de temas folclóricos no teatro, no cinema, no rádio etc.; danças de inspiração folclórica; relações entre os motivos populares e a arte erudita.

As memórias e teses para o Iº Congresso Brasileiro de Folclóre deverão ser enviadas à Secretaria da Comissão Nacional de Folclóre, no Palácio Itamarati, Rio de Janeiro, até 15 de maio de 1951.

LIVROS DO DIA

Mauro Carmo é, sem favor um dos mais fulgurantes poetas desta hora. Ele continúa galhardamente e sem desfalecimentos a tradição de uma geração que deu ao Brasil alguns de seus grandes nomes. Os seus versos não precisaram dos recursos equivocados do modernismo para impor-se à apreciação dos que amam a poesia eterna. O seu último livro — "Tu me ouvirás" — é bem uma prova de que esse admirável virtuose da rima sabe dizer com beleza do seu deslumbramento diante da vida e das emoções da sua alma profundamente sensível. Esse título define nitidamente uma certeza: a de que alguém tem ouvidos para escutar esses cantos formosos, mas esse "algém" se multiplica por numerosos ouvidos que se acostumaram à leitura da obra desse poeta magnífico. Bem disse no soneto prefácio Olegário Mariano:

"Em cada rima há um sopro de esperança,
E há um beijo de saudade em cada verso."

Este livro "Sob a luz de um novo sol" assegura a Beatrix dos Reis Carvalho um dos lugares mais altos e destacados na poesia do Brasil contemporâneo. Estamos realmente na presença de uma grande poetisa cuja obra é perfeita em tudo: na forma límpida e clara, na elegância dos ritmos, na elevação dos conceitos e dos sentimentos. É uma alma que vibra ao toque mágico das maravilhas do mundo e dispõe da força de disseminar as suas emoções mais íntimas através da música de suas estrófes. Em qualquer das páginas desse livro há o desenho de um imenso coração ansioso de felicidade. Nelas vemos a cada passo trechos como esta quintilha maravilhosa:

"Agora vais entrar no meu passado,
tu que inda tens na minha a tua mão;
— Que importa o coração despedaçado
Se por amor não ficas ao meu lado,
não te quero também por gratidão."

"Guardand' céu nos trópicos" (Ilha de Fernando de Noronha) é um dos livros mais interessantes recém-publicados pela Biblioteca do Exército. Assina-o o major José Campos de Aragão, escritor de grande mérito que nessas páginas de

observação aguda nos transmite impressões palpantes do período em que as nossas forças se conservaram vigilantes no arquipélago de Fernando de Noronha, em defesa da nossa soberania. Cenas da vida, as atividades militares voltadas constantemente para as alturas para que não nos surpreendessem as aeronaves inimigas que cruzavam os céus, de tudo isso nos fala esse brilhante soldado que aia às qualidades de conspicuo homem de letras, senhor de vasta cultura, — as de artista do pincel não menos interessante nas suas telas.

"Guardand' céu nos trópicos" é por todos os títulos uma obra que se impõe à admiração dos que estimam e apreciam os bons livros.

MENSAGEM A PROVINCIA

(No IV Congresso Nacional das Academias de Letras e de Intelectuais do Brasil).

Na hora que passa reúnem-se famosos intelectuais do Brasil no IV Congresso Nacional das Academias de Letras, todos com a boa vontade de acertar num rumo bem orientado, um roteiro que enfim traga culturalmente algo de útil e prático à nacionalidade.

Dirijo-me à Província, aos seus críticos e poetas, romancistas e dramaturgos, contistas e novelistas, jornalistas e ensaístas, escritores e cronistas, enfim de dentro e de fóra das Academias, que representam uma multidão. Não esquecer que somos mais de oitocentos homens da pena, arregimentados pela nobre Federação das Academias de Letras, que um dia terá dos outros a compreensão da sua eficiência dentro de uma época.

Esta mensagem é de congratulações com os intelectuais da Província, seja qual for o seu setor. Não devemos esquece-los nunca, — eles integram a Nação intelectual e cultural. Os grandes nomes do País, quasi todos, vieram e vêm da Província. Aí a inteligência póde ser igual, mas se lê muito, se estuda muito, porque o ambiente é mais de sossego, de tranquilidade, digamos de serenidade, fóra do turbilhão, da inquietação, das dificuldades incriveis da vida à que todos estamos sujeitos nesta famosa e formosa capital da República.

É um homem da Província, e que sempre lhe fez justiça reconhecendo os seus valores, que se dirige à Província. Pertença, do que me honro, às Academias do Maranhão, minha querida terra Natal e a do Amazonas, que tanto estimo porque lá passei quasi toda uma mocidade agitada, como membro efetivo, ocupando poltronas de patronos famosos.

Sou sócio correspondente de diversas outras Academias, que me distinguem com esse galardão. Na capital do País há 21 anos, trabalhando o livro ou o jornal, ou na tribuna, sempre me considere e considero um escritor e um jornalista da Província. Nunca fui nem sou um ingrato, ou propositadamente um esquecido.

Quero que esta Mensagem curta e breve, suscinta, seja clara nos seus intuitos e finalidades. Não vou citar para não me alongar imensamente nomes de ontem e de hoje, glórias lidimas do Brasil, a quasi todos surgiram ou vieram da Província. Vultos maiores da nossa Pátria números são dessa mesma Província, que temos de auxiliar, amar e respeitar.

Revejam as poltronas azuis da nobre Academia de Letras, e verificarão ontem e hoje nomes famosos que vieram também da Província. E nas outras corporações literárias, artísticas, científicas, predominam o Norte e o Sul, o que aliás é um fenómeno natural, pois os escritores e poetas, artistas de todos os setores, cientistas de todos os ramos, são em maior numero, e esta apreciação não envolve, nem de leve, o minimo desdouro aos notáveis e eminentes intelectuais da Capital do País que tanto fizeram ou fazem pela nossa Pátria.

Uma convalescencia fóra do Rio de Janeiro não me permite tomar parte, como desejava, nos trabalhos deste nosso Congresso. Escrevo no silencio das montanhas esta Mensagem, daí a minha proposta à este cenáculo de cultura, através destas linhas simples.

Na Província há centenas, milhares de obras inéditas de escritores de nomes famosos ou inéditos. Eles vivem emparedados, — numerosos são talentos, alguns serão genios. Mas ao Brasil, salvo alguns no Rio de Janeiro e em dois Estados — S. Paulo e Rio Grande do Sul — falta essa entidade que enriquece um País, — o editor. Os autores são pobres, têm um padrão de vida modesto. Como publicar os seus livros? Estes custam uma fortuna, edição e venda. Falta-nos editores, e estes vivem pouco amparados, — não argumentar com duas ou três exceções. Não me queixo, o destino para comigo foi generoso, e tive sempre editores em Brasil e Portugal, desde o primeiro livro publicado, aliás em São Paulo por um escritor, Garcia Redondo. Mas temos que amparar a todos, se queremos ter cultura.

A minha proposta ao Congresso da Academia Carioca — tão nobre! — e das Academias é que este se dirija ao Governo do País, ao Sr. Ministro da Educação e Saúde — é um profissional — ao Senado e Camara Federal, aos Governadores dos Estados, Prefeitos e Cordeiros Municipais, às Assembléias Legislativas, para que auxiliem a publicação dos bons livros, claro que obedecendo ao critério da seleção. Instituem prêmios literários, e facilitem aos editores atuais aos que surgirem, meios destinados a amparar o livro, com a obrigação de editarem obras que aproveitem a cultura nacional, e que a sua vendagem não seja proibitiva. As Academias de Letras dos Estados poderiam promover as seleções, se determinadas em Leis, ficando com a responsabilidade moral das escolhas.

Esta formosa lingua Portuguesa-Brasileira só é falada e escrita em dois países. Estes são irmãos, e assim proponho ao nosso Congresso das Academias que se dirija aos governos do Brasil e Portugal para que num acórdio mais prático e de realidades sejam feitas melhores concessões aos livros de origem brasileira-portuguesa, para que haja um intercambio forte de obras, revistas e jornais.

Precisamos intensificar esse intercâmbio, tudo facilitar, para que seja uma realidade produtiva. Tarifas mutuas mínimas, facilidade para as remessas e entregas, outras proteções para editores ou remetentes, contato que o livro possa ter vendagem não proibitiva.

As Academias dos Estados precisam ter o amparo monetário oficial, e que este seja em tempo realmente satisfeito, e não fique somente a figurar nos Orçamentos da República e de alguns Estados. Dir-se-á que atravessamos uma crise economica-financeira, mas o País sempre vai vivendo, — e somente para a cultura de que falamos é que não há munerário? É o amanhã o futuro do Brasil. É a semente que germinará.

Os problemas são complexos, mas o Congresso das Academias tem de esclarecê-los, de agir, de entrar em entendimentos com o Poder Público para não se protelar mais esta causa, que um dos alicéres do País.

Saúdo aos meus amigos e companheiros da Província.

Peço-lhes que trabalhem sempre unidos, bem orientados, porque sem essa união não há força capaz de vencer.

Está na Presidencia da República um academico, e de certo ele verá na ação equilibrada das Academias uma força nova para a boa marcha da cultura brasileira.

Cordialmente,

Raul de Azevedo
Caxambú, 12. abril. 1951

ACADEMIA CULTURAL E ARTISTICA DE TEREZÓPOLIS

Inaugurou-se recentemente em Terezópolis a Academia Cultural e Artística daquela linda cidade serrana. Houve uma sessão solene presidida pelo Prefeito, sr. Roger Malhardes, e nela falou o acadêmico Mucio Leão dizendo de suas finalidades. Foram entregues diplomas de sócio fundador a vinte e uma personalidades de destaque na sociedade local. A sra. Armando Paracampo dirigiu uma hora de arte que obteve grande êxito. A diretoria da nova instituição ficou assim cons-

tituida: Dr. Aurelio Lopes, dr. Oswaldo Meireiles, Rubem Santos Rocha, Cezar Vieira e dr. Arthur Dalmaso. O Departamento de Artes Plásticas, já em pleno funcionamento, é dirigido pelo brilhante pintor Fernando Martins. Conta com cêrca de trinta alunos que preparam para breve uma exposição de seus trabalhos, de-

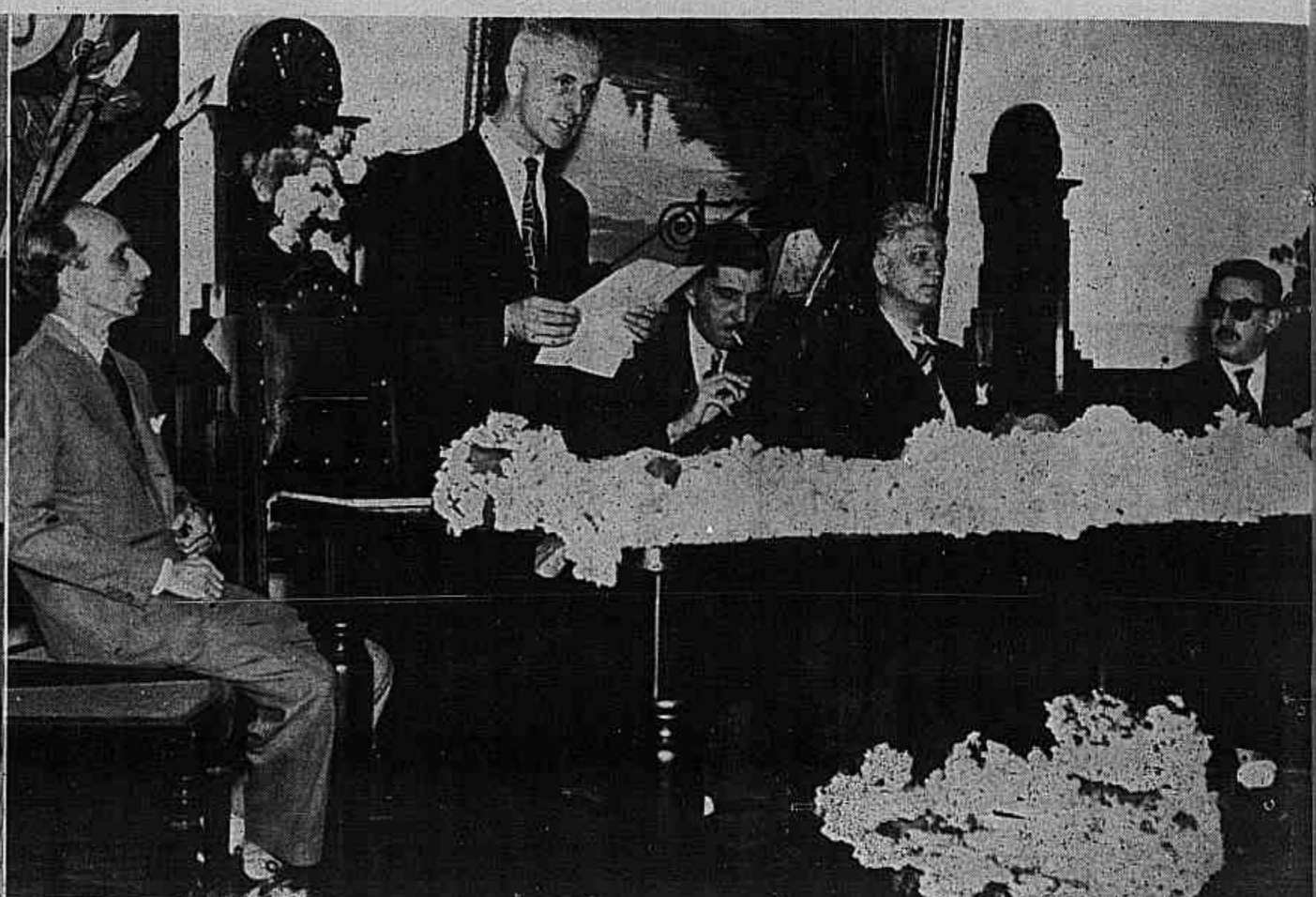
monstração do seu aproveitamento e dedicação ao estudo. São dessa cerimônia as gravuras que acompanham estas linhas.



O pintor Fernando Martins recebe das mãos do Prefeito de Terezópolis, o diploma número um de sócio fundador.



O professor Fernando Martins diz a primeira aula de proporção e anatomia.



O Presidente da Academia Dr. Aurelio B. Lopes quando fazia o discurso oficial.

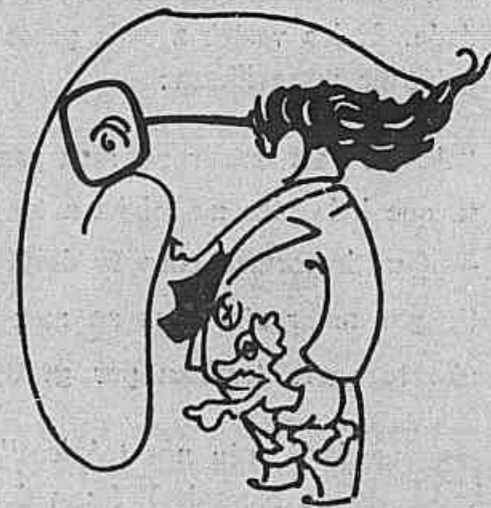


Victor Marchese é um escultor argentino que de passagem pelo Rio realizou no Assirio uma bela exposição de seus trabalhos. Artista seguro da sua técnica e dono de uma rara sensibilidade, êle sabe como poucos tirar partido dos motivos populares da sua terra. A critica portenha consagrou-lhe páginas de admiração merecida, e nós tivemos oportunidade de apreciar aquela série de peças magnificas em terracota, obras de profundo sentido humano, de

"Lavadeiras", de Victor Marchese

As Terracotas de Victor Marchese

um modelado audacioso e sólido que nos lembra às vezes o espirito revolucionário de um Rodin. Este grupo plástico "As lavadeiras", na rudeza das suas linhas e no vigor de seus movimentos dá bem uma idéia das esplendidas qualidades desse mestre da escultura que honra a sua arte nas plagas portenhas.

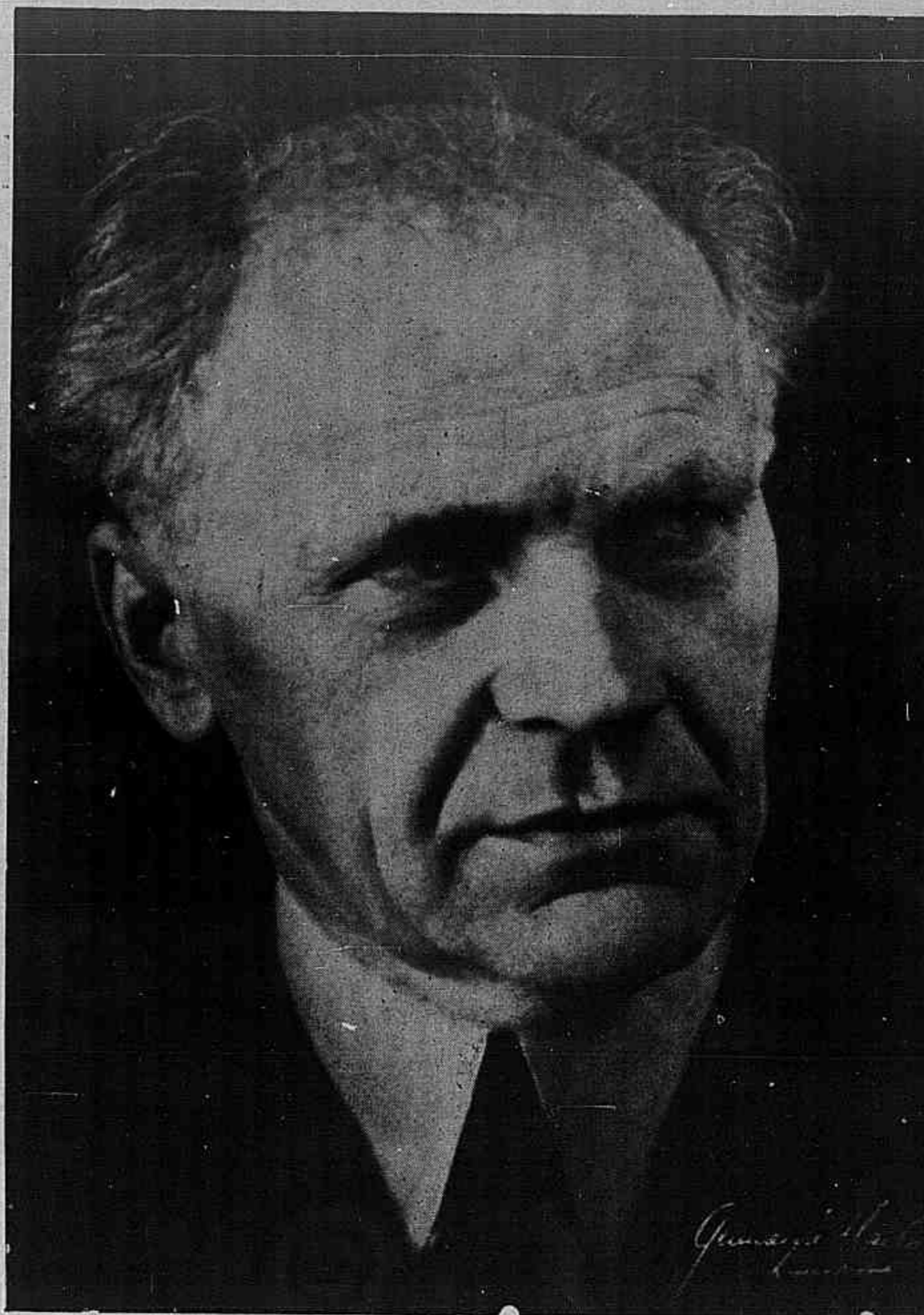


Marchese vista por Segismundo.

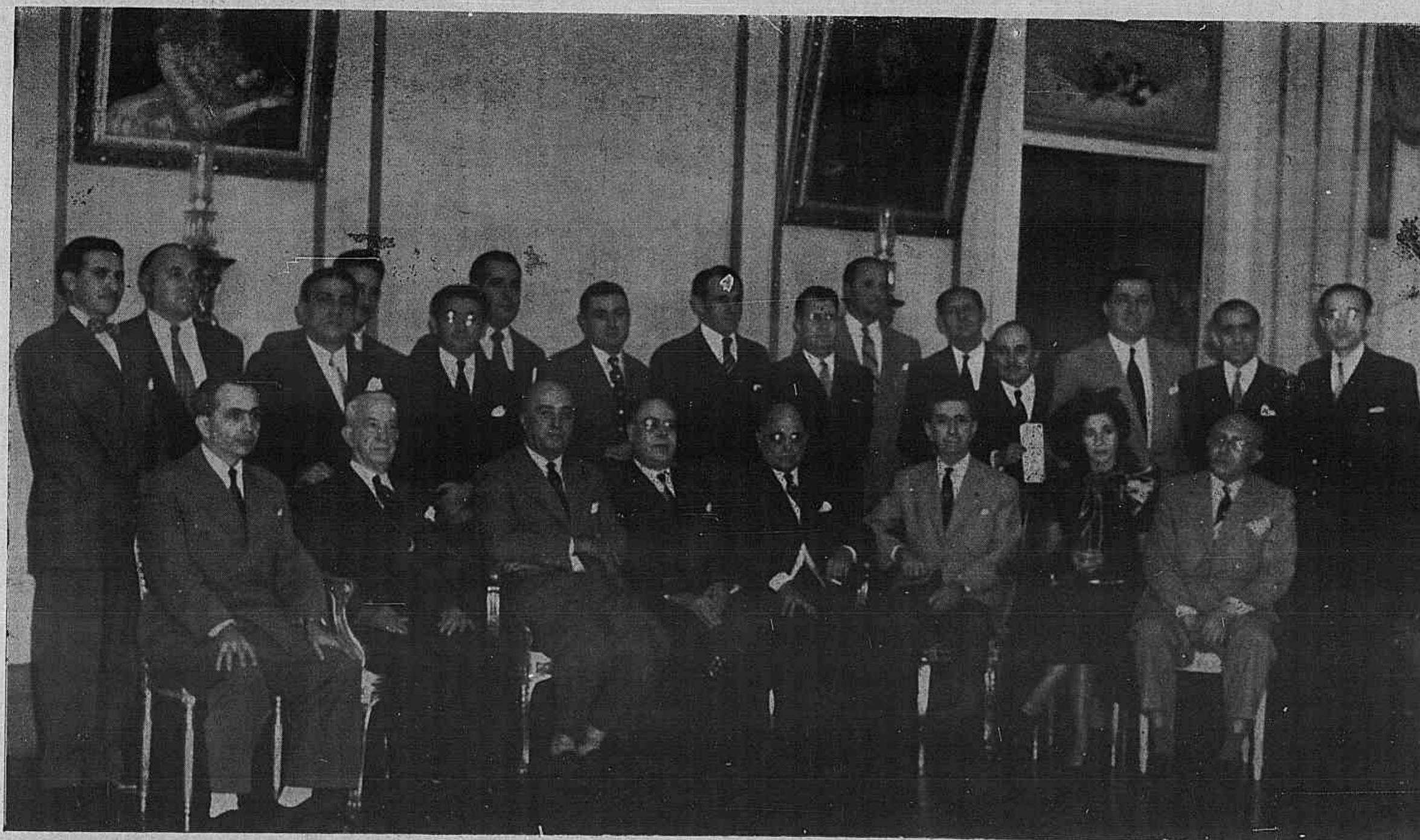


ELEAZAR DE CARVALHO

Eleazar de Carvalho acaba de regressar da Belgica, onde foi dirigir três Concertos com a Filarmonica Orquestra de Bruxelas. Adoecendo, subitamente, o famoso regente Serge Koussevitzky, Eleazar de Carvalho foi convidado a substituí-lo, o que fez com excepcional brilhantismo, tendo tido o cuidado de, nos seus programas, incluir obras de autores brasileiros, como faz em todas as partes do mundo que visita, difundindo, assim, num gesto altamente recomendavel, a musica e os musicos de seu país de nascimento. Eleazar de Carvalho regressou ao Brasil para terminar seus compromissos com a O.S.B., seguindo, em seguida, para S. Paulo, onde realizará uma série de oito concertos com o Departamento de Cultura daquele Estado, bem assim várias audições na Rádio Gazeta de S. Paulo. Em Junho, seguirá para os EE. UU. e, em outubro, iniciará uma série de concertos com as orquestras Sinfonicas de Paris, Bruxelas, Italia, Portugal e Holanda.



BACKHAUS — Wilkelm Backhaus, o maior interprete de Beethoven, que está realizando com grande sucesso uma série de concertos no Teatro Municipal, cabendo assinalar que se deve a vinda ao Brasil desse notavel interprete a Associação Brasileira de Concertos.



SOCIEDADE BOLIVARIANA DO BRASIL — Flagrante colhido na séde da Embaixada da Bólvia, quando era fundada a Sociedade Bolivariana do Brasil, tendo sido aclamados pelos presentes, Presidente de honra e Presidente da novel instituição, o Embaixador Tito Gutierrez Alfaro e o academico Gustavo Barroso.

AUDIÇÃO DE PIANO



Ruth Cerrone, uma das mais destacadas professoras de piano desta capital, que realizou a 6 do corrente, no salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música, um recital de piano de seus inúmeros alunos, obtendo essa audição êxito invulgar.



Este flagrante colhido durante as corridas de domingo último no Jockey Club, mostra que a elegância feminina continua a ser a nota predominante nas reuniões do Prado da Gávea.



O Pôrto de Santos e Sua Importância na Economia Brasileira

Expresivos dados do Relatório da Companhia DOCAS de SANTOS

O Pôrto de Santos é o escoadouro do maior volume da produção brasileira, do mesmo modo que por ali transita grande parte das nossas importações. Por isso mesmo têm uma grande significação para os círculos econômicos e financeiros do País os termos do relatório da Companhia Docas de Santos, apresentado por sua diretoria à assembleia de acionistas e referente ao exercício de 1950. Todas as atividades da importante empresa no cumprimento rigoroso do seu contrato de concessionária dos serviços portuários de Santos estão descreminando no aludido documento.

Salienta o relatório que, apesar da afluência de navios, a partir de setembro, devido às negociações de compensação que facilitavam o aumento das importações, para a formação de estoques na previsão da nova guerra mundial, embora com pequeno atraso, fez-se aceleradamente o escoamento das mercadorias que por ali transitavam sendo superada todas as dificuldades. Importa isso em dizer-se que não há deficiência permanente na capacidade das instalações portuárias, mas somente uma compreensível inaptidão em satisfazer, de imediato, a tarefa que lhes é imposta nos períodos de alta

concentração de tráfego, cujo escoamento está também na dependência das vias de transporte terrestre para o interior. Assim o problema de congestionamento do pôrto não apresenta dificuldades insuperáveis para sua solução. Recorre de causas conhecidas, estranhas à responsabilidade da Companhia cujo esforço há de certamente juntar-se, como em outras oportunidades, ao empenho que o Governo Federal dedica, atualmente ao assunto, no intuito de lhe dar ampla e correta solução.

Consigna ainda o relatório o novo recorde verificado no tráfego do pôrto com a movimentação de 5.708.813 toneladas de mercadorias, que por ali transitam com pleno rendimento da aparelhagem respectiva.

Confrontado-se com o movimento de 1949, observa-se uma diferença para mais de 510.046 toneladas, o que representa um aumento percentual de 9,81%.

Mais uma vez a corrente de importação sobrepoujou a do ano anterior, e enquanto declinaram as saídas para o exterior, a exportação de cabotagem cresceu, embora ligeiramente.

A Companhia prosseguiu intensamente na realização de obras novas e aquisições previstas na Relação Programa aprovada pelo Governo Federal e



Docas de Santos

cujos prazos terminou em 31 de dezembro de 1950. Foi investido na ampliação das instalações do pôrto e do seu aparelhamento a vultosa importância de Cr\$ 330.000.000,00, dentro do prazo pré-determinado, sendo satisfeitos todos os itens do programa mencionado, apesar das dificuldades surgidas e que foram, afinal, conjuradas graças à atividade desenvolvida pela administração das Docas de Santos. Exigindo, porém, o crescimento do tráfego do pôrto providências que atendam a esse desenvolvimento, a Companhia já submeteu à aprovação do Governo Federal nova Relação-Programa de obras e aquisições para o quinquênio de 1951 a 1955, estimadas em Cr\$ 650.000.000,00. Nessa relação, aliás, estão incluídas as obras que se encontravam em execução e o material de aparelhagem ainda a receber.

No capítulo de assistência social, deve-se pôr em relevo a baixa sensível dos acidentes em serviço devido, como destaca a Associação Brasileira para Prevenção de Acidentes, aos seguintes fatores: excelente orientação administrativa, ótimo serviço de engenharia e pronto e eficiente serviço médico. A Caixa de Aposentadoria e Pensões, que teve uma receita superior a 72 milhões e uma despesa inferior a 28 milhões, com a incorporação do saldo, teve o seu patrimônio elevado a 210 milhões de cruzeiros. O relatório da Diretoria da Companhia Docas de Santos, como se vê, é um documento que recomenda ao mais alto aprêço a administração da importante empresa que executa com a maior correção, há quase 60 anos, o contrato de concessão do grande pôrto brasileiro.

Não admira que a Companhia Docas de Santos tenha chegado a resultados tão brilhantes, dada a competência de suas dirigentes Sr. Otavio Guinle e Ismael de Souza, que, durante anos, em Santos, em todas as suas fases, mesmo em casos difíceis com a estiva, sempre orientou sua administração com o maior êxito.

O PROFESSOR HEITOR GRILLO DE NOVO NA SECRETARIA DE AGRICULTURA DO DISTRITO FEDERAL

A volta do professor Heitor Grillo à Secretaria da Agricultura da Prefeitura do Distrito Federal tem neste momento a maior significação, não só porque demonstra o critério superior do Prefeito na escolha de seus auxiliares de imediata confiança, mas principalmente pelos méritos excepcionais deste a quem estão entregues os mais importantes trabalhos ligados ao setor da produção e abastecimento da metrópole. Figura de relevo nos mais científicos especializados do país, prêmio de viagem ao estrangeiro onde cursou agronomia em Montpellier e em Paris, fitopatologista de renome, autor de numerosos trabalhos relativos à defesa sanitária vegetal, conquistou em brilhante concurso o lugar de Assistente Chefe do Instituto de Biologia Vegetal. Antigo diretor da Escola Nacional de Agronomia, e nessa ocasião convidado pelo governo da Colombia para lecionar naquêle país num curso de fitopatologia, alcançou no magistério os melhores triunfos de sua carreira. Não são, entretanto, apenas esses os títulos do professor Heitor Grillo. A sua obra deve ser acrescentada a parte ativa que tomou na organização do projeto da grande Escola Nacional de Agronomia sediada, no quilômetro 47 da estrada Rio-S. Paulo, uma das mais perfeitas da América e a maior do Brasil.

Quando esteve à testa desse serviço na administração anterior da Prefeitura não foram pequenos os seus esforços para o cumprimento da sua missão. Agora, porém, o seu campo de possibilidades se alarga porque conta com a experiência adquirida e o prestígio sem disfarces de que o cerca o novo governador da cidade. Com os seus conhecimentos do assunto, e com

o apoio de um chefe como o dr. João Carlos Vital, as suas tarefas serão encaminhadas para as soluções rápidas e seguras em benefício da coletividade. Aliás, no seu brilhante discurso proferido no ato da posse o professor Heitor Grillo teve oportunidade de salientar que o problema afeto ao seu departamento não se resolve por milagres, "mas por um trabalho honesto e perseverante, que se desenvolva das fontes de

produção às de consumo, assegurados os respectivos meios de transporte e garantias a quantidade, a qualidade e a conservação dos produtos."

Em seguida, nessa mesma oração que é um resumo de um vasto programa, o eminente patricio acentua que nos cumpre abrir de uma vez aos olhos de todos "esse claro panorama de trabalho, que começa pelo auxílio à lavoura e criação existentes, a fim de que as fontes de produção se desenvolvam com abundância, o que compreende, por um lado, o fomento às riquezas da terra e, por outro, a defesa da prosperidade rural contra as calamidades de erosões, pragas e doenças."

As palavras do professor Heitor Grillo traduzem claramente um alto pensamento de um profundo conhecedor das questões agrícolas do Distrito Federal. Com os elementos de que dispõe e animado dos melhores propósitos construtivos, é fora de dúvida que em breve começaremos a colher os frutos de uma administração à altura da importância da capital da República e de acordo com as justas exigências da sua numerosa população. Da famosa "cinta verde" do Distrito Federal, e com a ajuda das regiões vizinhas da baixada fluminense, grande parte de produtos poderá sair para suavizar as amanguras do carioca, sempre em dificuldades pela escassez de artigos de primeira necessidade vindos de longe e a preços fora do alcance de seu poder aquisitivo.

Espírito moderno, dotado do mais sadio otimismo, uma esplêndida e vigorosa juventude rica de esperanças e de confiança em si, o professor Heitor Grillo é bem o homem para o posto em que o colocou o prefeito da cidade, e o povo só pode esperar da sua ação os melhores resultados.

Professor Heitor Grillo Secretário de Agricultura da Prefeitura.



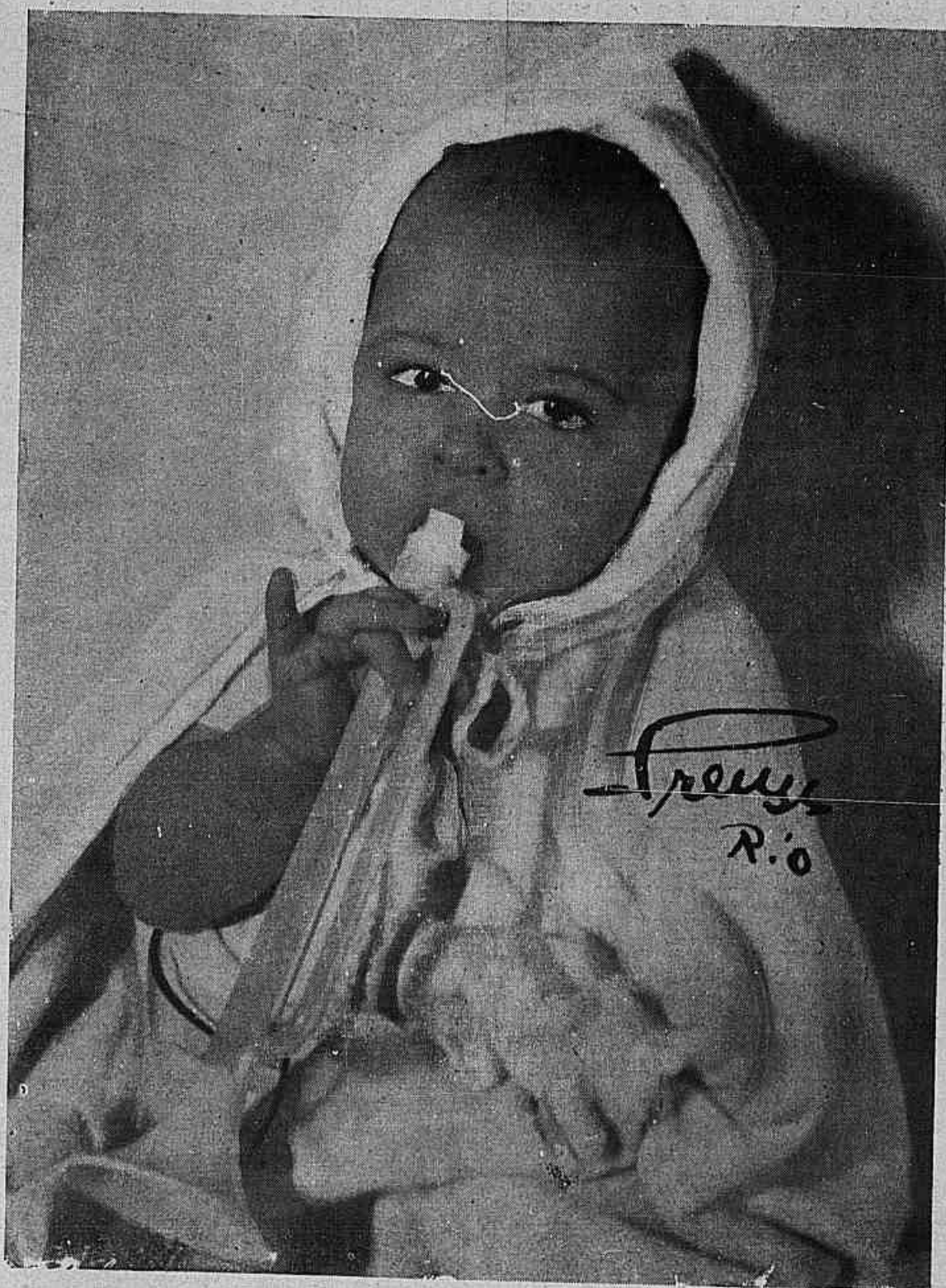
O novo Secretário ao assumir a pasta da Agricultura.





Maura, com um ano, filha do casal Dr. Salino Almeida.

IMAGENS DO FUTURO



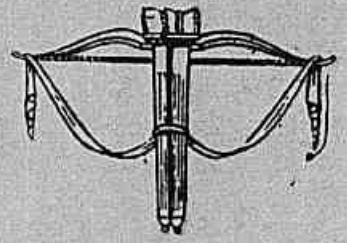
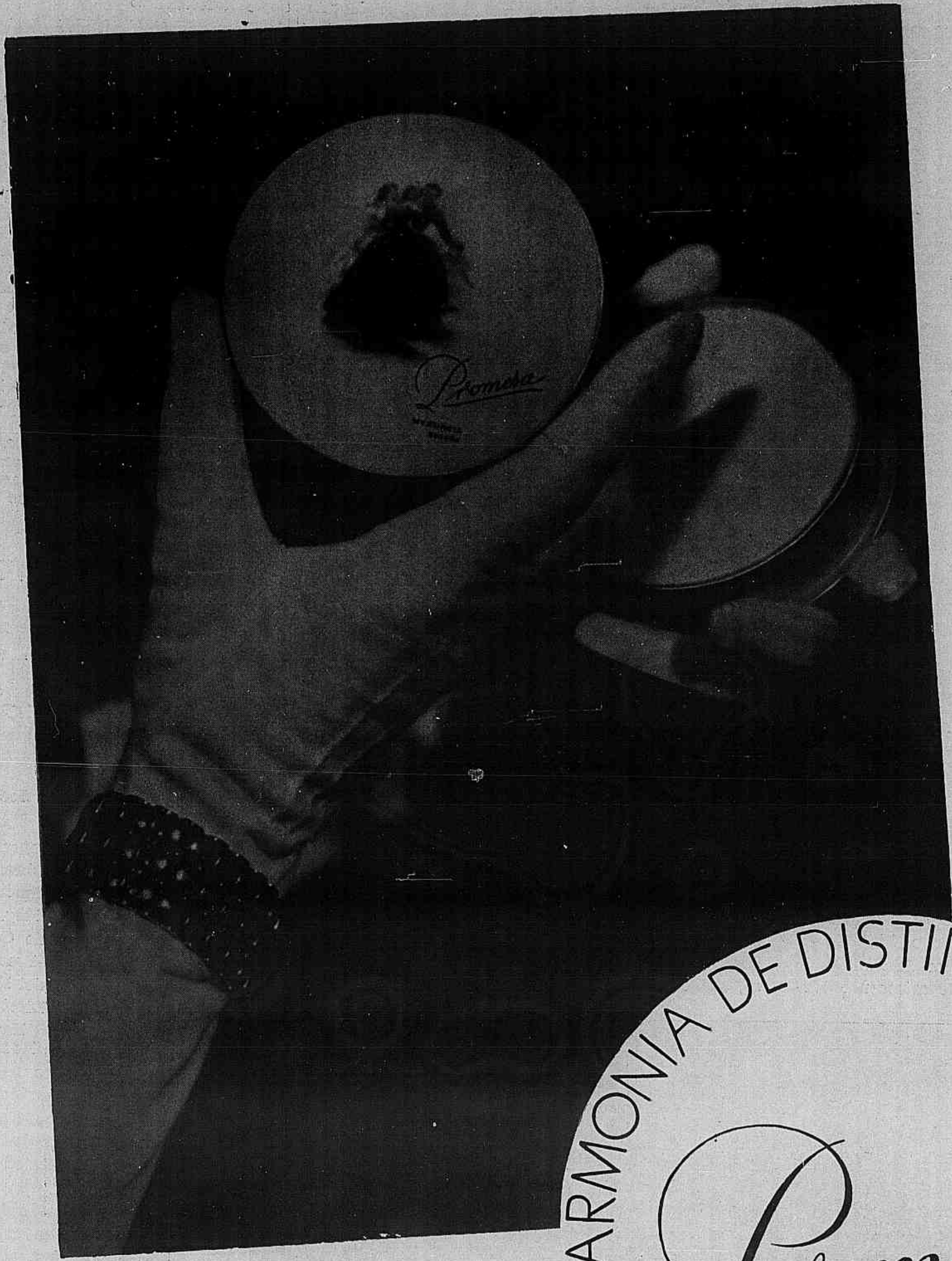
Eduardo, com oito meses, filho do casal Ivan Londres.



Mauro, com um ano, filho do casal Major Lucio Benedito R. da Silva.

FOTOGRAFIAS TIRADAS
NOS STUDIOS DE
FOTO PREUSS

(SÓ CRIANÇAS)
RIO — NITERÓI



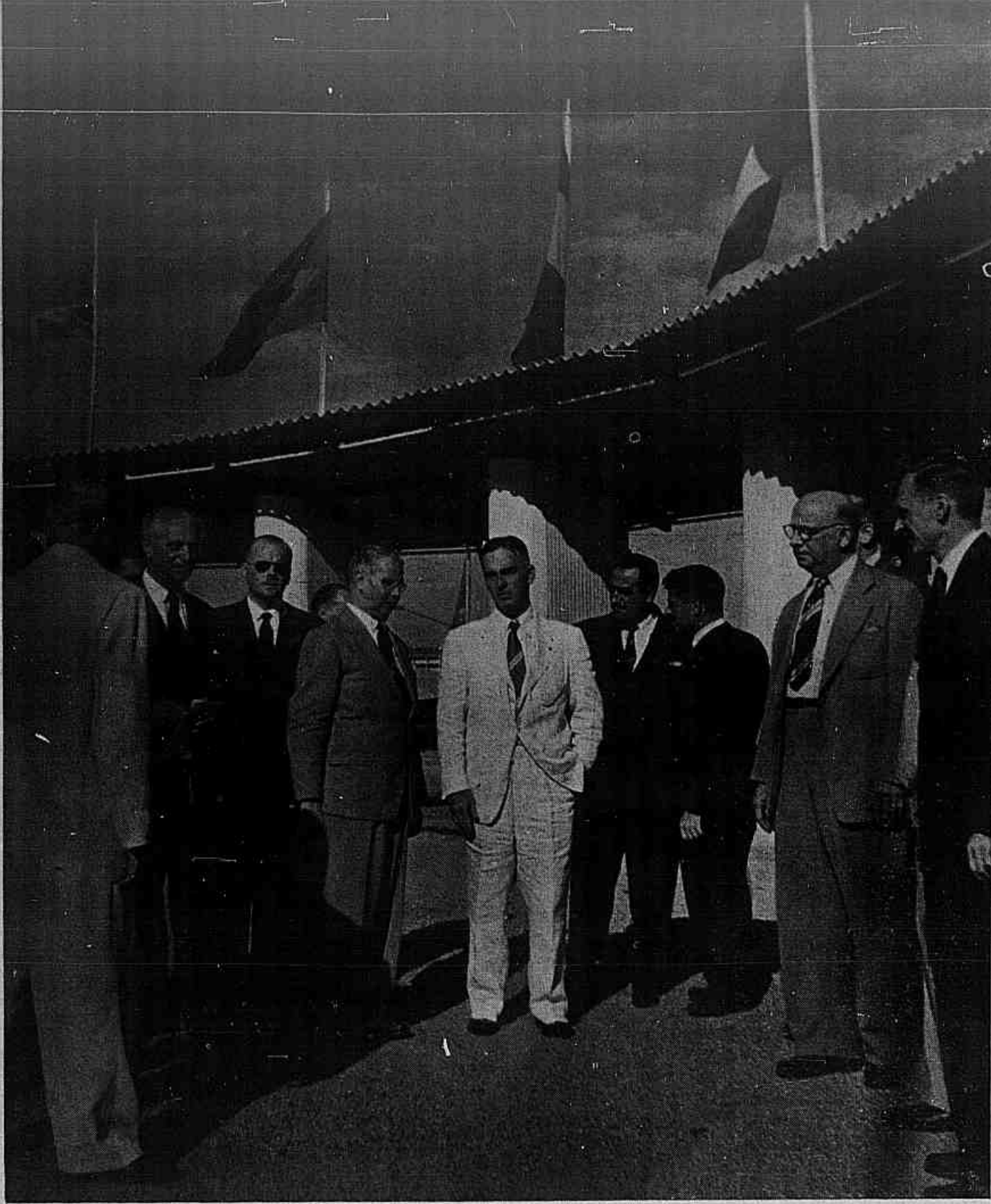
HARMONIA DE DISTINÇÃO
E BELEZA

Promesa

★ ★

PG DE ARROZ

MYRURGIA



Da esquerda para a direita, entre outras pessoas, os seguintes elementos do rodoviário nacional: — Eng. Edmundo Regis Bittencourt (Diretor-Geral do D.N.E.R.); Roberto J. Taves (Diretor-Executivo da "Associação Pró Boas-Estradas"); Eng. Alvaro de Souza Lima (DD. Ministro da Viação e Obras Públicas); Eng. Haroldo Poland (Presidente em Exercício da "Associação Rodoviária do Brasil").

ESPOSIÇÃO RODOVIARIA

Durante a realização do "VIII Congresso Nacional de Estradas de Rodagem", em Janeiro de 1951, promovida pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem e com a cooperação das entidades civis que se ocupam do incremento de estradas de rodagem no Brasil, foi inaugurada na Ponta do Calabouço, Rio de Janeiro, uma interessante Exposição Rodoviária, a qual esteve em funcionamento até meados de Março corrente, atraindo milhares de visitantes, interessados em conhecer em mais detalhe o progresso rodoviário atingido pelo nosso país, e ver de perto as possantes máquinas que são utilizadas pela engenharia moderna na construção, pavimentação e conservação das nossas estradas.

A quase totalidade das fábricas norte-americanas de material rodoviário se fez representar — quer diretamente quer por intermédio dos seus representantes no Brasil — montando interessante "stands" onde eram exibidas as suas máquinas e outros produtos de interesse rodoviário.

No dia 1.º de Março de 1951 Sua Excelência o Sr. Ministro da Viação e Obras Públicas realizou uma visita oficial à Exposição Rodoviária, examinando detalhadamente todos os pavilhões e setores da referida mostra técnica.

VIII Congresso Nacional de Estradas de Rodagem

Foi coroado de pleno êxito o "VIII CONGRESSO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM" realizada no Rio de Janeiro entre 5 e 18 de Janeiro de 1951.

A Comissão Organizadora — brilhantemente presidida pelo Engenheiro Philuvio de Cerqueira Rodrigues, Diretor da Divisão de Estudos e Projéto do Departamento Na-

cional de Estradas de Rodagem — havia preparado com todo o carinho e atenção o certamen, cuidando dos menores detalhes.

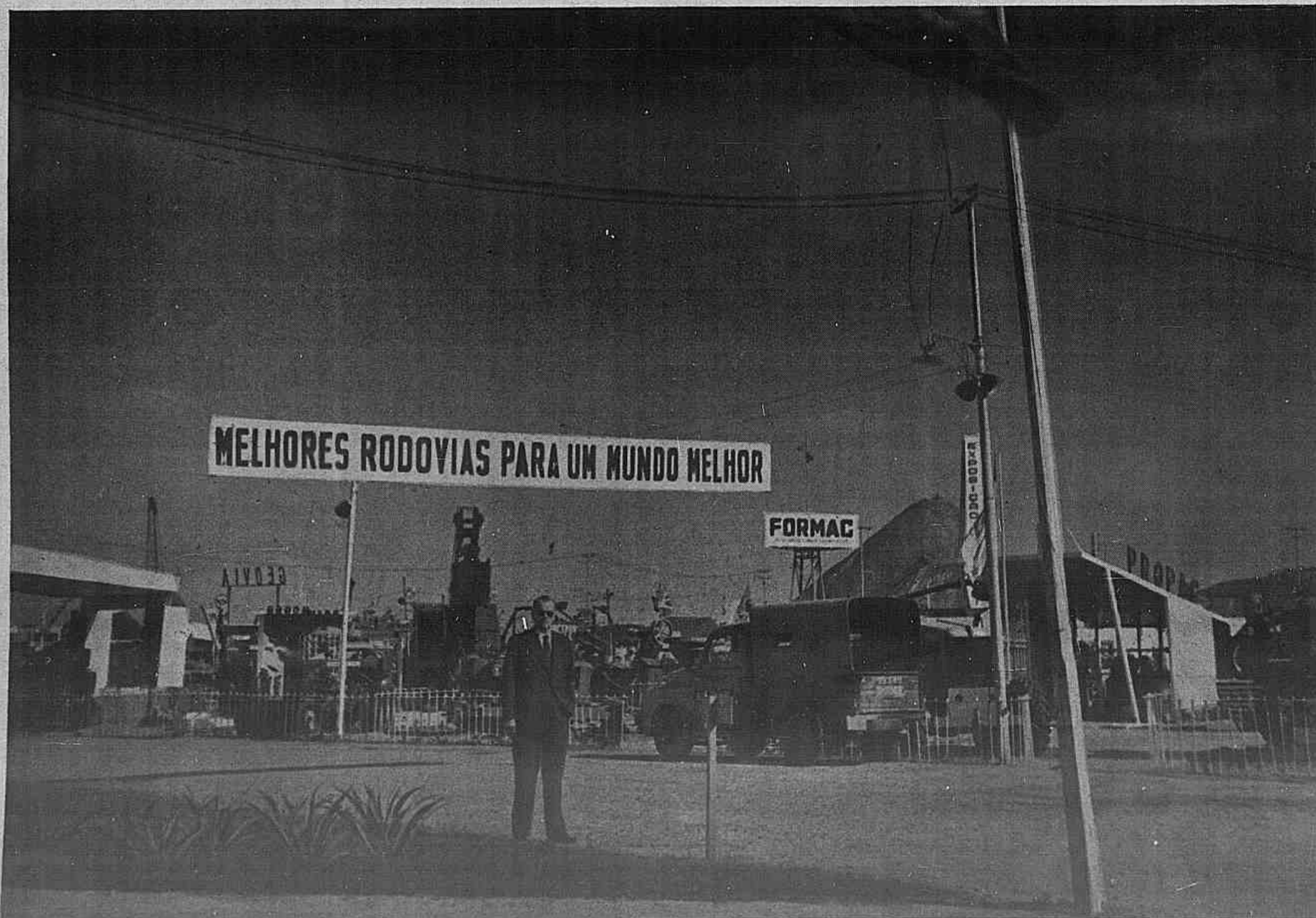
A sede do Congresso foi o "Automóvel Club do Brasil", situado à Rua do Passeio, 90, na Capital da República. Ali ficaram instalados os vários setores e serviços do Congresso, como seja: — as salas das Comissões

Técnicas, a Sala da Presidência, a Secretaria, o Salão do Plenário.

Foi Presidente de Honra do Congresso o Exmo. Sr. Ministro da Viação e Obras Públicas, Sr. General Valdetaro de Amorim e Mello, o Presidente efetivo foi o Eng. José Patista Pereira, DD. Presidente do Conselho Rodoviário Nacional e o Vice-Presidente

foi Eng. Daniel Paz de Almeida, DD. Diretor do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. Designado para Secretário-Geral do certame foi Eng. Francisco Saturnino Braga, Deputado Federal e ex-diretor geral do D. N. E. R.

Durante a Sessão de instalação do Congresso viam-se à Mês, além de outras personalidades de destaque o Eng. Mauricio Joppert da Silva, Deputado Federal, ex-Ministro da Viação e Obras Públicas, em cuja administração foi promulgada a chamada "Lei Joppert", e o Eng. Gumercindo Pentead, ex-Presidente do Conselho Rodoviário Nacional.



A Secretaria Administrativa do Congresso ficou a cargo do Sr. Roberto J. Taves, Diretor Executivo da "Associação Pró Boas-Estradas".

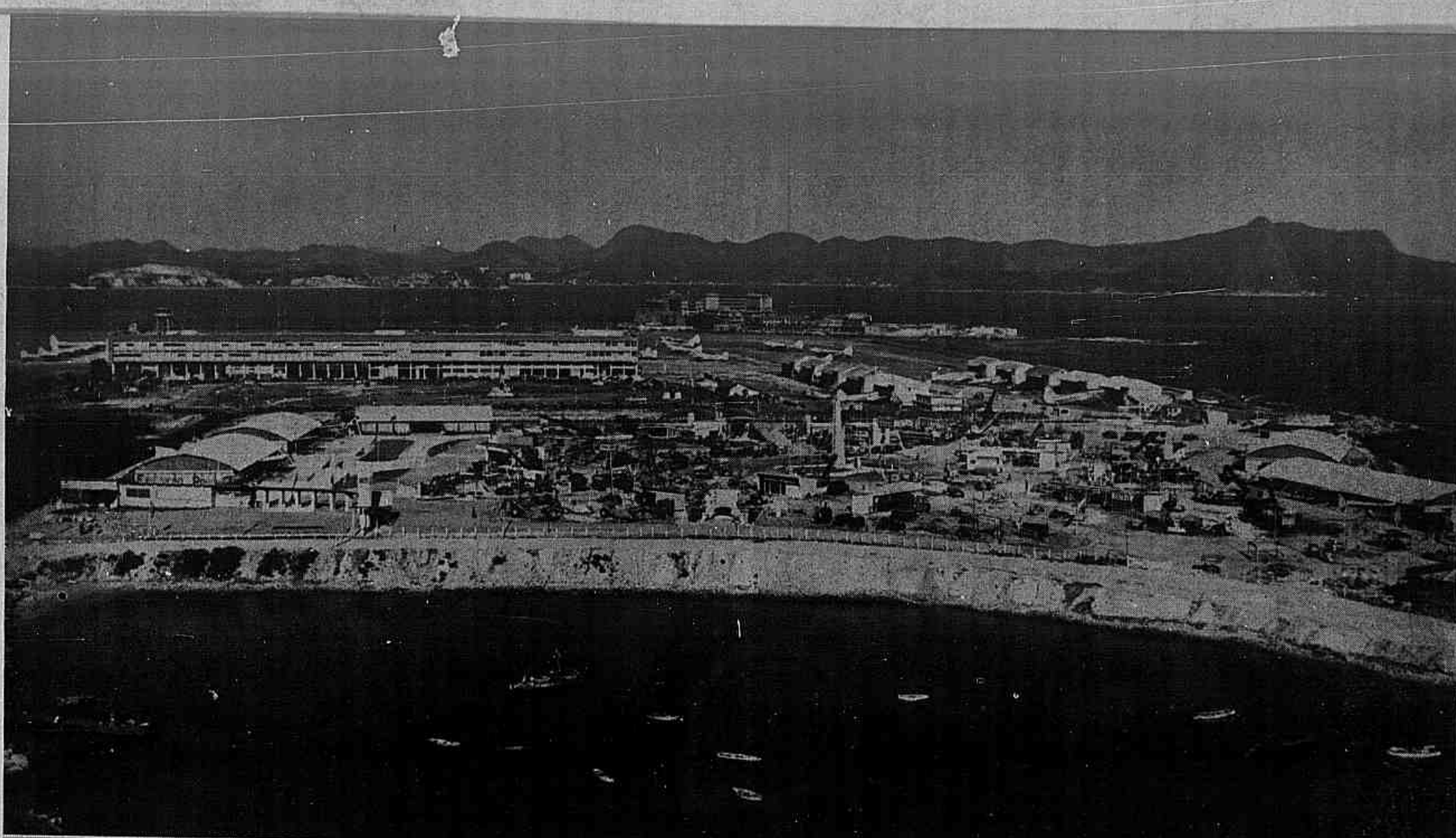
Grande foi o número de Delegados inscritos no Congresso, vindos de todas as partes do território nacional, e inúmeros foram os trabalhos apresentados a exame e discussão pelo Congresso, todos visando o incremento rodoviário nacional e o maior progresso na construção de estradas de rodagem no Brasil.

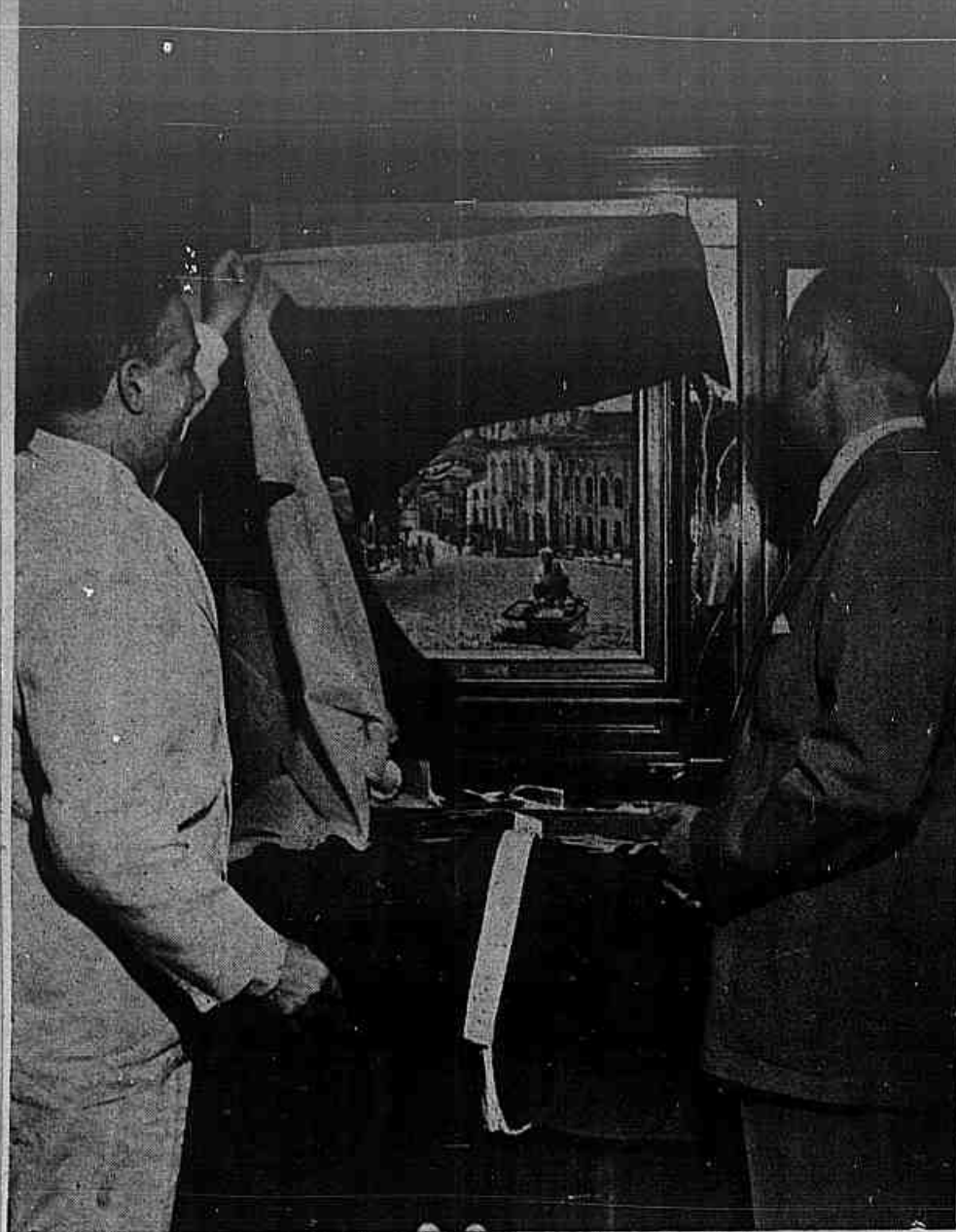
Os trabalhos do Congresso foram entremeados de passeios e excursões pelos pontos mais pitorescos do Rio de Janeiro e arredores, e terminou com a inauguração da "Exposição Rodoviária" — a cargo da "Associação Rodoviária do Brasil" e, principalmente, do Eng. José Maria Carré — e com a inauguração da Rodovia Presidente Dutra (nova estrada "Rio-São Paulo"), e, várias excursões e cerimônias oferecidas aos Congressistas em São Paulo, Santos e Campinas (Estado de São Paulo).

Da importância dos trabalhos apresentados ao certamen, e da intensidade com que trabalham as Comissões Técnicas, pode-se bem aquilatar pela leitura das "Conclusões" do mesmo Congresso, que foram distribuídas logo após os terminos dos trabalhos e estão sendo reeditadas para farta distribuição pela "Associação Pró Boas-Estradas" e "Associação Rodoviária do Brasil", conjuntamente.

Os resultados de um certamen como foi o "VIII CONGRESSO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM" são de tal forma benéficas para o progresso rodoviário da nação, que seria verdadeiramente, de desejar que reuniões deste tipo se repetissem mais a miúdo, congregando os rodoviários de todo o Brasil para trabalhar, verdadeiramente irmanados, pelo maior bem estar e progresso da Pátria.

As fotografias são espetos do Plenário do "VIII CONGRESSO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM".



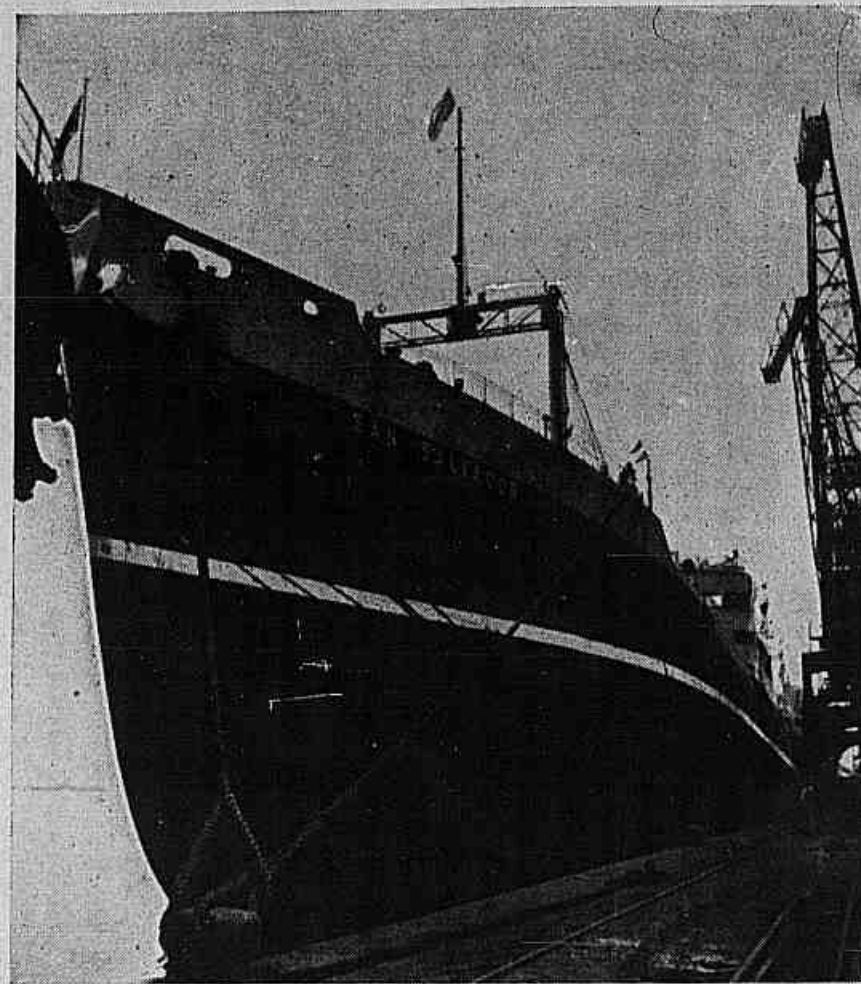


UMA TELA DE ARMANDO PACHECO NO PETROLEIRO "SAN SALVADOR"

destacado para fazer o transporte de produtos de petróleo entre a zona das Caraíbas (Venezuela), o Reino Unido e quase todos os países da América Latina, inclusive o Brasil. Ligando esses fatos, a direção da Shell em Londres aproveitou a oportunidade para prestar u'a homenagem especial ao Brasil, ou mais particularmente à terra de Ruy Barbosa. Assim, a esposa de um dos Diretores da companhia em Londres teve a idéia de mandar pintar um quadro a óleo, fixando um detalhe característico da capital da Bahia, a fim de oferecê-lo à tripulação do "San Salvador". O autor desse trabalho, que fixa com rara felicidade um aspecto da velha Bahia, foi o laureado pintor brasileiro Armando Pacheco, detentor do "Prêmio de Viagem à Europa" do Salão Nacional de Belas Artes de 1950.

Com a presença de representantes da imprensa e de pessoas gradas, entre as quais o dr. Pedro Calmon, Reitor da Universidade do Brasil e o próprio pintor Armando Pacheco, foi realizada a bordo do "San Salvador", a entrega do quadro de autoria desse renomado artista, ao comandante do moderno petroleiro, Comodoro McCarthy. Iniciando a solenidade, falou o sr. H. R. S. Poock, Gerente Geral da Shell no Brasil, o qual fez a entrega do quadro, em nome da senhora J. W. Platt, esposa de um dos principais Diretores da Shell em Londres e madrinha do "San Salvador". Em seguida, em breves palavras, o dr. Pedro Calmon disse do valor daquela

magnífica tela, que tão bem representa o que há de mais característico na velha Bahia, sua terra natal. Finalmente, falou o comandante do San Salvador, o qual frizou que aquele quadro seria uma grata e permanente recordação da terra brasileira. Foi em seguida oferecido um "cock-tail" aos presentes. Na foto que ilustra este texto, vê-se o dr. Calmon inaugurando o quadro de Armando Pacheco a bordo do "San Salvador", tendo ao lado o sr. H. R. S. Poock, Gerente Geral da Shell no Brasil. Em baixo, o moderno petroleiro "San Salvador".



Significativa homenagem foi recentemente prestada ao Brasil pela Shell-Mex, quando da chegada ao porto do Rio, do navio petroleiro "San Salvador", pertencente à grande frota marítima Eagle Oil Company, que é representada em nosso país por aquela companhia.

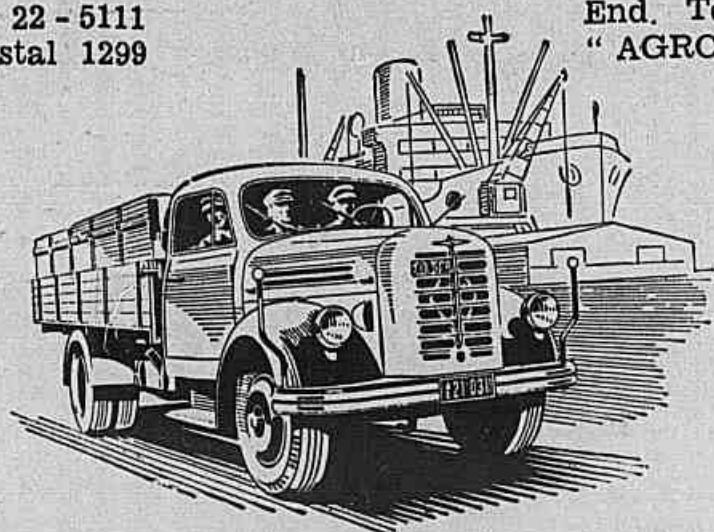
Por curiosa tradição, todos os barcos que singram os mares com a bandeira da Eagle Oil Company, têm o nome de santos. Assim, tendo lançado ao mar na Inglaterra, em junho do ano passado mais um moderníssimo petroleiro pertencente a esta companhia, foi o mesmo batizado com o nome de "San Salvador", primitivo padroeiro da capital do Estado da Bahia. Deslocando 16.000 toneladas, este magnífico navio foi

TRANSAGRO

Representações S. A.

Telefone 22 - 5111
Caixa Postal 1299

End. Telegráfico
"AGROTRANS"



IMPORTADORES — DISTRIBUIDORES — REPRESENTANTES das seguintes fábricas.

CLAYTON MANUFACTURING COMPANY, California U. S. A.
Caldeiras Automáticas à óleo de 10, 15, 30, 50, 75 & 100 HP.
DinamotORES de ensaio até 200, 300, & 500 BHP.

Aparelhos de limpeza à vapor para todos os fins.

CARL F. W. BORGWARD, G. m. b. H., Bremen, Alemanha.
Automoveis de passeio "HANSA 1500".

Caminhões BORGWARD, à gasolina e Diesel, de 1,25 a 4 tons.

E. L. CHRISMAN COMPANY, INC., Los Angeles, U. S. A.
Equipamento completo para lavanderias.

FOUR WHEEL DRIVE AUTO COMPANY, Wisconsin, U. S. A.
Caminhões, de tração permanente nas 4 rodas, para serviços ultra pesados.

SEAL PEEL, INC., Michigan, U. S. A.

Preparações plásticas para proteção contra oxidação, quebra, etc.

STEMCO CORPORATION, Cleveland, U. S. A.

Máquinas-Ferramentas para embutir parafusos em ferro, cimento, tijolo etc. instantaneamente.

STRATFORD PRODUCTS SAFETY SERVICE CO. LTD., London. Óculos e Capacetes etc. de proteção para fins industriais marca "Panorama". — Av. Graça Aranha, 182 - Loja.
Montagem e Oficina: Av. Brasil 7022 — RIO DE JANEIRO

OSCAR TAVES & C

LIMITADA

ENGENHEIROS

IMPORTADORES

RIO DE JANEIRO

AVENIDA ERASMO BRAGA, 277 — 8.º Andar



MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA

INDÚSTRIAS, OFICINAS,

CONSTRUÇÕES CIVIS E DE

ESTRADAS DE FERRO E DE RODAGENS

"SITUBOS"

SOCIEDADE ANÔNIMA
INDUSTRIAL DE TUBOS

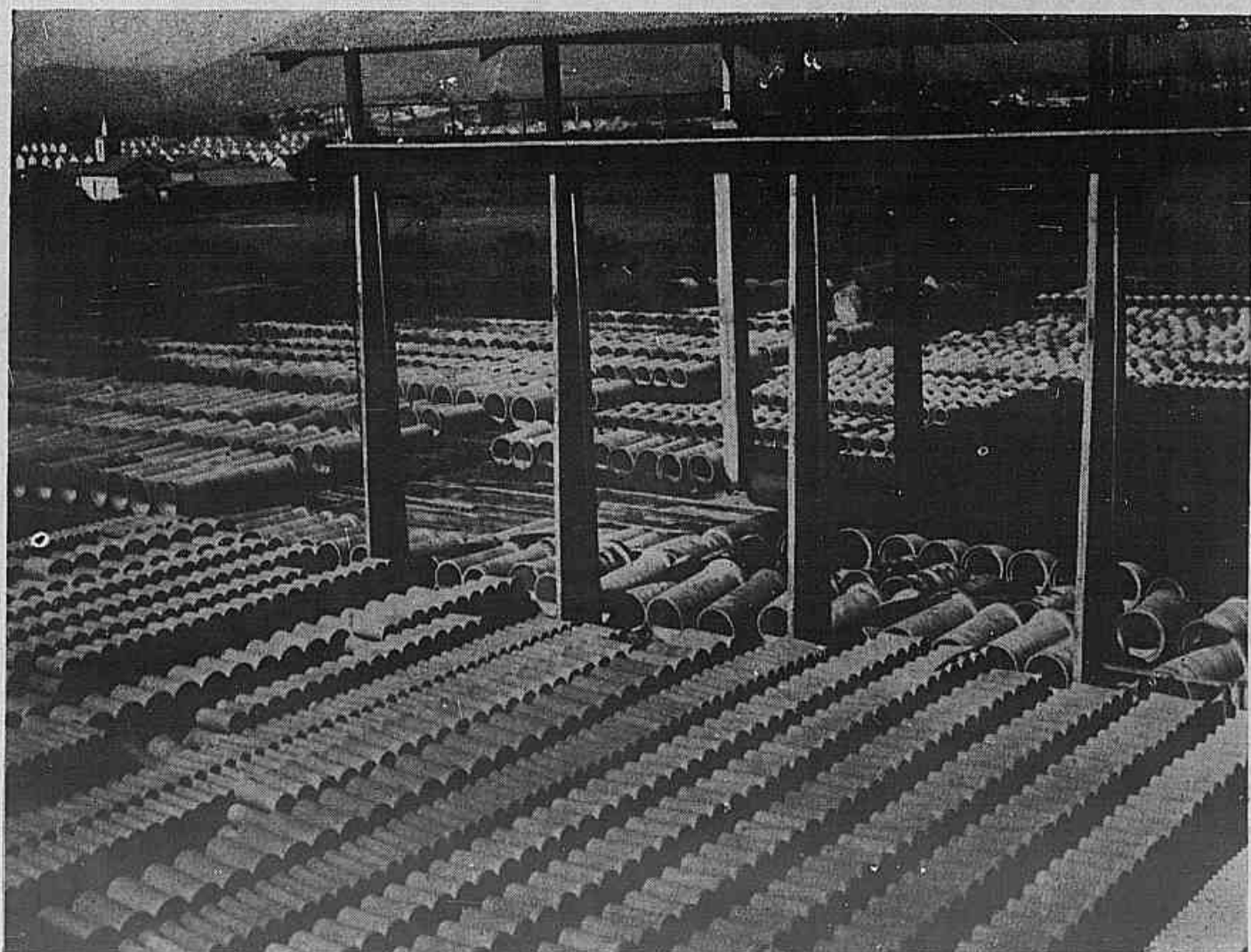
Os tubos de concreto simples tipo "Mac-Cracken" são especiais para rêsdes de esgotos sanitários, águas pluviais, saneamento, drenagem etc.

TUBOS DE CONCRETO
ARMADO E CONCRETO
PROTENDIDO PARA TODOS
OS FINS

E. B. 6 para tubos de 100 até
600 m/m.

Boletim 120 do D. O. P. da
P. D. F. para tubos acima de
600 m/m de concreto armado.

Vista tomada dos depositos de tubos
na fábrica de Senador Camará.



Aspêctos do Stand da Situbos na Exposição
Rodoviária — M. V. C. P. de 13 de Janeiro à
11 de Março - 1951. — Rio de Janeiro.

MATRIZ :

Av. Presidente Antônio Carlos, 201-10.º — Rio.

FABRICA :

Antiga Estr. Rio - S. Paulo - Km. 16 — Se-
nador Camará.

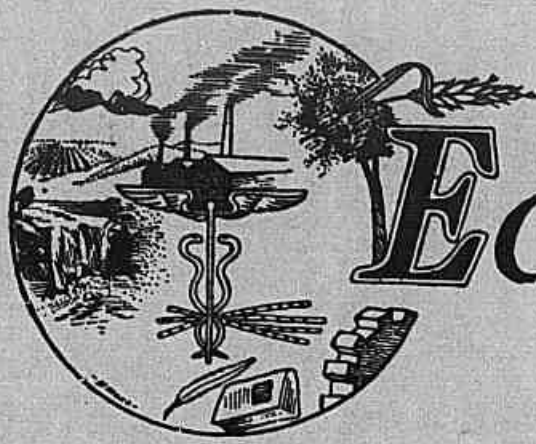
FILIAL :

Rua 7 de Abril, 282 — São Paulo.

FABRICA :

Avenida Prosperidade, s/n — São Caetano.

Fabricantes dos tubos da primeira Adutora
de Ribeirão das Lajes e Volta Redonda.



Economia e Finanças

EMPECILHOS NAS TROCAS ANGLO-BRASILEIRAS

Informações divulgadas em S. Paulo precisam que, em face da determinação da CEXIM de restringir as licenças prévias que envolvam mercadorias importadas contra pagamento em moedas escassas, a Embaixada da Grã-Bretanha promoveu gestões junto ao Itamarati visando resguardar interesses ingleses.

Os exportadores britânicos julgam-se prejudicados pela medida da CEXIM que, na sua opinião, contrariam os termos do acordo comercial firmado entre nosso país e a Inglaterra em 18 de setembro de 1950.

Entretanto, como se tornou público há algum tempo, as trocas entre os dois mercados vinham sendo prejudicadas pelo retraimento dos compradores ingleses, cujas importações não atingiram sequer ao nível previsto nos convênios. Daí resulta que o comércio anglo-brasileiro apresentava-se sensivelmente deficitário para nós e, em consequência, se tornavam cada vez mais raras disponibilidades em libras.

Prevista em 96 milhões de libras a soma dos negócios a se realizarem com a Grã-Bretanha, no período compreendido entre 1.º de julho de 1950 e 30 de julho de 1951, sabe-se que pelo menos da parte dos britânicos aquele volume não havia sido provavelmente as dificuldades surgidas agora não devem melhorar a situação.

A CRISE INEVITAVEL

Nenhum setor da vida econômica do país tem sido mais esmiuçado do que o da produção de borracha. Desde que a borracha surgiu como grande produto de exportação, as condições que cercam o trabalho dos seringueiros têm sido objeto de estudo minudente. A economia da borracha já não tem segredos, e a história da borracha brasileira é conhecida de todos. Não se entende, em consequência, a largueza da literatura que vem surgindo, ultimamente, desde o instante em que o governo admitiu a necessidade de importar borracha estrangeira para a alimentação de nossa indústria de artefatos.

Este fato era esperado, de há muito tempo. A estabilização dos níveis de produção da goma, após a alta verificada em consequência dos Acordos de Washington, não constituía segredo para os que compulsavam estatísticas. O franco desenvolvimento do consumo industrial interno de borracha também não era segredo para ninguém. As autoridades encarregadas da fiscalização dos negócios da borracha e outras responsáveis pelo comportamento da economia gomífera alertaram em tempo o governo para a gravidade do problema que mais se avizinhava quanto mais produzíamos pneumáticos e câmaras-de-ar.

O governo jazia quieto. A crise esperada acaba de eclodir. Vamos agora importar borracha do Oriente para fazer face às exigências de nosso parque industrial de artefatos e para evitar que, com a paralisação desse parque, entre em colapso o sistema de transporte rodoviário do país. O paradoxo evidente arma-se nos seguintes termos: o território amazônico é o "habitat".

LOCOMOTIVAS FRANCESAS PARA AS FERROVIAS DO BRASIL

Estará concluída ainda este mês a primeira das locomotivas do lote de 90, que estão sendo construídas na França para as ferrovias brasileiras. Essas máquinas são preparadas para consumir carvão nacional e, à medida que estejam prontas, vão ser submetidas a experiências com o nosso combustível, em linhas férreas francesas, depois

Visite o Corcovado

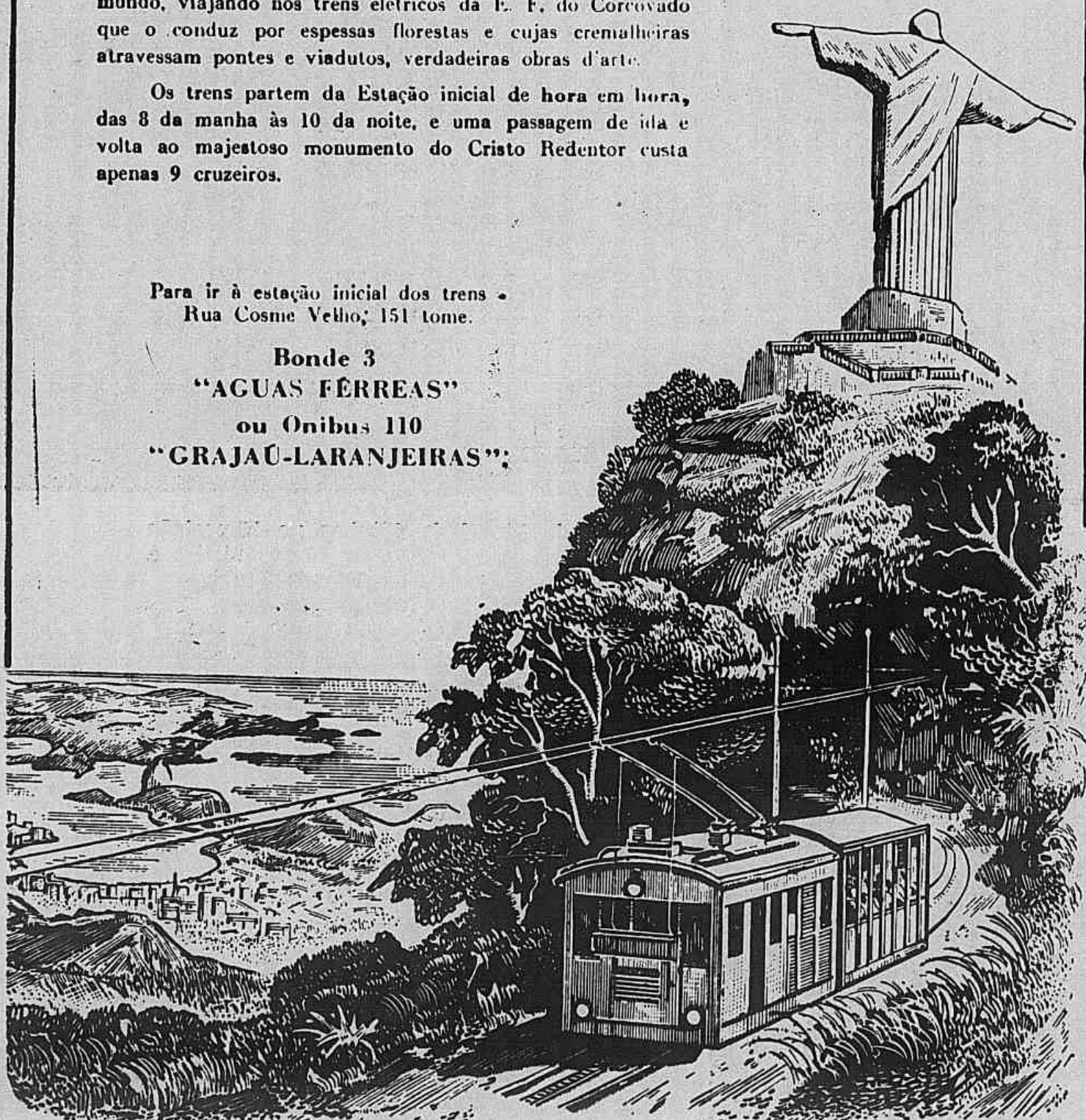
TEMPERATURA PRIVILEGIADA, NOS DIAS E NAS NOITES MAIS QUENTES DO VERÃO

A 710 metros acima do nível do mar, descortinam-se tôdas as belezas panorâmicas da mais encantadora cidade do mundo, viajando nos trens elétricos da E. F. do Corcovado que o conduz por espessas florestas e cujas cremalheiras atravessam pontes e viadutos, verdadeiras obras d'arte.

Os trens partem da Estação inicial de hora em hora, das 8 da manhã às 10 da noite, e uma passagem de ida e volta ao majestoso monumento do Cristo Redentor custa apenas 9 cruzeiros.

Para ir à estação inicial dos trens -
Rua Cosme Velho, 151 tome.

Bonde 3
"AGUAS FÉRRÉAS"
ou Onibus 110
"GRAJAU-LARANJEIRAS";



OS MAIS DESLUMBRANTES PANORAMAS DO RIO

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

CAPITAL REALIZADO
CR\$ 100.000.000,00

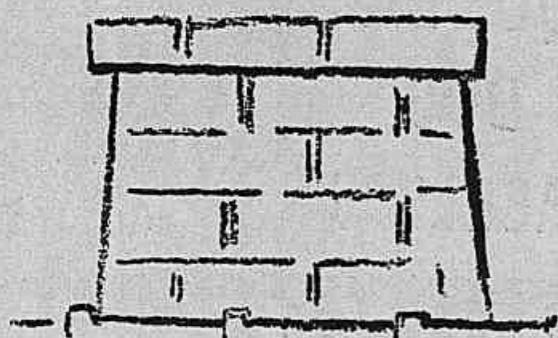
DEPOSITOS — EMPRESTIMOS —
DESCONTOS — CAMBIO — CO-
BRANÇAS — TRANSFERENCIAS —
TITULOS — COFRES DE ALUGUEL.

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6
São Paulo — Caixa Postal, 789
Endereço Telegr.: B A N E S P A

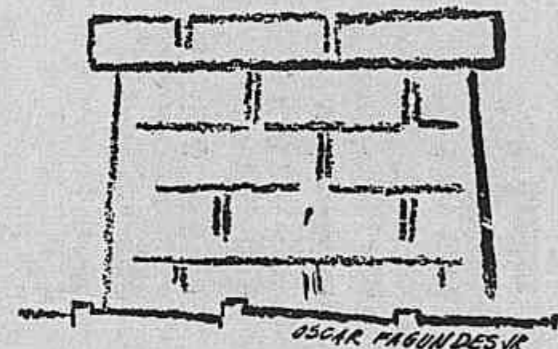
67 agencias no Interior do Estado,
uma no Rio de Janeiro e outra em
Campo Grande (Mato Grosso).

AS MELHORES TAXAS — AS ME-
LHORES CONDIÇÕES — RAPIDEZ
— EFICIENCIA.

Uma cousa ...



...exige outra



**Pólvilho
Antisséptico
GRANADO**



BANCO DE CREDITO DA AMAZONIA S. A.

Endereço telegráfico "BANCREVEA"

Capital integralizado: Cr\$ 150.000.000,00

OPERAÇÕES BANCARIAS EM GERAL

Agências nas seguintes praças:

Belém, Santarém e Altamisa, no Estado do Pará

Manáus e Parintins, no Estado do Amazonas.

Porto Velho e Guajará Mirim, no Ter. Fed. do Guaporé.

Rio de Janeiro — Distrito Federal.

São Paulo — Estado de São Paulo

Cuiabá — Estado de Mato Grosso e

Rio Branco — Território Federal do Acre

Novas Agências em fase de instalação:

Porto Alegre — Rio Grande do Sul; Goiânia — Goiás;

São Luiz — Maranhão; Macapá — Amapá; Itacoatiara

— Amazonas; Castanhal, Abaetetuba e Marabá — Pará

Taxas de juros abonadas aos depositantes, de acôrdo com a circular n. 207, de 20-9-1950, expedida de acôrdo com a instrução n. 34, de 17-8-1950, da Superintendencia da Moeda e do Crédito.

MODALIDADE	CONDIÇÕES	TAXAS
Depósitos populares	(até Cr\$ 10.000,00)	5 % a. a.
Depósitos limitados	até Cr\$ 100.000,00	4 % a. a.
	até Cr\$ 50.000,00	4,1/2 % a. a.
Depósito sem limite		3 % a. a.
Depósitos prazo fixo	(mínimo de 12 meses)	6 % a. a.
	(aviso de 30 dias)	4 % a. a.
	(aviso de 60 dias)	4,1/2 % a. a.
	(aviso de 90 dias)	5 % a. a.
	(aviso de 120 dias)	5,1/2 % a. a.

do que, merecendo aprovação, estão embarcadas para o Brasil.

O custo total da encomenda atinge a 193 milhões de cruzeiros e os respectivos pagamentos serão cobertos com os congelados em francos existentes na França, como saldo de operações anteriores.

Algumas das locomotivas em construção possuirão características ainda não conhecidas em nosso país e serão dotadas de pressão superior à comumente usada em nossas linhas de bitola estreitas. O Brasil já realizou metade dos pagamentos relativos à encomenda e os restantes 50% serão pagos na entrega de cada unidade construída. Os recursos financeiros para completar a operação já se acham à disposição da Comissão Fiscal Brasileira localizada em Paris.

As noventa novas locomotivas se destinam às ferrovias da União e serão distribuídas entre a Central do Brasil, Estradas de Ferro Leopoldina, Leste Brasileiro e Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

ALTA DO CUSTO DE VIDA

Em conferência realizada na sede da Bolsa de Mercadorias de São Paulo, seu presidente, Sr. Fernando de Almeida Prado demonstrou que nos últimos cinco anos o custo de vida da classe operária aumentou de 232,2 para 380, não havendo até agora indícios de melhoria, o que con-

sidera uma grave situação acrescentando que os produtos de alimentação indispensáveis à vida se tornam cada vez mais escassos e mais caros.

Como meio para sanar este estado de coisa o conferencista propôs o aumento geral da produção, a fim de atingirmos a uma face de prosperidade econômica, sólidamente estabelecida, e isso depende de fatores condicionados a uma política monetária que estimule a produção e na qual devem figurar a estabilidade e a revitalização do valor da moeda, a livre articulação da estrutura dos preços, o incentivo ao investimento e à produção pelo juro baixo, importação sem empicilho dos produtos essenciais à expansão das atividades produtivas.

OS PREÇOS DA CARNAÚBA

O "Jornal Of Commerce", de Nova York, acaba de veicular uma notícia que interessa de perto ao comércio brasileiro da cera de carnaúba, produto cuja exportação proporcionou ao nosso país a elevada soma de US\$15.800.000 em 1950. Segundo o referido jornal, em uma reunião realizada em Washington, no dia 28 de março último, representantes de várias indústrias norte-americanas consumidoras daquela cera insistiram pela redução dos seus preços junto ao Sr. Michael Di Salle, diretor da junta de Estabilização de Preços.

Não jogue
com o futuro
de
seus filhos!



Nenhum pai poupa sacrifícios pela felicidade de seus filhos. Ainda assim, muitos pais jogam com essa felicidade, porque asseguram o presente, sem pensar no futuro. Não jogue com o futuro de seus filhos. Garanta-o, em qualquer hipótese, através do seguro de vida, que lhes permitirá a edu-

cação e o encarecimento, aconteça o que acontecer. Para sua própria tranquilidade, procure conhecer os planos de seguro de vida da Sul America. Um agente está à sua disposição para mostrar, sem compromisso, qual o plano mais adequado a seu caso e à proteção futura de seus filhos.

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA
Fundada em 1895



À SUL AMERICA — CAIXA POSTAL 971 — RIO
Queiram enviar-me um folheto com informações
sobre o seguro de vida.

11-YYYY-1 3 9

Nome _____
Data do Nasc.: dia _____ mês _____ ano _____
Profissão _____ Casado? _____ Tem filhos? _____
Rua _____ N.º _____ Bairro _____
Cidade _____ Estado _____

Oça, como a
voz de um amigo, a
palavra do agente
da Sul America.

ALGUNS LIVROS

"Caçando e Pescando por todo o Brasil" (4.ª série, Francisco de Barros Junior) é livro que empolga e ensina; abrange Norte, Nordeste, Marajó, Grandes Lagos, Madeira e Mamoré; "Viagem fluvial do Tieté ao Amazonas", obra clássica de Hercules Florence, versão do Visconde de Tauny, deve estar em todas as boas bibliotecas; "Educação dos Filhos", de Constâncio C. Vigil, tradução de Eduardo Tourinho, fala do coração das mães; "Caricatura dos tempos", também das Edições Melhoramentos, mostra que seu autor, Belmonte, além de caricaturista e escritor era profeta, pois se reunem, nesse álbum, mais de duzentas charges deliciosas com a previsão do momento atual. *

Beijos,
Canção de
Amor..

Fela insistência dos admiradores é que foi feita esta nova edição de "Beijo, canção de amor...", livro de João Guimarães, um de nossos mais queridos colaboradores. Filólogo, orador, professor e jornalista, temperamento ardente — como mostra a sua paixão à poesia de Castro Alves — João Guimarães nos faz admirar, em "Beijo, canção de amor...", a sua imaginação transbordante e o seu lirismo impetuoso. O amor é o tema que abrilhanta todas as páginas do volume, mimoso como uma flor. É livro que as moças leirão sofregamente.

CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
À VENDA EM TODA A PARTE



AGUA PURA
SAUDE SEGURA
SO' COM VELAS
ESTERILISANTES
SENUN

Caspa?
Petroleo
Soberana

Dr. Ubaldo Veiga
ESPECIALISTA EM
DOENÇAS DA PELE E SIFILIS

Chefe desta clínica na Beneficência Portuguesa. Consultas: Rua do Ouvidor 183, 5.º andar — sala 504 — nas 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras das 16 às 17,30 horas.

DR. OSVALDO SERRA
DA
FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA

Doenças da Pêe e Sifilis

Tratamento especializado da cutis, cravos, espinhas, manchas da pele, verrugas, sinais congênitos (nevus), extração de pêlos da face. Tratamento de varizes, úlceras, eczemas crônicas e alérgicas, urticárias, doenças dos cabelos e unhas. Tratamento dos angiomas e cânceres da pele pelo RADIUM (Radioterapia).

Ondas curtas, Ultra-violeta, Infra-vermelho, Neve-carbonica, Diatermia, Radium.

Consultório: Rua 13 de Maio, 23 — Edifício Darke-7.º and. — salas 723/. Consultas diárias das 16 às 19 horas exceto aos sábados.

Empresa de Propaganda
Gontram Ltda.

A Empresa de Propaganda Gontram Ltda., uma das mais prestigiosas e conceituadas organizações publicitárias desta Capital, a cuja frente se encontram dois profundos conhecedores do métier, Srs. Luiz Gontram Moreira Nunes e J. A. de Souza Ramos, acabam de anunciar o ativo e passivo da Panam Propaganda Rio Ltda., que encerrou suas atividades nesta Capital em Março último, conforme distrato social devidamente processado.

A Panam Propaganda S/A. — famosa "Casa de Amigos", com sede em São Paulo. (Rua Barão de Itapetinga, 224 - 3.º andar), cujas relações com a Panam Propaganda Rio consistiam na identidade de nome e num sócio comum (J. A. de Souza Ramos, será representada no Rio de Janeiro pela nova firma.

FALTA

CONTRA - CAPA